



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANAS -DLH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

FELIPE VIEIRA ROSENDO

***A HORA DA ESTRELA E A INFLUÊNCIA SOCIAL EM RELAÇÃO A
CONSTRUÇÃO CRÍTICA DO SUJEITO***

**CATOLÉ DO ROCHA PB
2024**

FELIPE VIEIRA ROSENDO

***A HORA DA ESTRELA E A INFLUÊNCIA SOCIAL EM RELAÇÃO A CONSTRUÇÃO
CRÍTICA DO SUJEITO***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras Português.

Área de concentração: Análise do Texto Literário.

Orientador: Prof. Me. Jeferson Silva da Cruz

CATOLÉ DO ROCHA

2024

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R813h Rosendo, Felipe Vieira.

"A hora da estrela" e a influência social em relação à construção crítica do sujeito [manuscrito] / Felipe Vieira Rosendo. - 2024.

85 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2024.

"Orientação : Prof. Me. Jeferson Silva da Cruz, Departamento de Letras e Humanidades - CCHA".

1. Invisibilidade. 2. Consciência. 3. Introspecção. 4. Sujeito. 5. Crítica. I. Título

21. ed. CDD B869.3

FELIPE VIEIRA ROSENDO

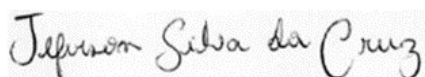
**A HORA DA ESTRELA E A INFLUÊNCIA SOCIAL EM RELAÇÃO A CONSTRUÇÃO
CRÍTICA DO SUJEITO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras Português.

Área de concentração: Análise do Texto Literário.

Aprovado em: 21/ 11 / 2024

BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. Jeferson Silva da Cruz (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Documento assinado digitalmente

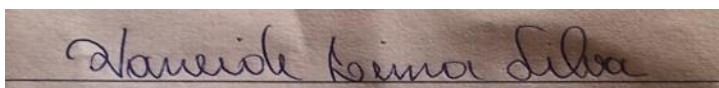


JOSE HELBER TAVARES DE ARAUJO

Data: 27/11/2024 06:34:14-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. José Helber Tavares de Araújo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Vaneide Lima Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

CATOLÉ DO ROCHA
2024

Dedico este trabalho a todas as Macabéas que tiveram seus sonhos postergados e esmagados em virtude de um sistema opressor.

RESUMO

A reflexão sobre a ausência crítica, mediante a um contexto de invisibilidade social, abarca a temática de discussão relativa ao pensamento pós-moderno em nosso contexto atual. Na narrativa “*A hora da Estrela*” da escritora Clarice Lispector, é possível observar a exploração sobre as nuances de consciência da protagonista Macabéa uma vez marcada por inúmeras lacunas ao decorrer de sua construção enquanto sujeito. Nesta pesquisa, de cunho bibliográfico, objetivamos refletir a partir de uma análise que focaliza a discussão da personagem, bem como os apontamentos do narrador Rodrigo S.M., a nordestina inserida como vítima de um sistema opressor, frisando o seu não posicionamento crítico nesse cenário no que infere Rodrigo. Desse modo, busca-se estabelecer um vínculo com a obra, discutindo como seu contexto social dialoga com seu posicionamento crítico, dentro da compreensão crítica interior. Nesse sentido, para investigar a personagem sobre a perspectiva da narrativa, haverá o embasamento com as obras de Moisés (2007), Mignolo (2007), Pinheiro (2011), Bosi (2015) e Amaral (2017), entre outros. Realizando uma análise fomentada nas fronteiras da literatura, perante as reflexões sobre as perspectivas de introspecção do indivíduo e como isso se relaciona com as questões internas da essência do ser. Os nossos resultados apontam para a compreensão do sujeito enquanto “Martin” de sua realidade, constituindo que a protagonista não teve um preparo para compreender e desenvolver-se mediante as construções sociais, dialogando com a vida numa perspectiva inocente. Outro fator obtido nesta pesquisa aponta que sua ausência crítica conseguiria ser contornada a partir da convivência e troca das experiências com sujeitos mais analíticos, como a cartomante Carlota. Portanto, nossa proposta busca debater com a protagonista Macabéa, abordando as concepções relativas a conceber o pensamento crítico do sujeito dentro do âmbito social.

Palavras-chave: invisibilidade; consciência; introspecção; sujeito; crítica;

ABSTRACT

The reflection on the absence of criticism, in a context of social invisibility, encompasses the theme of discussion regarding postmodern thought in our current context. In the narrative “*The Hour of the Star*” by the writer Clarice Lispector, it is possible to observe the exploration of the nuances of consciousness of the protagonist Macabéa, once marked by numerous gaps throughout her construction as a subject. In this research, of a bibliographic nature, we aim to reflect based on an analysis that focuses on the discussion of the character, as well as the notes of the narrator Rodrigo S.M., the northeastern woman inserted as a victim of an oppressive system, emphasizing her lack of critical positioning in this scenario in what Rodrigo infers. In this way, we seek to establish a link with the work, discussing how its social context dialogues with its critical positioning, within the internal critical understanding. In this sense, to investigate the character from the perspective of the narrative, we will base ourselves on the works of Moisés (2007), Mignolo (2007), Pinheiro (2011), Bosi (2015) and Amaral (2017), among others. We will conduct an analysis fostered within the frontiers of literature, in light of reflections on the perspectives of introspection of the individual and how this relates to the internal issues of the essence of being. Our results point to the understanding of the subject as “Martin” of his reality, constituting that the protagonist was not prepared to understand and develop himself through social constructions, dialoguing with life from an innocent perspective. Another factor obtained in this research indicates that her critical absence could be overcome through coexistence and exchange of experiences with more analytical subjects, such as the fortune teller Carlota. Therefore, our proposal seeks to debate with the protagonist Macabéa, addressing the concepts related to conceiving the critical thinking of the subject within the social sphere.

Keywords: invisibility; consciousness; introspection; subject; criticism

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	08
2. A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO LITERÁRIO.....	10
2.1 A consciência modernista de Clarice Lispector	10
2.2 O sujeito em análise dentro da literatura.....	20
2.3 A introspecção do sujeito na literatura intimista	31
2.4 O narrador no desenvolvimento da História	41
3. CONSCIÊNCIA, IDENTIDADE E A INFLUÊNCIA DO CONTEXTO	
SITUACIONAL	47
3.1 As perspectivas analíticas psicológicas da protagonista posicionadas a partir	
de seu contexto situacional.....	47
3.2 A Sustentação do Estado de "Prisão Utópica" de Macabéa na Ausência	
Crítica e Contexto Situacional.....	59
3.3 Impacto da Ausência Crítica na Identidade Analítica da Personagem Macabéa	
.....	64
3.4 Reflexo do Estado de Adormecimento da Consciência Crítica de Macabéa na	
Visita à Cartomante	73
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
REFERÊNCIAS	84

INTRODUÇÃO

Abordar o sujeito enquanto objeto de análise constitui dentro da literatura um percurso de inquietações manifestadas através da leitura da obra. Nessa perspectiva, surgem, através do processo de leitura, problemas identificados como instrumentos a serem debatidos em uma pesquisa. Investigar o sujeito abre espaço para tais indagações norteadas por objetivos e uma metodologia de pesquisa. Na construção da presente exploração, nosso percurso investigativo se constituiu a partir de uma pesquisa de cunho bibliográfico, onde nossas reflexões se deram mediante como o contexto social de Macabéa consegue afetar o seu (não) posicionamento crítico.

Nessa perspectiva, amparamos nossos tópicos de discussão relacionados a quais perspectivas analíticas psicológicas da protagonista estão posicionadas a partir de seu contexto situacional, assim como o estado de prisão utópica de Macabéa se sustenta na ausência crítica dentro de seu cenário. Perante isso, a constituição da análise segue um percurso de como a ausência crítica afetou a identidade analítica da personagem, explorando ainda como a visita de Macabéa à cartomante reflete seu estado de adormecimento em relação à sua consciência crítica.

Dado o exposto, exploramos o decorrer do estudo de que maneira o contexto social pode influenciar a partir do horizonte crítico das perspectivas de análise da protagonista, debatendo como o estado de aprisionamento crítico da protagonista reflete nas situações vivenciadas de modo a exprimir sua “impessoalidade” nas tomadas de decisão. Investigar como a ausência de perspectiva crítica impactou a identidade crítica da personagem Macabéa de modo a tornar-se agente passivo em seu contexto social segue nas perspectivas sobre a articulação do debate de como o estado de adormecimento crítico do sujeito é expresso em sua visita à Madame Carlota, refletindo em sua realidade social.

Ao adentrarmos no campo da literatura, nos deparamos com a análise do sujeito perante as perspectivas relacionadas ao estudo relativo ao *eu* sujeito, dentro de seus estados intimistas, pelas quais se constitui um percurso investigativo amparado sobre a observação de Macabéa, indivíduo literário concebido por Clarice Lispector.

Para tanto, a presente pesquisa trata-se de uma investigação de natureza bibliográfica, visto que, para Manzo (1971), esse tipo de análise “oferece meios para definir, resolver, não somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas onde os problemas não se cristalizaram suficientemente” (Manzo, 1971, p. 32).

A análise bibliográfica constitui-se como um recurso do qual procede de modo a dialogar ao longo do processo investigativo, possibilitando, a partir do contato com o texto, um olhar focalizado ao que permeia nosso objeto de discussão.

Sabendo disso, nosso aporte bibliográfico baseou-se nas perspectivas teóricas de autores como Cândido (1968), Nunes(1995), Rosenbaum (2002), Mignolo (2007), Sibila(2007), Moisés (2007), Azevedo (2011), Amorim (2011), Gomes (2013), Bosi (2015), Silva (2015), Jatobá (2015) e Amaral (2017). Dados teóricos foram utilizados, uma vez que argumentam com a perspectiva de análise no texto literário e com a escrita de Clarice Lispector.

Com base nessas orientações, a pesquisa adotou uma abordagem qualitativa analítica que segundo Godoy (1995) “Compõe-se de um conjunto de técnicas parciais que, embora tenham a mesma meta — explicitação e sistematização do conteúdo das mensagens —, assumem uma grande disparidade de formas, adaptadas aos tipos de documentos e objetivos dos pesquisadores.” Godoy (1995, p. 24). Perante isso, buscamos, através do presente estudo, discutir o texto amparado sobre o que afirma os dados tratados pelos autores em diálogo.

2. A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO LITERÁRIO

No presente tópico, apresentamos os fundamentos teóricos utilizados para fundamentar a presente pesquisa. Para tanto, dialogamos com autores de cunho literário que contribuíram plenamente para o aprofundamento da metodologia de análise dentro da pesquisa do texto literário. A abordagem dos presentes teóricos constitui uma perspectiva sobre o processo de análise do sujeito literário, assim como se embasa o *ser* sujeito perante a escrita de Lispector, bem como o contexto situacional do modernismo no qual a obra “*A Hora da Estrela*” foi constituída. Para tanto, é refletido ao decorrer do processo sobre as percepções da consciência do sujeito pós-moderno ilustradas pela autora.

2.1 A consciência modernista de Clarice Lispector

A obra “*A hora da Estrela*” estabelece um diálogo com o que permeia as raízes da terceira geração modernista no Brasil, existe nesse cenário as experiências da linguagem relativas ao ambiente literário, além de conseguirmos observar no decorrer desse processo a metamorfose no que diz respeito à sociedade. A renovação presente no movimento modernista, bem como os laços que se cruzam sob as perspectivas da narrativa do *eu*, onde existe uma abordagem voltada para como os sujeitos se enxergam em sociedade, perante a sua consciência de classe, dialoga com o contexto que permeia o pano de fundo da obra.

O movimento literário do Modernismo é o responsável por dar o estopim para o início da fase de reexaminar-se, abordando questões relacionadas ao olhar do que se conhece da argumentação de *si*, dialoga intrinsecamente com o despertar de uma nova visão crítica em sociedade.

Nessa perspectiva, Bosi (2015, p. 354) esboça que:

Se por Modernismo entende-se exclusivamente uma ruptura com os códigos literários do primeiro vintênio, então não houve, a rigor, nenhum escritor pré-modernismo. Se por Modernismo entende-se algo mais que um conjunto de experiências de linguagem; se na literatura que se escreveu sob o seu signo representou *também* uma crítica global às estruturas mentais das velhas gerações e um esforço de penetrar na mentalidade brasileira.

Explicar sobre a crítica global da ruptura, onde surgem novas perspectivas contrárias à mentalidade de velhas gerações, como o realismo, naturalismo e parnasianismo, relaciona-se ao que podemos definir como alterar o nosso campo de visão sobre a perspectiva interior de cada sujeito. O despertar para uma consciência modernista, no que diz respeito ao campo da análise crítica, implica na busca por romper com os padrões de velhos pensamentos, para tanto é necessário como um argumento singular da realidade, uma prosa relacionada à essência do

sujeito que se investiga ao decorrer da pesquisa. Os caminhos para as características intrínsecas presentes dentro da submersão de *si*, estão em diálogo constante com o que defende o pensamento pós-moderno.

Tal experiência, relacionada ao estilo de escrita de Lispector em sua obra, adentra no abranger da ficção interior. Clarice explana uma linguagem sobre o universo pessoal de um agente invisibilizado socialmente. “Também que é que ela podia fazer? Pois era crônica. E mesmo tristeza também era coisa de rico, era para quem podia, para quem não tinha o que fazer. Tristeza era luxo” (Lispector, 1977 p. 55). Existe, assim, a exploração do sujeito perante a consciência marcada pela miséria, sendo vítima de um sistema.

A antológica narrativa da nordestina, natural de Alagoas, é construída sob a base de que a mesma não dispõe de clareza existencial quanto a seu contexto, o que carrega consigo uma crítica ao pensamento parnasianista, sobre a ideia de a consciência ser cedida aos grupos de poder em tal cenário. O monólogo presente em tal narrativa, aborda as questões íntimas do pensamento crítico no que se associa à aquisição da consciência, tendo, de tal modo argumentativo, a submersão com as características interiores da personagem.

Em sua obra, Bosi (2015, p. 450) afirma que:

pela consciência construtiva, pelo uso de símbolos gráficos que abrem e pontuam o monólogo interior; enfim, pela tensão metafísica que supera o nível psicológico “médio” e meridiano e desvenda nexos mais íntimos e dinâmicos entre o *eu*, o outro e os objetos. Segundo uma distinção do próprio autor, as suas inovações fazem-se no *modo de organizar* o todo narrativo e não na estrutura da *língua romanesca*; parecendo-lhe mais fecunda a primeira alternativa, e a obra, um beco sem saída.

As perspectivas interiores de Clarice, quando explanadas na análise do *eu*, trazem um formato no que diz respeito ao todo narrativo completamente diversificado e complexo, sua abordagem traz uma ficção que implica ir além da descrição e leitura, tendo de chegar além da simples interpretação e formação de uma crítica perante o personagem apresentado. Os traços estruturais de escrita, bem como sua forma única de compor a análise de Macabéa, marcaram a psicologia de sua obra, havendo em “*A hora da estrela*” um entrelaçar com a submersão de *si* dentro da exploração total dessa essência.

Para desvendar Clarice Lispector, é necessário mergulhar em sua obra e nos detalhes que abrange, visando construir uma análise literária nas inúmeras possibilidades das quais a mesma dispõe. Nessa perspectiva, o diálogo para com os aspectos vinculados entre dada obra e o que aflige as bases sociais atualmente no encontro com *eu* moderno. Nesta investigação, o tema se relaciona com o contexto da obra para com a vertente social presente, observando sempre a crítica defendida e a manifestação das interpretações observadas.

Assim, dialogando com Bosi (2015, p.452) :

O uso intensivo da metáfora insólita, a entrega ao fluxo da consciência, a ruptura com o enredo factual tem sido constantes do seu estilo de narrar que, na sua manifesta heterodoxia, lembra o modelo batizado por Umberto Eco de “opera aberta”. [...] Há na gênese dos seus contos e romances tal exacerbação do momento interior que, a certa altura do seu itinerário, a própria subjetividade entra em crise. O espírito, perdido no labirinto da memória e da autoanálise, reclama um novo equilíbrio.

Os ideais presentes no movimento modernista, estão atrelados à narrativa de Clarice Lispector, uma vez que a obra está inserida no movimento, já que traz aspectos relativos a criações da época. A obra explora vertentes ligadas a uma linguagem de liberdade, onde a explanação dos aspectos relacionados à consciência do sujeito, pode ser observado de modo totalmente abrangente, uma vez que dada perspectiva é abordada pelas estruturas do movimento modernista, com o enfoque no acordar do pensamento crítico.

Os aspectos narrativos de Clarice Lispector buscam na percepção do leitor tudo o que o modernismo prega, a visão do mundo de forma diversificada a partir da reflexão, a crítica social com uma nova roupagem, onde dentro da linguagem busca se desvencilhar de ideais arcaicos, como a inclusão de palavras de cunho popular em sua obra. A grande questão de “*A hora da Estrela*” está na descoberta, perceber Macabéa enquanto sujeito, exige entender os porquês de sua indiferença enquanto agente nesse cenário, uma vez que existem razões claramente posicionadas para tanta inocência em um mesmo sujeito.

Dentro do movimento modernista, Bosi (2015, p. 452) esboça tais aspectos:

O antropólogo Lévy-Bruhl propôs, nos seus últimos *Carnets*, a diferença entre a mente primitiva e a civilizada exatamente em termos de *participação* para primeira e *distância* para a segunda. Nesta, o outro é sempre objeto de desejo ou de medo, de conhecimento ou de mistério. Naquela, ao contrário, há sempre uma integração dos polos. Ora, numa romancista ocidental e culta (o que não quer dizer “sofisticada”), a integração nunca poderia ser um dado, mas um projeto, uma árdua conquista.

A integração em árdua conquista abordada por Bosi, está associada a mente primitiva e civilizada perante os desdobramentos do movimento modernista, visto que, busca se desvencilhar com o arcaico, abrindo espaço para o novo conceito do *ser*, aplicando assim os horizontes do indivíduo segundo as perspectivas modernistas. A obra “*A hora da Estrela*” de Lispector (1977), provoca com sua leitura a absorção de uma intrínseca crítica à sociedade, se atrela à aproximação do pensamento pós-moderno relacionado ao fluxo de consciência do sujeito. O despertar para a criticidade, é defendido pela autora na absorção do *eu*, enquanto sujeito inserido na realidade.

Na obra, há a explicação de como o sujeito Macabéa enxerga sua realidade, sendo visto muitas vezes como um indivíduo passível a ela, necessitando de uma consulta a uma cartomante para saber que tinha uma vida nada agradável. Ocorre, assim, a explanação de

um sujeito que dispõe de um olhar limitado, não por sua culpa, mas por ser vítima de um sistema, expondo a dura realidade com olhar do movimento modernista. Enquanto Macabéa está para o pensamento de uma consciência crítica com várias limitações, a cartomante Carlota, está para a explanação da liberdade dentro de seu *ser*, em ambos os casos, existe a esfera da introspecção, apresentada na visão social pela autora.

Bosi (2015, p. 454) afirma nesta perspectiva que:

A palavra neutra de Clarice Lispector articula essa experiência metafísica radical valendo-se do verbo “ser” e de construções sintáticas anômalas que obrigam o leitor a repensar as relações convencionais praticadas pela sua própria linguagem [...] o que a escritura de Clarice Lispector anuncia na esfera da ficção introspectiva dá-se também na do romance voltado para o horizonte social. Serão as vicissitudes do regionalismo em nossos dias.

Há dentro da abordagem o processo de decoloneidade, que diz respeito ao conquistador e conquistado. Em diálogo, Mignolo, Oliveira (2016) constituem que “O pensamento descolonial e as opções descoloniais (isto é, pensar descolonialmente) são nada menos que um inexorável esforço analítico para entender, com o intuito de superar, a lógica da colonialidade por trás da retórica da modernidade” Mignolo, Oliveira (2016, p. 06). A explanação parte do viés de destruir e reconstruir o olhar do sujeito humano marginalizado perante o reflexo da sociedade, traços também observados no modernismo.

Assim, o fluxo de consciência presente nas bases do movimento modernista, dialoga com a compreensão das bases sociais perante as relações do eu/outro. Nessa perspectiva, dá-se ênfase à consciência do sujeito que é assujeito, em sua existência, em detrimento dos grupos subalternos. O uso constante do giro decolonial na abordagem Clariceriana, é utilizada para adentrar as perspectivas da submersão de um despertar da consciência do sujeito, assim, enquanto posicionado em seu ambiente social, existe o diálogo com a crítica ao arcaico e a defesa pelo olhar perante o moderno.

Os desdobramentos, por sua vez, buscam perceber na perspectiva interpretativa o enxergar de personagens tão rotineiros quanto Macabéa, como exemplos claros do indivíduo invisibilizado inserido na grande metrópole.

Nessa perspectiva, Mignolo (2007, p. 20) afirma que:

Um componente básico do grupo modernidade/colonialidade é a crítica da Formas eurocêntricas de conhecimento. Segundo Quijano e Dussel, o eurocentrismo é uma atitude colonial em relação ao conhecimento, que se articula em simultaneamente com o processo de relações centro-periferia e hierarquias étnico-raciais. A superioridade atribuída ao conhecimento europeu em muitas áreas da vida, foi um aspecto importante da colonialidade do poder no sistema-mundo. O conhecimento subalterno foi excluído, omitido, silenciado e ignorado. Desde o Iluminismo, no século XVIII, esse silenciamento foi legitimado na ideia de que tal conhecimento Representaram uma fase mítica, inferior, pré-moderna e pré-científica do conhecimento humano.

Existe, dentro da articulação simultânea da linguagem de Lispector (1977), a comunicação para com o modernismo, o diálogo crítico com o que defende Mignolo (2007) em seu pensamento, onde o processo de relações centro-periferia se induz com a imagem de Macabéa perante o seu contexto social. A protagonista, passa por uma realidade cercada de grandes privações, sobretudo as de informações, ela se encontra em uma metrópole posicionada contrária a ela, assim o conhecimento subalternizado no processo de colonialidade, aqui, induz a visão desse sujeito das perspectivas do *eu*.

O fato da nordestina não ter tido acesso a indicações de conhecimentos para maiores reflexões, está posicionado a sua exclusão enquanto um grupo subalternizado na sociedade, de tal modo que, perante o contexto da personagem, em sua existência é possível observar que não dispõe de nenhum traço de repertório crítico. Na narrativa apresentada, é possível ver a todo o momento a crítica da construção e privilégios para com o conhecimento de análise crítica, no que diz respeito à ilustração da marginalização do conhecimento de Macabéa enquanto integrante do grupo que usufrui da miséria extrema.

Mignolo (2007, p. 26) aborda que:

se a colonialidade é constitutivo da modernidade, uma vez que a retórica salvacionista de a modernidade já pressupõe a lógica opressiva e condenatória da colonialidade (daí os malditos de *Fanon*), essa lógica opressiva produz uma energia de descontentamento, desconfiança, distanciamento entre aqueles que reagem diante da violência imperial. Essa energia se traduz em projetos descoloniais que, em última análise, também são constitutivos da modernidade. A modernidade é uma hidra de três cabeças, embora mostre apenas uma: a retórica de salvação e progresso. Colonialidade, uma de cujas facetas é a pobreza.

A grande miséria na realidade da nordestina Macabéa, é o fator provocativo ao leitor ao decorrer da interpretação gradual da obra. Mignolo (2007) apresenta, em sua perspectiva, a defesa referente à modernidade e como, ao longo de suas facetas, existe a retórica de salvação e progresso perante o que realmente é visto com a chegada do movimento modernista no Brasil. Existe também o emprego da colonialidade, ou seja, onde estão inseridos a grande elite, que por sua vez, destina, segundo o autor, como o rosto da pobreza, visto que as massas sociais dominantes têm na perspectiva de poder oprimir mais ainda a fatia dominada.

Na presente perspectiva, percebemos o quanto intrínseco está associado o tema à tal construção do assujeitamento perante a questão social de Macabéa, onde é constantemente explorada pela ótica da precariedade e ausência de saberes. A subsistência está enquadrada também nas noções do personagem, perante o que constitui, assim: “Ela toda era um pouco encardida, pois raramente se lavava [...] Uma colega de quarto não sabia como avisar-lhe, seu cheiro era murrinhento” Lispector (1977, p. 24).

Existe ao decorrer da narrativa, a descrição de ausências de senso crítico da personagem, nesse cenário o modernismo, responsável pela desconstrução do pensamento elitista, trata sobre os aspectos para promover a liberdade analítica, mostrando ao oprimido a realidade, para subsequentemente haver a tomada de consciência.

Nessa perspectiva, Bosi (2015, p. 419) defende que:

Nos romances em que a tensão atingiu o nível da crítica, os fatos assumem significação menos “ingênua” e servem para revelar as graves lesões que a vida em sociedade produz no tecido da pessoa humana: logram por isso alcançar uma densidade moral e uma verdade histórica muito mais profunda. Há menor proliferação de tipos secundários e pitorescos: as figuras são tratadas em seu nexo dinâmico com a paisagem e a realidade socioeconômica.

Macabéa que, além de uma sub vida cercada de privações, tem negado o direito ao conhecimento devido às imposições das massas sociais colonizadoras. Para tanto, uma vez inserida nesse cenário de miséria, a autora constrói sua narrativa em cima da crítica e reflexão do sujeito sob inúmeros aspectos sociais.

Perante a obra, há o uso da consciência de análise crítica enquanto sujeito, existe a denúncia e um porquê de a protagonista ter o olhar que tem para a vida, assim é abordado

dentro da obra a sua subjetividade, suas perspectivas, bem como o irreal se induz na sua experiência, assim como seu psicológico reflete e permeia suas ações.

A constituição por vez, explora o viés da possibilidade sobre a estrutura da crítica no pensar do sujeito, seus estados mais íntimos e como reage nas trocas de comunicação em sociedade, assim no que diz respeito ao todo. Existe nessa abordagem de questões sociais, perspectivas de introspecção e modernidade sobre o uso da decoloneidade, visto que está intimamente associada ao modernismo e ao pensamento sujeito pós-moderno.

A narração como recurso utilizado na obra, traz a ideia de tal denúncia, sempre explanando a realidade de Macabéa e a estrutura de seu pensamento, posicionado a sua compreensão de análise perante a sua vida, Rodrigo S.M é o responsável por várias exposições de verdade em argumentação com o leitor.

Bosi (2015, p. 420) constitui que:

Passa-se do “tipo” à expressão; e, embora sem intimismo, talha-se o *caráter* do protagonista. Outra ainda é a constelação que se dá na prosa subjetivante. Subindo ao primeiro plano os conteúdos da consciência nos seus vários momentos de memória, fantasia ou reflexão, esbatem-se os contornos do ambiente, que Passa a atmosfera; e desloca-se o eixo da trama do tempo “objetivo” ou cronológico para a duração psíquica do sujeito.

A prosa subjetivante, adentra sob as perspectivas intimistas da protagonista, assim, perante sua realidade, existe em tal narrativa um mergulho constante na estética psicológica, da qual é intrinsecamente associada ao *eu* do sujeito moderno, no qual se cogita trazer uma associação ao código novo. O ato de se desvencilhar com os moldes antigos, inquire sobre o que diz respeito às perspectivas de *si* perante sua vida, como rege seu pensamento em contato

com o mundo, como dialoga com as profundezas de sua consciência, como isso reflete em um estado de introspecção.

O modernismo traz dentro de sua ampla bagagem, um chacoalhar dentre as perspectivas dos sujeitos, em seu pensamento intimista, Clarice Lispector medita sobre essa abertura, da qual o sujeito dispõe em relação a *si*, ou seja, como se enxerga e digere as situações enquadrando-se a elas. A essência do sujeito contemporâneo, está relacionada ao movimento da modernidade, pois somos hoje resultados de lutas por direitos de um pensamento livre e estéril a explicações cobertas de alienação, somos a consequência da liberdade do pensamento racional e reflexivo.

Em tese, Sibila, (2007, p. 82) esboça que:

Infinitos dados, acontecimentos vividos ou fantasiados, pessoas queridas ou esquecidas, sonhos, desejos inconscientes, firmes ambições, vontades inconfessáveis, medos, afetos, ódios, amores, dúvidas, certezas, dores, alegrias, lembranças traumáticas ou difusas... enfim, todos os sedimentos da experiência vivida e da imaginação de cada um. Se pudesse ser conhecida — acredita-se — toda essa polpa misteriosa resguardada sob a pele e no âmago de cada indivíduo seria capaz de revelar o que cada um é. Mas esse desvendamento não é nada simples, pois tal acúmulo substancial é etéreo, gasoso, imaterial; é feito da matéria dos sonhos, aquela que inexplicavelmente nos constitui: volátil, fluída, espectral. Tudo isso é intangível, seus contornos apenas podem ser intuídos ocasionalmente, como um clarão que subitamente reluz e logo se esvai, entrevisto de maneira enviesada, turva, confusa, seja por acaso ou após um árduo trabalho de introspecção. Tal é, ao menos, uma caracterização daquilo que constituiria “a essência do homem moderno”.

O desvendar inquirido pela autora, está relacionado à introspecção de *si* enquanto sujeito, algo extremamente complexo, pois tal reflexão exige uma maior abertura para análise no que diz respeito à consciência de *si* enquanto sujeito crítico. Essa intencionalidade analítica, foi algo debatido com a desconstrução do pensamento parnasianista em relação aos grupos colonizados sob a linha da extrema pobreza.

Para tanto, adentrar as fronteiras da decoloneidade de Clarice Lispector, da qual desbrava sobre as páginas de “A hora da Estrela”, é descobrir os intangíveis contornos do *eu* sujeito de Macabéa, algo extremamente complexo.

A natureza da introspecção é abordada de modo bem temático por Lispector, apesar de em inúmeras passagens ela afirmar que Macabéa não sabe realizar o ato, fica claro que sua abordagem está relacionada a uma crítica em relação ao movimento anterior. Existe no texto, o emprego de uma crítica social que dialoga com o modernismo Lispector (1977) “há um sentido claro e direto, sem mistérios: a vida é cruel, injusta e dramática para os excluídos do progresso na metrópole brasileira.” Lispector (1977, p. 83).

Dado o exposto, existe o diálogo para com a consciência sobre a realidade social, onde nem todos puderam ter acesso às informações concernentes à formação dos aspectos críticos, nesse cenário, para conseguir fomentar perante a sua experiência uma perspectiva em meio ao seu contexto.

A literatura modernista, sobretudo a linguagem de Lispector, constrói seu percurso sobre o plano da contextualização das estruturas introspectivas, assim no que diz respeito ao campo de análise de cunho social, empenhando-se sobre o realismo.

Assim, dialogando com Bosi (2015, p. 415) esboça que:

O Modernismo e, num plano histórico mais geral, os abalos que sofreu a vida brasileira em torno de 1930 (a crise cafeeira, a Revolução, o acelerado declínio do Nordeste, as fendas nas estruturas locais) condicionaram novos estilos ficcionais marcados pela rudeza, pela captação direta dos fatos, enfim por uma retomada do naturalismo, bastante funcional no plano da narração-documento que então prevaleceria. Mas, sendo o realismo absoluto antes um modelo ingênuo e um limite da velha concepção mimética de arte que uma norma efetiva da criação literária, também esse romance novo precisou passar pelo crivo de interpretações da vida e da História para conseguir dar um sentido aos seus enredos e às suas personagens. Assim, ao realismo “científico” e “impessoal” do século XIX preferiram os nossos romancistas de 30 uma visão crítica das relações sociais.

A visão crítica das relações sociais abordada aqui por Bosi dialoga além do contexto social, parte com o que intrinsecamente se desvela sobre as perspectivas de consciência crítica do *eu* enquanto sujeito em análise. A natureza interior de tal agente que desvenda os imperativos sociais perante sua visão de mundo se associa em primazia com as concepções de reconhecimento das expectativas de suas peculiaridades, posicionadas então sobre as estruturas sociais.

Dialogando com Sibila (2007, p.86) :

Ao olhar para dentro de si, a fim de se conhecer profundamente, seria possível alcançar a verdadeira natureza: o eu como uma criatura. Assim, “conhecer a si mesmo” passou a ser um imperativo, uma via necessária para chegar a Deus. Segundo esta nova visão, era preciso fazer uma hermenêutica incessante de si, uma auto-reflexão radical e constante, pois no final dessa busca seria possível encontrar a transcendência. Nesses escritos pioneiros ficou delineada, então, uma primeira formulação do “interior” do sujeito como o lugar da verdade e da autenticidade, uma noção que se tornaria fundamental na cultura moderna.

Clarice Lispector, em suas estruturas modernistas, desvela a metamorfose da interioridade do sujeito, sobre o que diz respeito às estruturas psicológicas, posicionadas assim sobre seu panorama particular. A introspecção, nesse sentido, se afirma a partir do horizonte de análise constituída pela crítica, realizada pela autora na narrativa de sua estrela.

A nordestina, da qual não possui grande senso de *si*, interpela a vida sem se sentir infeliz, “Essa moça não sabia que era o que era, assim como um cachorro não sabe que é cachorro. Daí não se sentir infeliz” Lispector (1977, p. 24), assim, dentro da realidade, os conceitos de felicidade para ela eram vagos, pois não se entendia como sujeito.

A verdade interior de *si* é algo que só pode ocorrer caso o ser humano consiga realizar reflexões, sobre a razão do seu *eu* de modo a promover um processo de exteriorizar a consciência para o contexto das relações sociais.

Lispector entra no movimento com a imagem de uma linguagem mais introspectiva de seus personagens, provocando no sujeito o conhecimento interpretativo.

Assim, de acordo com Sibila (2007, p. 93):

o sujeito observador ganhou uma complexidade e uma opacidade que demandavam a auto-reflexão, a introspecção, a auto-exploração; enfim, aquela hermenêutica de si tão característica da subjetividade moderna. Essa auto-observação se dirigia tanto a esse corpo cuja espessura material passou a integrar o ato de perceber e observar, como também em direção à sua interioridade densa e opaca — aquela “vida interior”, singular e pessoal, que se tinha se tornado o eixo em torno do qual as subjetividades modernas passaram a se construir e definir. Além do corpo humano, então, a “interioridade psicológica” emergiu subitamente com uma densidade capaz de complicar (e enriquecer infinitamente) a antiga limpidez da relação Sujeito-Objeto.

O conhecimento pela autoexploração inquirida por Sibila, diz respeito à subjetividade moderna, onde em tal contexto os agentes presentes em sociedade são atualmente incentivados a promover pensamentos de reflexão de *si*, visto que estão posicionados em sociedade em diálogo com suas próprias perspectivas.

A partir disso, esse direcionamento concebe o conhecer-se a *si*, onde, por meio da consciência que, enquanto sujeito em diálogo social, deve-se constituir o diálogo próprio consigo para assim, entender-se ao ponto de conceber uma visão crítica. Para tanto, no que diz respeito ao seu processo pessoal de subjetividade, observa o exterior que se associa com o caminho traçado por Clarice em sua escrita interior.

Existe uma exploração em constante transformação do enriquecimento do sujeito em sua estrada de construção pessoal de *si*, assim progredindo para um grito, uma metáfora as estruturas sociais, desconstruindo em sua escrita o que os grupos de poder não querem que aos grupos marginalizados desenvolvam: A introspecção. A reflexão leva a patamares mais longínquos no contexto da sociedade contemporânea.

Clarice no modernismo, constrói com a sua escrita que é o fator para a abordagem nada convencional da reflexão, exposto de uma maneira bem distinta à realidade da nordestina, que por sua vez é resultado da ausência crítica, fruto da privatização do conhecimento no atual cenário narrado.

Assim, argumentando com Amaral (2017, p. 13):

Clarice Lispector é um dos grandes nomes da literatura brasileira da segunda metade do século XX, época de ouro, na medida em que havia também João Guimarães Rosa, João Cabral de Melo Neto, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, entre tantos outros. Os autores mencionados representam uma decantação do modernismo, uma redescoberta do Brasil em suas regiões mais pobres, inóspitas e desconhecidas. Clarice Lispector, por sua vez, traz elementos do romance moderno europeu, cujo centro é a consciência individual dilacerada, a qual despedaça a linguagem e desestrutura as convenções romanescas tradicionais.

Clarice Lispector remete na analogia de sua obra o pensamento modernista do “Quem sou eu?”,

tal reflexão transborda sobre as fronteiras do movimento visto que sua literatura a tornou um nome imortal, como uma personalidade afrente de seu tempo a sua escrita é hoje, tida como intrinsecamente direcionada a *si*.

Suas obras vêm sendo revisitadas constantemente, seja para refletir, analisar, criticar, se posicionar e indagar. Os textos, que, por sua vez, remetem a uma maior atenção para o ato de conhecer, refletem sobre a autenticidade do pensamento crítico, perante o contexto real, onde há nessa prerrogativa um esboço claro de como estamos posicionados e como o conhecemos. Esse autoconhecimento exerce um poder de liberdade perante os grupos marginalizados.

2.2 O sujeito em análise dentro da literatura

O campo da análise literária pode ser observado por várias óticas, sempre sendo composto por uma descrição do que se pretende debater no estudo. A pesquisa em literatura contempla inúmeros aspectos de investigação, dentre eles o sujeito em *si*. No percurso estabelecido em nosso estudo, a análise dos fatos ocorridos ao longo do trajeto da história de Macabéa, apresenta ao leitor uma visão abrangente sobre um novo olhar em relação ao contexto situacional da personagem.

Nessa perspectiva, nosso caminho de investigação entre as nuances das particularidades, se embasa sobre o estudo da investigação do sujeito dentro da literatura introspectiva. Articular a investigação sobre a personagem, envolve aspectos relacionados à leitura, análise e interpretação crítica sobre o sujeito, mas não só isso, devemos buscar um embasamento teórico para efetivar o vínculo entre o que estamos analisando e o que debatem outros autores, para assim articular o que estamos tratando de defender em nossa análise.

Para tanto dialogando com Amorim (2011, p.70):

Devemos indagar sobre as motivações de tudo que o texto contém, respeitando sua integridade. Mesmo tendo todo o direito à indagação, não podemos *inventar* o texto para a conveniência de nossa análise. Podemos pressupor e imaginar, mas não substituir o texto que temos diante de nós pelo texto que desejamos. A pressuposição e a imaginação, depois de seu *passaio*, devem voltar ao texto e cotejar suas inferências para ver se o texto as confirma ou as rejeita.

Dado o exposto, a articulação entre o nosso amparo teórico e a análise remonta sobre os aspectos do desmembramento de questões mais longínquas do texto pelo texto, está atrelada a explorar minuciosamente as vertentes do sujeito, uma vez inserido no percurso narrativo. Perante isso, busca-se, em meio a essa trajetória, desvendar os problemas existentes a partir de uma filtragem dos acontecimentos.

Nessa perspectiva, não basta somente explorar o sujeito, é preciso extrair as características referentes a todo o cenário, cuja vivência, personagens, acontecimentos, o que dado fato acarreta sua narrativa e como a sua perspectiva crítica interfere nos acontecimentos cujo exprime existência.

Além disso, dentro da investigação literária, os fatores externos também são considerados, visto que dada obra remonta a um período histórico, contendo dentro de suas entrelinhas características particulares do sujeito autor. A análise em literatura induz ao leitor inúmeras nuances para deter sobre sua pesquisa, e entre elas está a concepção de não anular o contexto social do qual a obra foi delineada.

Para Moisés (2007, p. 17):

o desmembramento de um texto põe a descoberto problemas e dúvidas que ele próprio nem sempre consegue resolver, simplesmente porque o texto (qualquer texto) remonta a uma ou mais tábuas de referência, cujo conhecimento se torna imperioso quando se pretende chegar aos sentidos ocultos na malha expressiva.

Um escrito constitui sempre um ser vivo, empregando regras (ainda que somente sintáticas), aberto aos influxos de fora, da cultura em que foi produzido, da Língua em que foi elaborado, da sociedade que o motivou, dos valores em vigência no tempo, etc. Se a tudo isso que o envolve, que lhe enforma a circunstância originária, se atribuir o nome do contexto, é imediato depreender que, efetivamente, toda análise textual acaba sendo contextual. Entenda-se que a tônica continua a recair no texto, mas é evidente que se amplia desmesuradamente o campo da perquirição dos conteúdos textuais quando se lhes conhecem as relações com o meio exterior em que foram gerados. Quer dizer que não é o contexto que importa, é o texto, mas este, sem aquele, corre o risco de permanecer impermeável às sondas analíticas

A análise do contexto relacionado às implicações da personagem está atrelada a convivência das experiências para com o texto literário, mesmo a personagem sendo um *ser* fictício, carrega consigo marcas e situações que aludem ao real, desse modo a pesquisa dentro da literatura sempre dialoga com reflexões psicológicas atreladas a situações da vida cotidiana.

Em seu portfólio Clarice Lispector deixou inúmeros personagens que trazem consigo uma bagagem relacionada a críticas sociais, sua arte em tocar o inexpressivo é vista enobrecidamente ao longo do percurso de *“A hora da estrela”*.

Macabéa nossa personagem em análise, percorre um esboço de um indivíduo invisibilizado pelas estruturas sociais, sendo ela o reflexo da classe trabalhadora inserida em tal cenário. A abordagem da personagem pode ser vista sobre a ótica de suas características interpsicológicas, confronta a problemática de nossa pesquisa, ou seja, a sua visão analítica perante o mundo do qual vive.

Moisés (2007, p. 211) afirma que :

A análise procurará desvendar a personagem evoluindo ao longo da peça, independentemente de sua macroestrutura. Como se processa tal conhecimento? Através de que auxílios podemos acercar-nos da personagem e analisá-la? "Os manuais de 'playwriting' indicam três vias principais: o que a personagem revela sobre si mesma, o que faz, e o que os outros dizem a seu respeito".

Em nosso processo de análise é possível indicar que construímos nosso percurso investigativo amparado nos três pilares fundamentados pelo autor, assim o desenvolvimento de nosso estudo trouxe os apontamentos do narrador presente na obra, em relação ao personagem em discussão. Para tanto, as situações nas quais se insere Macabéa, são vistas na proporção de como dialoga com as mesmas, uma vez que, como agente em tal contexto, inquirirem reflexões profundas dentre o percurso.

A relação é aqui o ponto chave para descobrirmos gradualmente o que sua essência revela sobre a crítica deixada pela autora da obra, nessa perspectiva como o processo sistemático da submersão de *si* enquanto sujeito, transpassa as estruturas de uma história literária. A perspectiva do transcender a partir da análise de tal texto, constrói uma visão para além das fronteiras de um debate relacionado à formação contextual da crítica aqui presente.

Nessa perspectiva é necessário conduzir em meio ao processo de pesquisa as microestruturas e as macroestruturas relacionadas ao texto literário, conduzido de forma crítica dentro da pesquisa qual dos dois campos nosso texto está centrado.

Moisés (2007, p. 89) define que :

Portanto a análise completa de uma obra de ficção pressupõe a sondagem das microestruturas, uma a uma, seguida de seu cotejo no plano das macroestruturas, culminando na visão macroscópica que abranja o todo da obra. O ponto de partida poderia ser a ação, ou seja, a soma de gestos e atos que compõem o enredo, o trecho ou a história. A ação pode ser externa e interna: 1) a viagem, o deslocamento de uma sala para outra, o apanhar de um objeto para defesa contra um agressor, ~ assim por diante, classificam-se como ação externa, que é própria da ficção linear (José de Alencar, Herculano, Aluísio Azevedo, José Lins do Rêgo, Jorge Amado, Eça de Queirós, Tolstoi, Balzac, Zola ..) ; a ação interna passa-se na consciência ou/e na subconsciência da personagem, como na ficção introspectiva de um Proust, de uma Virginia Woolf, de um Machado de Assis, de um James Joyce, de um Guimarães Rosa, de uma Clarice Lispector. . . Decerto, não existe ação externa pura nem ação interna pura, o que significa que ambas estabelecem uma relação de vasos comunicantes, em que uma pode prevalecer sobre a outra, sem jamais anulá-la. Por outro lado, numa mesma obra coexistem as duas formas de ação.

Dado o exposto, relaciona-se como parte integrante de nosso percurso investigativo, descobrindo ao longo do processo de análise, como se enquadra a obra cujo nos propomos a examinar, assim é necessário conviver constantemente com o texto e a personagem aqui presente. O caráter ficcional de Clarice Lispector, é conduzido pelas microestruturas de designação do sujeito, onde ao longo do trajeto, relacionando a submersão de tal agente, perante o que é narrado dentro da ficção, adentramos em questões relacionadas ao imaginário da crítica discursiva.

Para tanto, a microestrutura que compõem o campo discursivo de nossa análise é constituída por categorias ficcionais bem delimitadas, perante o percurso textual empregue. Quando adentramos sobre as cadeias no percurso de análise, emprega-se um olhar correlacionado a personagem e os preceitos empregues no âmbito contextual da prosa em destaque.

As categorias que dão significado ao texto como o diálogo, narração e descrição, interligam-se intimamente no percurso discursivo de uma investigação delimitada sobre as microestruturas. Perante o processo do percurso investigativo, a parte microscópica do texto é o que se percebe, sendo essa integrante de toda a macroestrutura, ou seja, a parte da qual se investiga.

Para tanto, dialogando com o pensamento de Moisés(2007, p. 86):

A microanálise, ou análise microscópica, tem por escopo sondar o texto palavra a palavra, expressão a expressão, minúcia a minúcia, e pode fazer-se em dois planos:

1) em que a análise se contenta com o pormenor, quase olvidando por completo o conjunto da obra, e 2) em que a análise "sobe" para a consideração particularizada dos ingredientes da prosa de ficção, ou seja as personagens, o tempo, o lugar, a ação, o ponto de vista narrativo, os expedientes de linguagem

(o diálogo, a descrição, a narração e a dissertação) Estes últimos, que constituem as categorias fundamentais da prosa de ficção, denominam-se microestruturas. Assim, a investigação de uma personagem encerra uma microanálise, ou análise de uma microestrutura. Para tanto, cumpre isolar a categoria ficcional do magma narrativo, e analisá-la, acompanhando o fluir dos acontecimentos em ordem ascendente, capítulo a capítulo, episódio a episódio, ou imobilizando-a, com vistas a perquiri-la estaticamente. Em qualquer dos casos, temos a característica básica de tal procedimento analítico, que consiste na prospecção horizontal, linear, das categorias ficcionais.

O percurso do magma narrativo conduz sobre a profundidade do *ser* sujeito ao longo da ficção, assim se atenta aqui dentro da microanálise, o isolamento de maneira decrescente sobre as situações expostas. A construção de um trajeto investigativo no texto literário, está relacionado no isolamento dos ingredientes da prosa, visto que ao longo da narrativa a transfiguração do personagem vai se desenvolvendo para moldar a perspectiva ao pesquisador, assim em conjunto com a observação empregues na obra em exame.

No decorrer do processo de nossa análise, revela-se o caráter captado sobre a vida interior da personagem, para tanto, refletida sobre as nuances da existência do sujeito, como a submersão de *si* amparada sobre as perspectivas de sua inconstância analítica perante o real.

O caráter intimista do *ser* sujeito, abrange uma gama de aspectos atrelados às características impressas pela autora. A personagem Macabéa sempre revisitada em inúmeras análises, é exposta constantemente pelo desvendar de suas, matizes. O percurso interpretativo da personagem, condiz ao leitor no diálogo em seu debate, a partir de seu contato com o texto literário, visto que a sua visão da problemática será exposta perante seu percurso investigativo.

Amaral (2017, p. 126) enxerga que:

Cada leitor é, no ato da leitura, coautor do texto que lê. No caso de Clarice, há uma demanda da presença viva do leitor que não deixa de poder ser relacionada com um traço da carência permanente de suas personagens, sempre em busca de algo que foge, que como um vaga-lume ilumina e escurece, ilumina e escurece, como própria existência humana. Nossas mais profundas questões metafísicas são tocadas por ela, com intensidade desmedida, com uma capacidade ímpar de esticar os limites da linguagem, aumentar a quantidade e qualidade de seus recursos expressivos, para que ela nos ajude a ver a coisa, ou as coisas todas em geral bem mais complexas e delicadas que nossas tentativas de expressá-las.

As questões metafísicas, ao longo do percurso de pesquisa na prosa, expressam dentro da investigação da personagem uma demanda de coautoria de quem analisa para com o autor da obra. Assim, não basta somente ler o texto, mas se faz necessário destrinchar as características empregues pela autora, desvendando ao longo do percurso significados ocultos, expressivamente encontrados sobre a visão interpretativa de quem se debruça a investigar.

O processo da análise de um personagem, bem como seu perfil, requer considerar a frequência, intensidade e densidade das situações que se apresentam, ou seja, ao longo de uma

investigação, esmiuçar minuciosamente os fatos de forma cronológica, proporcionando

dentro da análise das situações a revelação do agente cujo qual se propõe investigar. A análise, busca as referências a uma viagem sobre as características intrinsecamente atreladas à consciência do sujeito, ou seja, como age, comporta-se, em que proporção se efetiva seu campo de perspectiva crítica e como assimila as situações que lhe são impostas pelo seu contexto.

O leitor do texto, tem a responsabilidade de peneirar as situações atrelando a ficção a realidade, assim observar que a personagem vai muito além da análise, é necessário fracioná-la para conhecê-la, nesse percurso o leitor realizará suas interpretações sobre as características intrinsecamente observadas sobre o *eu* do sujeito. Ao longo do percurso, vai desvendando no ato de análise a essência apresentada pelo autor, levantando questões e perguntas que possam, posteriormente, delimitar uma investigação relativa à microestrutura.

Moisés (2007, p. 106) infere que:

Ao leitor caberia analisar e interpretar a discronia, baseando-se na simetria secreta existente entre as várias "frações" do tempo-memória de cada personagem; como se a continuidade delas fosse estabelecida por sua unidade oculta, oculta para quem as exhibe (as personagens), mas que deve ser evidente para o leitor. A rigor, a tarefa da análise consistiria em descosturar essa aparente colcha de retalhos que é o tempo no romance introspectivo (como tudo mais que o integra), no encaixe da essência que os une e justifica: analisar, nesse caso, equivaleria a perseguir uma espécie de unidade perdida:, perdida quando o homem desvelou os abismos da memória e pôs-se a esquadrihá-los cada vez mais distante da ordem postíca atribuída ao tempo e ao mundo físico.

A concha de retalhos expressa pelo autor, aborda as situações que são narradas dentro do percurso da obra, onde posteriormente analisada de forma fragmentada por quem se propõe a examinar um texto literário, aborda inúmeras possibilidades.

Adentrar sobre as características de um agente no texto, requer do co-autor aqui em questão, quem está analisando o texto, descosturar o tecido da obra abordado nesse percurso, tendo um olhar para o tempo não-histórico, este está atrelado ao encadeamento interno do sujeito.

Quanto às “tomadas” interiores de perspectivas, está atrelado à conexão do *eu* sujeito para consigo, abordada quando se explora o íntimo de seu olhar para o mundo e como exprime seu comportamento a partir disso. Nesse percurso investigativo, o tempo psicológico explora a ação interna do sujeito, não somente o ato pelo ato, mas o porquê do ato e como esse comportamento dialoga internamente com as estruturas da consciência de seu *eu*.

O processo de esmiuçar um sujeito, requer não só descosturar a colcha, mas promover na análise dinâmica uma apresentação gradual das subdivisões de suas cadeias internas, constituindo como influem nas perspectivas externas de sua consciência.

Para tanto, argumentando com Moisés (2007, p.113):

Quanto à análise dinâmica, realiza-se pela desmontagem da evolução da personagem, plana ou redonda, ao longo do romance. Por certo que a análise estática auxilia enormemente esta fase da tarefa analítica, mas o fundamental é provido pela interpretação evolutiva. Quer dizer: o leitor, insulando a personagem dos demais componentes da obra de ficção, buscará divisá-la em sua transformação, externa e/ ou interna, como quando, numa série de "tomadas" cinematográficas, vemos o herói metamorfosear-se lenta ou rapidamente. Assim, ao contrário da análise estática, que cuida da imobilidade, a análise dinâmica ocupa-se da continuidade, referida a personagens planas ou a personagens redondas. A interpretação evolutiva se dá de forma contínua, o processo diz respeito à construção da leitura posta sobre as nuances da complexidade do sujeito, bem como se modelam as suas particularidades inseridas nesse conjunto.

A metamorfose ao longo da obra se dá devido ao foco narrativo empregado pelo autor, nesse processo seus recursos explicativos percorrem as entrelinhas que deixam como pistas no emprego do sujeito, bem como as nuances ocultas dentre o processo de formação de seu contexto situacional.

A análise dinâmica delimitada acerca de nosso objeto investigativo, no caso a nordestina Macabéa, se ampara na decomposição das transmutações impressas por Clarice Lispector. Existe aqui, a perspectiva de percorrer o caminho externa e internamente, associando ao plano real, deixando pistas ocultas para que o coautor, que decida debruçar-se sobre a obra, realize um percurso investigativo de modo a desvendar a faces intrinsecamente relacionadas a seu texto.

Ao estruturar em sua composição a Rodrigo S.M. como o autor fictício que narra as fracas aventuras da heroína do conto, Lispector promove o que é afirmado por Moisés (2007), uma vez que com os relatos do narrador consegue persuadir o leitor a delimitar Macabéa de modo a descobri-la no percurso literário. Assim sendo, pode ser vista interna e externamente perante o seu *eu* sujeito, atrelado às constituições de sua análise crítica.

Para tanto, dialogando com o que afirma Amaral (2017, p.37) em sua obra:

a reflexão sobre o processo de criação desta personagem, bastante representativa das contradições sociais de nosso país, é tão eloquente, senão mais, que a história de Macabéa. Essa eloquência vem de Clarice, via Rodrigo S.M. E, vinda dela, não há como dissociar a questão social de outra, metafísica, também representada por Macabéa. Com "cara de tola",²² "rosto manchado que pede tapa",²³ um pouco encardida, pois raramente se lava, "cheiro morrinheiro",²⁴ Macabéa vive "num limbo impessoal, inspirando e expirando".²⁵ "Ela era leve como uma idiota, só que não era. Não sabia que é infeliz."²⁶ "É vida primária que respira, respira, respira."²⁷ Essas e outras imagens, ao mesmo tempo grotescas e de uma humanidade que evoca, como diz Manuel Bandeira. "o lirismo dos *clowns* de Shakespeare",²⁸ alternam-se com comentários do autor "em estado de emergência e calamidade pública",²⁹ como ele diz na dedicatória. Rodrigo S.M. é apaixonado por sua criatura [...] Para aproximar-se dela, como uma consciência se aproxima de um "corpo cariado", Rodrigo precisa tornar-se pobre, ficar insone, andar em farrapos, abster-se de prazeres. Precisa, mais que isso, identificar-se com ela, espelhar-se nela, contar-se enquanto a conta, já que é desta

forma que Clarice Lispector procura obsessivamente “transfigurar-se em outrem”, “materializar-se enfim em objeto”, “despojando-se de si mesma e de suas máscaras, espalhando-se pelo “vasto mundo”.

A transfiguração impressa por Clarice Lispector para com Macabéa, alude ao esboço da imagem que deseja imprimir para o leitor e à crítica social composta pela obra. Ao se debruçar para desvendar as nuances e complexidades da nordestina, é preciso, antes de tudo, despojar-se de *si* mesmo para assim compreender a natureza metafísica da linguagem impressa por Clarice.

A consciência crítica do *eu* sujeito no âmbito interior, explanada constantemente na análise minuciosa da personagem Macabéa, vem acompanhada do problema que fundamenta nossa pesquisa, aqui a ausência de análise que se enquadra no desvendar dos pormenores ocultos impressos no texto pela autora.

A narrativa de Macabéa constitui uma crítica social à classe à qual ela pertence, para tanto, reflexos de uma consciência coletiva da sociedade em dado momento, uma vez que não se faz necessária uma análise inteiramente detalhista para compreender que ela não possui grande preparo de debate. O desenlace de esmiuçar o texto, revisita uma perspectiva mais detalhada sobre o que consta nas entrelinhas de tal agente, ou seja, o porquê age, da forma como se comporta, qual o fato desencadeou esse estado, *ser* enquanto sujeito consciente ou inconsciente do real.

Dado o exposto, argumentando com Silva (2015, p. 27)

Descrever, saber, julgar, compreender constitui processos constantes na produção de uma crítica literária. O crítico, portanto, nunca é inocente frente ao texto que analisa, pois sua opinião nunca é neutra porque ele sabe que mais cedo ou mais tarde poderá influenciar na classificação de um material frente a uma corrente estética, ou até na atração de leitores em relação à leitura de alguma obra. O crítico literário tornou-se, ao longo do tempo, o mais importante protagonista na interpretação de obras literárias, um ofício que lhe obriga a estudar, observar e compreender aspectos sociais, culturais, políticos, religiosos, existenciais, enfim questões que inevitavelmente influenciam a produção literária ou nela se faz representada.

No processo de análise do sujeito, o pesquisador embasará seu olhar atrelando-o ao contexto das estruturas reais, ou seja, o personagem que é um ser fictício será estudado perante ao âmbito contextual da obra, mas as reflexões serão efetivadas buscando realizar um diálogo com as estruturas contemporâneas.

Portanto, ao esmiuçar o sujeito no processo de estudo, efetiva sua análise buscando a maior aproximação possível entre as estruturas da ficção e as da realidade, essa união justifica não haver um olhar neutro perante o texto visto que, o agente em estudo simboliza por vezes uma crítica ou denúncia amparada a um cenário.

Desmembrar um personagem, no âmbito da pesquisa, requer compreendê-lo de modo a interpretar sua gama de aspectos. A classificação de seu objeto de estudo, deverá ser exposta

em meio à apresentação de suas observações e da resolução do problema de sua pesquisa no decorrer do trabalho, fazendo alusões aos contextos situacionais do cotidiano no estudo. O romance de ficção, que carrega em seu seio a crítica a algum aspecto emergente da realidade, será retomado no livro com uma história sem qualquer compromisso com a veracidade dos fatos, entretanto posicionada a buscar que o leitor reflita sobre dado precedente.

Em sua obra Silva (2015, p. 45) afirma que:

A literatura como criação de linguagem é, portanto, portadora de mimese, uma vez que representa ou simula um acontecimento, uma ação, e por isso é ficção. Sabemos, porém, que pensar a ficção somente como uma narrativa imaginária, cujos fatos são irreais criados a partir da imaginação (uma simulação, criação fabulosa), é reduzir a produção literária ou talvez lançá-la ao conceito de arte pela arte, um pensamento já superado pela crítica moderna. A literatura de ficção (romance, conto, novela, teatro, por exemplo) é uma representação social de dado momento histórico, e isso permite o estudo de uma sociedade e suas ideologias a partir do objeto literário.

A ficção, representada no âmbito da realidade social em um dado momento histórico, traz em sua constituição o reflexo de uma denúncia ou crítica. Para tanto, delimitando tal afirmação ao nosso personagem em estudo, é possível associar a noção cuja percepção dialoga entre a obra de Clarice Lispector e o contexto social presente no movimento modernista em sua totalidade. As nuances da obra, trazem Macabéa inserida em um cenário de miséria e privações de conhecimento, visto que nesse contexto a escassez do material e da reflexão era posicionada para as camadas mais pobres.

O emprego de aspectos constituintes, atrela-se ao que o modernismo defende no desvencilhamento de tais ideais, tanto esteticamente quanto para a libertação do ser, por um olhar crítico perante o que se percebe das estruturas sociais. Dado o exposto, o sentir de Lispector perante sua escrita intercomunica-se com o leitor, do qual se dispõe a investigá-la para adentrar sobre as perspectivas da literatura intimista.

Desse modo, ocasiona, no decorrer do processo de sua formação, uma constante reflexão sobre o que a obra traz para além dos personagens e situações, posicionadas no universo fictício ali empregado, bem como o sujeito agente que se entrelaça sobre as perspectivas da realidade.

Assim, dialogando com o pensamento de Jatobá, (2015, p. 193):

O olhar de Clarice volta-se, portanto, para o que não pode ser visto apenas. A autora explora sua capacidade de sentir e expressar, de falar de um universo o qual indagamos e do qual nada sabemos. Dessa maneira, ela trata de incertezas, não de fatos. É de onde extrai sua liberdade para, em vez de reproduzir, criar. O que é colocado ao seu alcance está sujeito a profundas interpretações. Em virtude disso, falamos a respeito da experiência estética, que cria imagens sublimes reveladas a partir de banalidades e que, por isso, está nos pormenores de um passeio, nas frestas de uma janela através das quais é possível, senão ver, pelo menos imaginar ou supor algo.

A brincadeira de pensar, conduzida por Clarice Lispector, tem como ponto de partida a sua escrita e forma particular de guiar a prosa, onde ela busca submergir constantemente o sujeito perante reflexões, as quais são amparadas nas situações mais comuns do cotidiano.

A sensibilidade que desperta em sua escrita está atrelada ao sujeito que é o centro de sua narrativa, personagens simples do dia a dia, mas que, com sua abordagem, forjam um ambiente introspectivo no tanger da crônica.

As frestas das quais, revelam cenários de banalidades ao decorrer de uma experiência sublime dentro da obra de Lispector, estão relacionadas ao diálogo constante que sua literatura de introspecção se posiciona para buscar uma reflexão, seja sobre o sujeito em si, ou como agente perante o cenário ali retratado. A sensibilidade da descrição intimista para com Macabéa é exposta de um modo bem descontraído, facilitando o leitor a efetivar sua interpretação da imagem a qual a autora deseja passar sobre aquele agente.

Jatobá, (2015, p. 195) afirma em sua obra que:

ao colocar seu pensamento ao alcance do leitor, torna-o justamente o “outrem” com o qual não pode haver constrangimento, mas apenas confiança. Portanto, estabelece-se a proximidade necessária na crônica para o acolhimento de quem lê. O leitor, por sua vez, ao ser acolhido, adquire a responsabilidade de observar o que a cronista relata e, a partir disso, experimentar as mesmas revelações, o que será possível se ele tiver um coração grande, pré-disposto a sentir com profundidade o que é contado pela autora [...] Clarice, ao conduzir o leitor para a brincadeira, leva-o para um universo onde mesmo o mais leve dos comentários contém uma reflexão mais profunda. Afinal, sua poética se faz a partir do que é banal e aparentemente desprezioso, mas guarda a grandeza necessária para despertar a sensibilidade de outrem, com quem se brinca de pensar.

Clarice posiciona ao decorrer da obra, uma relação de proximidade para com seus leitores, o que possibilita aprofundar-se sobre as suas perspectivas impressas no sujeito, submergir para além de sua ótica, efetivando uma reflexão da qual percorra os pormenores ocultos, deixadas propositalmente para o descobrimento da grandiosidade de seus personagens.

Assim, a análise, amparada por sujeitos tão eloquentes, conduz à manifestação da introspecção perante o percurso investigativo, onde o leitor adentra as perspectivas do íntimo impressas por Lispector, para assim, descosturar a colcha de retalhos que é o sujeito narrado. A sensibilidade que enriquece o personagem mergulha sobre a autoexperiência do conhecer-se, não somente a do sujeito ou a nossa, mas a dela também, visto que agentes são fragmentos de suas próprias perturbações, esboços de mergulhos íntimos compartilhados por um autor.

Desse modo, adentrar as fronteiras do *eu* sujeito dos personagens de Lispector é entrar também no íntimo da autora, portanto, ao partirmos do esmiuçamento de um personagem, partimos de fragmentos da autora.

Devemos, como coautor do processo de leitura, dentro da obra, submergir sobre experiências que adentram as reflexões de tais agentes, para assim compreender a complexidade compartilhada ao longo de toda a trajetória do texto.

Assim, Jatobá, (2015, p. 197) afirma em sua obra que:

A desocupação desanuviadora que se sente é que mergulha a autora em suas experiências, que passam a ser vistas de modo diferente. Não lhe interessa descrever sua realidade, mas ressignificá-la, atribuindo sentimentos que só no fundo podem ser buscados para vir à tona. O que tratamos como a exposição da autora e de sua intimidade existe, mas não literalmente. Ela falará de seu desconforto diante da missão de escrever crônica, mas aproveitará os textos para mergulhar em si e nas suas experiências. Não se trata de uma transcrição da sua rotina, mas de uma interpretação de eventos que fazem parte dela, meio que sugere mais delicadeza, mais atenção aos afetos e, como não poderia deixar de ser, mais subjetividade, uma vez que estamos em um terreno que conta com a participação e com o envolvimento do sujeito [...] ao fazermos reflexões de nossas vivências somos levados a considerar vários aspectos, que nos permitem interpretar nossas experiências sob uma ótica distinta da que percebemos na superficialidade do dia a dia. O brinquedo começa a brincar conosco à medida que nos envolvemos com ele, e então a brincadeira se torna frutífera, pois nos põe em contato com algo de que sequer suspeitávamos.

A investigação intimista do *ser*, composta pela autora, adentra sobre as perspectivas do conflito que dado indivíduo apresenta na sua esfera consciente, bem como inconscientemente o exprime, assim a escrita voltada a tais questões vai além da ficção e envolverá o leitor nessa “brincadeira”.

A subjetividade impressa aqui alude às interpretações do real perante nossas experiências, assim, à medida que vamos nos envolvendo com o ato de refletir sobre nós mesmos, vamos nos conhecendo, conseguindo compor considerações no entrelace do diálogo da obra para com a realidade.

Associar a perspectiva como tal sujeito impresso pela introspecção alude às características da autora, posicionando as nossas, bem como a de outros agentes que vivenciam tal experiência, constitui no percurso de análise de um texto literário.

Jatobá, (2015, p. 203) traz em sua obra que:

Ela, por sua vez, não terá a intenção de fornecer uma visão ideal do que nos cerca diariamente, mas de apenas retratar uma singularidade insuspeitada na presença de tudo o que compõe a vida de todos os dias. A beleza da crônica está na sua falta de pretensão, no uso de pormenores, na apropriação do banal que surpreende. Não interessa que Clarice seja insegura na sua função, que sinta falta de sua máscara ficcional ou que se conserve um enigma, mas sim que permaneça a sua disposição para captar a singularidade de eventos nada promissores, no entanto reveladores. A brincadeira de pensar, assim, está associada ao encontro do sublime, de modo que não é necessário nada de grandioso para perceber uma revelação. Ela é frutífera justamente porque permite que se parta do que é menor e imprevisível.

O encontro do sublime escancara perspectivas promissoras sobre a revelação do *ser* sujeito, para assim, na busca pela transformação das perspectivas intimistas, desvendar o personagem como sujeito inserido em dado contexto. No trajeto enquanto leitor, é necessário um diálogo frequente consigo mesmo, com o sujeito posicionado dentro da literatura e com a brincadeira de pensar que infere a autora.

Esmiuçar intimamente o agente requer não somente interpretá-lo, mas dialogar com o pensamento sublime, assim como inquire Lispector na beleza de suas narrativas. O enigma da análise de Macabéa, está na comunicação constante com o banal e a delicadeza do brincar com as situações, a grandiosidade de tal personagem está no mergulho do íntimo de seu *eu* sujeito, e como o contato com ela provoca inquietações refletidas sobre todo o apanhado de uma existência pisada por uma sociedade que não a enxerga.

O encontro do sublime escancara perspectivas promissoras sobre a revelação do *ser* sujeito, para assim, na busca pela transformação das perspectivas intimistas, desvendar o personagem como sujeito inserido em dado contexto. No trajeto enquanto leitor, é necessário um diálogo frequente consigo mesmo, com o sujeito posicionado dentro da literatura e com a brincadeira de pensar que infere a autora. Esmiuçar intimamente o agente requer não somente interpretá-lo, mas dialogar com o pensamento sublime, assim como inquire Lispector na beleza de suas narrativas.

O enigma da análise de Macabéa, está na comunicação constante com o banal e a delicadeza do brincar com as situações, a grandiosidade de tal personagem está no mergulho do íntimo de seu *eu* sujeito, e como o contato com ela provoca inquietações refletidas sobre todo o apanhado de uma existência pisada por uma sociedade que não a enxerga.

2.3 A introspecção do sujeito na literatura intimista

Ao adentrarmos sobre as bases da constituição das obras intimistas no Brasil, é imprescindível citar o nome de Clarice Lispector, a qual constrói reflexões em diálogo constante com os ideais pós-modernos presentes no movimento modernismo, narrativas essas que dialogam com a perspectiva do *eu*. A perspectiva empregada em tais prosas está no experimentar de uma nova estética atrelada ao protagonista, para tanto inclui no trajeto uma combinação do contexto real e do mergulho do sujeito dentro de *si*, posicionando essa fusão sobre as perspectivas analíticas do pensar.

A personagem situada sobre as perspectivas de experiências íntimas, corrobora para adentrar em sociedade com uma mensagem para os leitores que consomem dada obra, assim o sujeito posicionado dentro da narrativa se apresenta como o canal para um mergulho existencial fruto das inquietações de um agente, neste caso o autor.

Nessa perspectiva, Candido (1968, p. 83) esboça que:

A narração torna-se assim padrão plano em cujas linhas se funde, como simultaneidade, a distensão temporal. A tentativa de reproduzir este fluxo da consciência — com sua fusão dos níveis temporais — leva à radicalização extrema do monólogo interior. Desaparece ou se omite o intermediário, isto é, o narrador, que nos apresenta à personagem no distanciamento gramatical do pronome “ele” e da voz do pretérito. À consciência da personagem passa a manifestar-se na sua atualidade imediata, em pleno ato presente, como um Eu que ocupa totalmente a tela imaginária do romance.

O olhar intimista posicionado dentro dos escritos de Lispector, está atrelado a combinação da forma, bem como a maneira cujo é conduzida os acontecimentos perante a profundidade de seus personagens, onde é observado de maneira contínua a vastidão da consciência de tais sujeitos ao decorrer de suas narrativas. O mergulho existencial na mente do personagem, de modo a proporcionar a submersão de um estado absoluto de *si* no leitor, é reflexo sobre o cenário contextual no qual ela posiciona seu personagem em desenvolvimento.

No que diz respeito ao monólogo interior do personagem, constitui-se atrelado ao fluxo de consciência em diálogo contínuo com a obra literária. A por sua vez, se dá também como o leitor que se posiciona nessa perspectiva, como co-autor da história, visto que no trilhar das nuances de uma obra intimista, as manifestações de consciência se dão sobre o mergulho que se realiza nesse processo para interpretar o que é posicionado nas páginas da história.

A experiência de leitura, ligada aos aspectos internos do *ser*, apresenta-se dentro do monólogo interior do personagem, assim atrelados ao fluxo de consciência do sujeito.

Para tanto, os desencadeamentos de tais perspectivas se posicionam num tempo psicológico, sendo observados a partir do mergulho introspectivo.

Nunes (1995, p. 18) infere que:

A experiência da sucessão dos nossos estados internos leva-nos ao conceito de tempo psicológico ou de tempo vivido, também chamado de *duração interior*. O primeiro traço do tempo psicológico é a sua permanente descoincidência com as medidas temporais objetivas. Uma hora pode parecer-nos tão curta quanto um minuto se a vivemos intensamente; um minuto pode parecer-nos tão longo quanto uma hora se nos entediamos. Variável de indivíduo para indivíduo, o tempo psicológico, subjetivo e qualitativo, por oposição ao tempo físico da Natureza, e no qual a percepção do presente se faz ora em função do passado ora em função de projetos futuros, é a mais imediata e mais óbvia expressão temporal humana.

O tempo psicológico empregado na sucessão dos estados internos, associado ao universo da análise, relaciona-se à forma como o autor da obra e o leitor, posicionado aqui como co-autor, conseguem tocar no inexpressivo de uma narrativa. A experiência de mergulho interno, no que tange às estruturas do *ser*, dentro da perspectiva do sujeito em análise, é uma tarefa extremamente complexa, exige de quem examina a essas perspectivas imersas no fluxo de consciência, perceber não só o sujeito da narrativa em diálogo com o autor, mas também os aspectos contextuais externos das situações descritas.

Clarice Lispector, como um dos principais nomes da literatura introspectiva, expressa no leitor suas inquietações de forma intimamente reflexiva, seus escritos percorridos sobre o monólogo interior do sujeito levantam questões defendidas sobre o modernismo. No decorrer de sua obra, existe uma carga crítica onde a mesma exterioriza questões da decoloneidade do oprimido, em contrapartida, do colonizador, ou seja, ela percorre reflexões contínuas a respeito dos indivíduos invisibilizados pela sociedade. Há aqui uma estruturação a partir da busca expressiva do interior para manifestar a travessia do monólogo, exteriorizando tais prerrogativas em diálogo com o leitor.

Amaral (2017, p. 126) constitui que:

Nossas mais profundas questões metafísicas são tocadas por ela, com intensidade desmedida, com uma capacidade ímpar de esticar os limites da linguagem, aumentar a quantidade e a qualidade de seus recursos expressivos, para que ela nos ajude a ver a coisa, ou as coisas todas, em geral bem mais complexas e delicadas que nossas tentativas de expressá-las. [...] Ela não queria escrever nem dizer nada de confessional, pessoal. Queria ser livre para, em seu descompasso com a mediocridade do mundo, na errância atávica de certa forma se percebe em seus textos, cercar algo maior, que foge e ao mesmo tempo continua nos desafiando.

Adentrar na literatura intimista, posicionando a análise sobre as perspectivas interiores do sujeito, é dialogar com a submersão fruto da progressão introspectiva manifestada pelo autor. Na presente perspectiva, é necessário expandir as fronteiras da obra literária, desmembrando a análise sobre os recursos expressivos, para assim perceber o texto para além do horizonte situacional.

O leitor, posicionado como co-autor, deve estar disposto a transcender para além das perspectivas do criador da obra.

O contato com o texto presente dentro da literatura introspectiva requer a manifestação de uma postura indagadora, onde o coautor se posicione, transgredindo os limites do monólogo, relacionando à distância do contexto real das situações.

Decifrar a prosa íntima, adentra sobre a capacidade que o leitor dispõe em vestir a pele do personagem, de interpretar as situações externas e internas como se as vivenciasse em carne viva, desse modo alude a sentimentos contínuos sobre a complexidade de *si*, revelada a partir de um personagem. Para tanto, a obra e o leitor atuam em conjunto para o seu descobrir.

Desse modo, Candido (2006, p. 83) afirma que:

A literatura é pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo.

O processo que configura a realidade da literatura ao decorrer do tempo está relacionado à interação entre texto, autor e sociedade. Desse modo, para que um texto siga sendo decifrado, é necessário que as inquietações intrínsecas do autor consigam ultrapassar as fronteiras de sua obra, transparecendo ao decorrer do tempo com as interpretações críticas que possam ser levantadas pelos leitores.

Ao adentrarmos na poética íntima de Clarice Lispector, sobretudo na obra da nordestina Macabéa, nota-se que o processo de inquietude apresentado pela autora foi extremamente brilhante. Sua obra, vista por inúmeros leitores, constitui anseios e perturbações esboçados na narrativa, pois sua estrela é revisitada constantemente sobre múltiplos olhares, dos quais adentra uma nova perspectiva a complexidade presente no *eu* de tal sujeito.

Inúmeros são os leitores que se aventuram de modo a visitar as obras Clariceanas, debatendo seus pontos de vista referente aos sujeitos, perante o que emprega sobre o valor da crítica social ali posicionada. Analisar uma narrativa de Clarice requer, antes de mais nada, conhecer as alusões empregues por ela, tarefa essa que exige mergulhos íntimos com o *eu* poético da autora.

Amaral (2017, p. 54) afirma que:

O leitor é magnetizado justamente por toda essa vitalidade, essa encantação, que seduz na medida em que chama a sensibilidade, a imaginação, o devaneio. Não esqueçamos, pois, que ler Clarice é estar exatamente nessa fronteira, é atravessar com a linguagem nossas zonas mais secretas de silêncio.

O mergulho íntimo de quem analisa não está somente no diálogo com a perspectiva da autora e da personagem, mas sim nas angústias despertadas ao longo do trajeto de interpretação, que a medida do percurso se associa com as percepções e experiências próprias do sujeito leitor.

A arte de tocar o inexpressivo, está associado ao reencontro que a sensibilidade da narrativa nos proporciona, analisar um personagem tão complexo como Macabéa, requer naufrágios introspectivos que resultem em uma travessia entre o que está no papel e o que vai além do decifrar de tal código linguístico. O leitor que se dispõe a analisar a perspectiva intimista de um personagem deve, antes de mais nada, estar disposto a perceber o que não é visto, atentar-se ao simples dentro da composição da narrativa.

Há aqui, a ressignificação constante sobre a sua perspectiva de interpretação para uma experiência interior. As manifestações de tais estados são frutos da convivência do leitor com seu objeto de análise. Para que isso venha ocorrer, é necessário beber da fonte de onde emanam os estados intimistas da autora.

Desse modo, dialogando com Jatobá (2015, p. 31):

a experiência consiste na base de qualquer manifestação artística, e resulta da relação de um sujeito com algum objeto. Não é diferente do que acontece com a crônica, que nasce das experiências de um autor, seja ele testemunha ou personagem do fato que relata. Esse autor, por sua vez, procede à re^aexão, que consiste na atribuição de significados às suas vivências. Daí deriva a crônica, cujo conteúdo é levado ao leitor, com quem se estabelece contato e se realiza um exercício comunicacional por meio de temas cujo tratamento passa pela sensibilidade do autor.

O exercício de intercomunicação, manifestado através dos sentimentos posto no papel por Clarice Lispector, é fruto do esboço do resignificar de sua introspecção, assim composto por um diálogo para com seu *eu*, a exploração de tais nuances é construída a partir de uma troca íntima fundamentada no despertar de reflexões críticas, perante sujeito em sociedade.

A ideologia contemporânea aplicada se embasa em um clima estético e psicológico, constituído pela exploração das prerrogativas sentimentais e sociais dentro das fronteiras da consciência do sujeito.

Jatobá (2015, p. 84) debate que:

a profundidade de seus sentimentos atinge o indizível, algo que a expressão das palavras não alcança. A espontaneidade característica da crônica consegue dizer muito a respeito da autora que a assina, mas há ainda o inefável, isto é, aquilo que as palavras não expressam, e que a autora procura manter em silêncio. Existe aí uma oposição entre a profundidade dos sentimentos, inexprimível, e a brevidade da escrita de um gênero como a crônica, que diz muito a partir da exploração de fatos que compõem a rotina do cronista, mas tem seus limites e só nos permite conhecê-lo até certo ponto.

No indizível dos sentimentos, consegue-se alcançar a beleza do inexpressivo, se espera ao decorrer da construção da escrita, adentrar nas angústias e conflitos nos planos do contexto real e das prerrogativas intimistas do *ser* sujeito.

A estrutura composicional, da qual alude às nuances de sondagens interiores, reflexos dos mergulhos tanto do autor quanto do co-autor, proporciona experiências intrínsecas aos constituintes do íntimo.

O diálogo com *si* é o resultado de um processo de indução de consciência, onde o sujeito encontra-se consigo para reexaminar-se perante conflitos pessoais. Ao decorrer da escrita de “*A hora da Estrela*”, Clarice realiza um mergulho interior, de modo a explorar sua inquietação perante a situação de um sujeito invisibilizado, valendo-se da sua sensibilidade íntima para extrair significados reflexivos para seus leitores.

As questões profundas, sustentam-se sobre as nuances das experiências da autora, mesmo posicionadas em uma narrativa fictícia, são frutos dos encontros consigo, assim as situações são explanadas para considerarmos o olhar perante a perspectiva de nossa consciência crítica. A obra e o autor não podem ser desvencilhados, a análise íntima é fruto das mensurações ao decorrer do processo de análise.

Dado o exposto, como afirma Jatobá (2015, p. 92) :

Clarice doa-se a si mesma, pois escreve para se sustentar e ao mesmo tempo doa-se ao público, que até então não tinha tido a oportunidade de conhecer a autora da maneira transparente como foi revelado por ela mesma. Para além desse conhecimento da autora, o leitor também é conduzido para questões mais profundas que também lhe dizem respeito, afinal o episódio mencionado serve de pretexto para refletirmos a respeito da doação de nós para nós mesmos, em um plano mais plural do que o da intimidade. Assim, o que Clarice escreve não diz respeito apenas a si mesma.

Dado o exposto, o mergulho introspectivo da autora é resultante de sua inquietação, como fruto de sua perspectiva temos a obra da nordestina que tem sua inocência pisada pelas estruturas de poder, revisitada por várias perspectivas ao decorrer das décadas. A obra sempre abre espaço para novas imersões interiores, das quais resultam em novas linhas de debate.

O espaço para uma nova perspectiva está posicionado em como o fazemos ao consumirmos a obra. Introduzir sobre o texto de Clarice resulta em mergulhos interiores profundos. A reflexão em contato com as manifestações do ser são redirecionadas na análise sobre a perspectiva, a depender de quem vê, sendo ressignificado pelo olhar de quem interpreta e busca, assim como Clarice, abrir o espaço e direito ao grito sobre o que enxerga. Dar um novo sentido a uma obra, perante o percurso de análise literária, requer o entregar-se poético, é dialogar com a obra em um contato visceral, estar disposto a escutar o que o texto tem para expressar dentro de toda sua complexidade, percorrendo o percurso da leitura de forma aberta para o desvendar do texto.

No decorrer do processo, ao nos debruçarmos perante a obra, serão desmistificados preceitos pré-formados, abrindo espaço para uma nova concepção dos significados que vão além do texto pelo texto.

Jatobá (2015, p. 100) constata que:

O que Clarice faz é proporcionar a si e ao outro uma experiência que nunca se esgota em si mesma. Um passeio não seria digno de ser retratado na crônica se não a levasse a refletir outras coisas, conduzindo-a ao pensamento epifânico. Tudo sob sua atenção é ressignificado de modo a revelar em si um potencial poético, que deixa ao alcance do leitor uma experiência estética.

As experiências de Clarice Lispector que são destacadas dentro “A hora da estrela”, assim ela reproduz em seu fluxo de consciência analítica o que se enxergava dentro da realidade das massas mais carentes, a narrativa é fruto do ruminar do ambiente contextual que a mesma retrata ao longo da história.

O mastigar da situação ultrapassa as fronteiras da realidade, adentrando sobre as perspectivas intimistas da autora, assim ela expressa, por meio de uma submersão, a ilustração do que enxerga sobre a situação. O mergulho de Clarice, ao contrário do que se enxerga na atualidade, não exprime egocentrismo, ela mostra o mais ínfimo de sua alma realizando analogias ficcionais, de modo a fazer despertar o debate sobre o que trata em suas obras, nas situações cotidianas e de indivíduos marginalizados.

Para tanto, Jatobá (2015, p. 109) afirma:

A cronista parece andar na contramão do que vemos hoje, na luta de egos e de busca de espaço sob holofotes. Ela preferiria viver no anonimato, como quem não escreve e, portanto, não se expõe. Se fosse possível uma “compreensão muda”, escrever não seria necessário, pois toda a poética percebida e verbalizada pela autora poderia ser calada, sem que houvesse a necessidade de compartilhar com outra pessoa as próprias angústias e as reflexões que, com todo seu lirismo, preenchem sua obra.

Dado o exposto, a expressão da subjetividade de um sujeito dentro da literatura intimista se interliga ao seu autor, bem como a análise, visto que a investigação será expressa por meio da visão que o co-autor/leitor posicionará após o consumo da obra. Apesar de beber da mesma fonte íntima da titular, suas perspectivas serão discutidas embasadas em suas experiências pessoais para com o texto. A análise, dentro do romance intimista, expõe as experiências metafísicas embaladas na visão psicológica esboçada por quem debate.

A reflexão adentra sobre as perspectivas de uma técnica ficcional, que por sua vez explora os fluxos de consciência perante os sentimentos íntimos de modo a delinear o fluxo das reflexões constantemente remastigadas. Desse modo, existe um diálogo contínuo entre as estruturas da realidade interior e a realidade exterior, concernente à modalidade do romance, assim se entrecruzam a ficção com o espaço social para o debate da obra.

Para tanto, dialogando com o que afirma Azevedo (2011, p. 21):

O deslocamento da realidade exterior para a interioridade implica o surgimento de uma modalidade de romance – o romance de introspecção – na qual a forma literária ganha primazia no sentido de revelar, por um lado, o próprio caráter verbal deste gênero ficcional, principalmente pelas novas experiências de criação de estruturas textuais e o tratamento inovador do emprego da linguagem literária, o que resulta na aproximação do gênero romance com os modos de composição da poesia; por outro lado, a exploração desses elementos estruturais visa evidenciar a pobreza do mundo material, retirando a sua essência realista, a fim de tornar a consciência humana um objeto estético.

As perspectivas incorporadas à subjetividade humana compõem a prosa intimista com o intuito de posicionar o olhar do homem em sociedade perante a consciência de análise. Para tanto, o monólogo interior expõe manifestações íntimas, onde o autor utiliza de sua técnica discursiva para abordar as questões cotidianas, valendo-se das vestes de personagens fictícios.

Nessa perspectiva, consegue exteriorizar o fluxo interno de seus pensamentos. A subjetividade, na ficção das obras intimistas, remonta os sentidos do papel do homem em sociedade, ou seja, a prosa introspectiva traz os ideais de autorreflexão da posição do sujeito perante as mazelas, de modo a buscar uma perspectiva mais ampla da realidade.

A problemática do *eu*, na análise interior, ultrapassa os aspectos relativos às manifestações dos personagens, aborda a relação de profundidade psicológica, abrindo espaço para um debate contínuo de sistemas inter cruzados, onde existe um diálogo constante entre perspectivas e sujeitos. Dado o exposto, as métricas pertencentes ao modernismo se interrelacionam com a de Lispector, uma vez que a mesma se desnudava em prol do mergulho perante as reflexões do íntimo, no que diz respeito à perspectiva reflexiva.

Desse modo, argumentando com o que afirma Rosenbaum (2002, p. 22):

Trata-se de uma literatura não mais estritamente realista, mas simbólica — ainda que o apego ao mundo exterior à obra não tenha desaparecido de todo, oscilando em tensão com um antirealismo [...] É verdade que a tradição literária brasileira conheceu, com os modernistas Mário de Andrade e Oswald de Andrade, nos anos 20, semelhante compromisso com a linguagem — em detrimento, por exemplo, do documentarismo naturalista. Os paulistas, porém, como todo o movimento da Semana de Arte Moderna, buscavam demolir as velhas estruturas acadêmicas que enrijeciam o vôo liberto da linguagem, sobretudo na poesia, como atestavam os modelos parnasianos. Eram "homens de guerra",²² com um programa consciente e engajado. Já nossa autora não respondia a nenhum manifesto, a nenhuma determinação programática. Sentia-se isolada nas letras brasileiras e não pertencia a nenhum grupo organizado. De fato, seu estilo encontrava apenas em si mesmo a motivação e a própria legitimidade.

Ao nos introduzirmos no percurso da subjetividade do romance psicológico, compreendemos que a maneira como o faz Lispector é empregue de uma forma única, mesmo adentrando sobre tais prerrogativas algo que é visto no modernismo, a mesma não esteve inserida internamente nas manifestações do movimento.

A sua escrita se insere em perspectivas mais longínquas, conseguindo dialogar com os estados sublimes de quem a consome. As manifestações íntimas do *ser* são bordadas pela autora no que diz respeito à introspecção do sujeito, ela o realiza de maneira inigualável ao decorrer do processo de uma literatura íntima. Para tanto, é impossível não associar a manifestação expressa na forma e os estados de constituição do sujeito na escrita literária.

A linguagem intimista, uma vez usufruída na análise do sujeito, solicita a convivência com o nosso objeto de estudo para termos apropriação sobre ele.

Dialogar está, antes de mais nada, no coexistir com ele e experienciar seus estados de intimidade esboçados pelo autor. Assim como em nosso processo de análise, a metodologia de constituição da personagem solicitou do criador essa partilha constante com o sujeito literário.

Gomes (2013, p. 25) afirma que:

Clarice é a escritora do “eu” em pedaços, do olhar interior ou do olhar que cerca as criaturas, revelando-lhes os desejos, a ausência deles, as paixões, a ignorância, os mistérios, o sofrimento, a dor de existir. É a escritora da face explodida, condição, afinal, que define o homem no século XXI e que também o definiu nos séculos de guerras e pós guerras.

A desmistificação do olhar perante o sujeito na literatura é um processo feito de forma contínua, conhecer o eu íntimo do agente em meio ao externo e interno. Para tanto, requer refletir observando as definições ocultas, uma vez amparadas em meio à sua existência, compreendendo que o que manifesta internamente está ligado a como reage ao que se passa em seu exterior.

Desse modo, o processo de consciência que tal personagem tem de si, perante os outros, será um fator importante para conhecê-lo e, a partir daí, formular hipóteses adequadas no que diz respeito ao que é invisível perante os olhos de uma leitura rasa.

Os personagens deixados por Clarice Lispector são extremamente profundos, em cada um a autora traz como uma herança valiosa reflexões nascidas dentro de sua alma. Ela transpassa essas manifestações com riqueza de detalhes e de aprofundamento, sendo praticamente impossível observar todas as nuances sintetizadas ao decorrer de seu processo criativo, sem desmembrar a obra.

Seus personagens, como por exemplo, a nordestina Macabéa, carregam consigo a mensagem que advém de seus mergulhos interiores, assim analisar um personagem seu é um processo estritamente complexo, que requer a fragmentação de todos os aspectos esboçados ao decorrer da narrativa.

Para tanto, dialogando com Amaral (2017, p. 64):

como já observamos no texto de Clarice, caracteriza-se pela cumplicidade entre o narrador e as personagens - este desvenda e mesmo traduz a interioridade destas, seus fluxos de consciência, através de uma superposição de vozes denominada discurso indireto livre. [...] Esse procedimento, entre outros, distingue os textos de Clarice dos romances marcados pela investigação psicológica, já que um “olhar de míope” cola-se às personagens, individualizá-las, desvenda-as com minúcia, com o apego ao detalhe sensível.

A cumplicidade de desvendar a interioridade da personagem esboçada por Clarice deve ser respeitada ao decorrer do processo de análise em meio a sua herança literária, os procedimentos utilizados dialogam com os detalhes esmiuçados da investigação do sujeito. Desse modo, ultrapassa as barreiras de uma investigação psicológica, atingindo características relacionadas aos aspectos individuais nas barreiras da consciência da personagem.

O fascínio do monólogo de consciência, relacionado ao *eu* está na perspectiva empregue pela autora. Analisar seus fluxos referentes a tal prerrogativa requer dialogar com o personagem no processo de leitura. As perspectivas longínquas sobre a contemplação do ser interiormente abordado, requer do leitor, antes de tocar o inexpressivo, indagar perante os paradoxos sociais que o personagem explora ao decorrer da narrativa.

Desse modo, Amaral (2017, p. 38) afirma:

A busca de fusão entre corpo e consciência, coisa e palavra, objeto e sujeito, o outro e o eu, aqui representada por Macabéa e Rodrigo S.M./ Clarice Lispector, talvez seja o marcante traço de nossa escritora. Como vemos também em outras narrativas, seus personagens confundem-se com seus narradores, empenhados em trazer à luz identidades sempre errantes, mutantes, em fuga de enquadramentos mutiladores, à procura de uma unidade sempre fragmentária.

A fusão do outro e do eu confunde-se em meio ao percurso de escrita, assim compreender um personagem de Clarice requer, assim como em seu processo de criação, mesclar-se a narrativa, mergulhando sobre a perspectiva e representações dadas ao contexto. Investigar a intimidade, consciência, perspectiva, anseios e desejos expressos pelo sujeito na narrativa requer percorrer esse caminho, dialogando constantemente com a interpretação e do que o eu abrange.

O íntimo da autora é exposto nesse percurso, visto que um personagem de Clarice não é um mero sujeito, mas um fruto de seu encontro consigo. Para tanto, as prerrogativas ultrapassam as fronteiras da obra em si, é preciso antes de mais nada mastigar os aspectos expressos por Lispector. Em conclusão, a aventura de expressar as prerrogativas Clariceanas em uma análise intimista é um terreno tenso e profundo.

Cabe aqui quem se propõe a descobrir ao longo do processo as nuances ocultas, visto que nem tudo posicionado na obra pode ser visto de qualquer forma. A análise sobre o que aborda Clarice Lispector ampara-se sobre perspectivas e encadeamentos das manifestações estruturais, algo que só é perceptível a leitores críticos.

2.4 O narrador no desenvolvimento da história

Em uma obra, o narrador exerce papel fundamental para a construção do texto literário, uma vez que, à medida que desenvolve as descrições, estabelece pontos fundamentais para a compreensão do texto, tais como as características dos personagens e como desenvolvem mediante o contexto. O narrador, em meio à história, estabelece um vínculo com os personagens ao decorrer dos diálogos, uma vez que constitui seus apontamentos mediante as situações que relata.

Para tanto, na análise de uma obra ficcional, estabelece-se a conexão entre as cadeias de diálogo, descrição, narração e dissertação, que integram o texto na totalidade, resultando no corpo de uma narrativa. Assim, o entrelaçamento do eu narrador na construção da obra perpassa as barreiras de simplesmente narrar, sua função está intrinsecamente relacionada à importância dos acontecimentos na trama.

Dialogando com Moisés (2007, p. 115) onde afirma:

Quanto à narração, implica acontecimentos, ação e movimento, e a dissertação diz respeito à explanação de idéias ou conceitos. Obviamente, tais recursos podem não aparecer estanques, mas confundidos, entrelaçados, dificultando uma discriminação rigorosa: a dissertação pode integrar-se no diálogo, criando assim um expediente lubrificado, e a descrição pode imperceptivelmente passar a narração, e vice-versa, bastando que as personagens se ponham em ação, e vice-versa.

Nessa perspectiva, entende-se que o processo de narrar é um ato complexo, que por vezes pode ou não vir evidente no texto literário. Para tanto, os recursos presentes numa narrativa entrelaçam-se por vezes, de modo que o narrador adentra como um agente ativo para construir o entendimento sobre a história. A relação do narrador, por tanto, abrange a face dos recursos que enfatizam o desenvolvimento de uma trama a depender do estilo literário com o qual se esteja em contato.

Na abordagem de uma literatura intimista, a exemplo de Moisés (2007), afirma-se que: “a própria obra determinará a maneira como encarar os recursos narrativos. Dessa forma, se se trata de um conto, ou de um romance introspectivo, terá de esperar que predomine o diálogo” Moisés (2007, p. 115), assim, o narrador se entrelaça entre os diálogos.

Assim, as intercalações do narrador são constituídas além das descrições dos acontecimentos, em meio aos diálogos, sempre realizando apontamentos referentes à perspectiva posicionada em prelúdio anterior às falas e posterior à cena.

O narrador-personagem, com a visão por trás da obra, inquire uma onisciência, onde tudo sabe sobre as personagens, dominando características do presente e passado, sendo assim onisciente na narrativa, mesclando-se a ela.

Para tanto, dialogando com Leite (2002, p. 20):

Na VISÃO POR TRÁS, O narrador domina todo um saber sobre a vida da personagem e sobre o seu destino. É onisciente, poderíamos dizer. Sabe de onde parte e para onde se dirige, na narração, o que pensam, fazem e dizem as personagens; uma espécie de Deus, ou demiurgo que lhes tolhe a liberdade.

Na perspectiva da onisciência na obra literária, da qual o narrador tem o domínio de uma argumentação por trás da vida da personagem, Friedman (2002) estabelece tipologias referentes ao sumário e à cena, as quais tratam de contar e mostrar na história entre a mescla de narração e diálogo. A autora constitui no estabelecimento do vínculo entre tais cadeias, a perspectiva de um autor onisciente intruso, do qual sempre se posiciona mediante a narrativa perante um ponto vista divino, perpassando em seus apontamentos canais de informações capazes de ultrapassar as fronteiras de tempo e espaço.

O *ser* do Autor, onisciente intruso, mescla-se à narrativa, compartilhando suas reflexões ao decorrer das páginas, construindo nesse campo comentários sobre a vida, costumes e moral, o que se mescla à história do sujeito. O *eu* do ser sujeito de um narrador onisciente intruso, analisa as perspectivas sem nenhum fio de neutralidade. Dado o exposto, esse tipo de narrador constitui-se mediante o sumário narrativo, mas em alguns casos perpassa essas fronteiras, integrando a cena também.

Friedman (2002, p. 172) constitui que:

A principal diferença entre narrativa e cena segue o modelo geral-particular: o sumário narrativo é uma apresentação ou relato generalizado de uma série de eventos cobrindo alguma extensão de tempo e uma variedade de locais, e parece ser o modo normal, simples, de narrar; a cena imediata emerge tão logo os detalhes específicos, contínuos e sucessivos de tempo, espaço, ação, personagem e diálogo começam a aparecer. Não o diálogo tão somente, mas detalhes concretos dentro de uma estrutura específica de espaço-tempo é o *sine qua non* da cena.

O percurso narrativo emerge mediante os detalhes que concebem a sequência estrutural entrelaçada, tanto no plano relativo às descrições desenvolvidas, quanto na cena que constitui os detalhes concernentes ao espaço-tempo da obra. A composição de tal narrador é construída intencionalmente, com intuito de conduzir as ações e personagens, desse modo, como afirma Leite (2002): “Quem nos fala é esse *eu*. Os canais de que se utiliza são os mais variados, predominando a sua própria observação direta.” Leite (2002, p. 29).

Dentro de “*A hora da Estrela*”, nos deparamos com um narrador ficcional denominado Rodrigo S.M., este atrela-se mediante aos personagens, abordando perspectivas e apontamentos que refletem nas ações e diálogos dos sujeitos ali inseridos, sobretudo Macabéa, da qual tem exposta boa parte de sua existência pelo narrador. As descrições realizadas por Rodrigo são feitas mediante inferências, destacando comentários que exploram seu ponto de vista, posicionadas na intercalação da história.

Lispector (1977, p. 12) aborda na obra que:

Mas a pessoa de quem falarei mal tem corpo para vender, ninguém a quer, ela é virgem e inócua, não faz falta a ninguém. Aliás - descobro eu agora - também eu não faço a menor falta, e até o que escrevo um outro escreveria. Um outro escritor, sim, mas teria que ser homem porque escritora mulher pode lacrimejar piegas. Como a nordestina, há milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa. Não notam sequer que são facilmente substituíveis e que tanto existiriam como não existiriam.

Na perspectiva presente na obra, Rodrigo delinea a descrição da protagonista Macabéa intercalada a comentários pessoais, inclusive sobre ele próprio posicionado enquanto narrador. Dentro de suas descrições, é possível perceber que se trata de um alter-ego da escritora, primordialmente quando sustenta a tese de que qualquer outro autor o substituiria, ratificando que deveria ser homem, assim Lispector mescla-se a história, usando o narrador ficcional como instrumento de crítica social.

Inserida mediante a pele do sujeito narrador, Clarice esboça comentários como: “Limito-me a humildemente-, mas sem fazer estardalhaço de minha humildade que já não seria humildade- limito-me a contar as fracas aventuras de uma moça numa cidade toda feita contra ela” Lispector (1977, p. 13). Em seus desenvolvimentos, abarca toda a questão da narrativa mesclada a *si* também, posicionado propositalmente presente na trama, mesmo sua função sendo a de narrar os acontecimentos, transgredindo essa barreira, tecendo seus comentários de cima, numa perspectiva de superioridade.

As falas que retratam Rodrigo S.M. aludem a mostrar Macabéa sobre uma ótica de pena, há o posicionamento enquanto *eu* sujeito narrador da obra, de sentimentos e digressões crescentes à medida que tece suas falas.

Lispector (1977, p. 14) infere:

Mas desconfio que toda essa conversa é feita apenas para adiar a pobreza da história, pois estou com medo. Antes de ter surgido na minha vida essa datilógrafa, eu era um homem até mesmo um pouco contente, apesar do mau êxito na minha literatura. As coisas estavam de algum modo tão boas que podiam se tornar muito ruins porque o que amadurece plenamente pode apodrecer. Transgredir, porém, os meus próprios limites me fascinou de repente. E foi quando pensei em escrever sobre a realidade, já que me ultrapassa.

Existe a digressão referente aos sentimentos, posicionando Rodrigo enquanto o autor onisciente intruso, ele esboça o medo, fascínio, o sentimento de contento, permeando sua posição inserida no ato de narrar a trama. Apresenta dentro de sua fala, o ato de transgredir a *si* dentro de seus limites, abordando a perspectiva da realidade na obra.

Com isso, Clarice, enquanto narrador ficcional, realiza um jogo de narrar a realidade pela voz de um sujeito fictício, trazendo apontamentos e críticas sociais sobre verdades, que, enquanto Clarice, no momento do desenvolvimento da trama, não poderia, mas como Rodrigo sim.

O recurso narrativo utilizado vem para mediar a perspectiva da literatura intimista, da qual abrange os estados íntimos do ser sujeito, assim o narrador dialoga além da crítica social para com a personagem Macabéa, mas também com seus estados internos, uma vez que se posiciona sujeito ao decorrer dos seus comentários pessoais.

Assim, ao decorrer da obra é constituída uma série de ironias, onde vemos partes que se desenvolvem contrariando o que haviam afirmado anteriormente.

Amaral (2017, p. 30) tece que:

O leitor que já ouviu falar em Clarice Lispector ou que conhece alguma obra dela logo se dá conta de que está mergulhado num processo profundamente irônico, no qual se expressa o avesso do que afirma. Primeiro, pela contradição autor/ autora e pela presença da autora como elemento extratextual no campo da ficção; segundo, pela promessa de uma narrativa concentrada em ações, sendo que tais ações são menos importantes para Clarice do que suas repercussões na subjetividade humana; terceiro, pelo fato de de Rodrigo S.M. ter sido escolhido como alter ego masculino.

A construção de Rodrigo S.M. utiliza-se de uma liberdade criativa, no que tange à abordagem dos temas, percorrendo num tom particular a narrativa exteriormente o implícito, constituindo o posicionamento em descrições de sons, “explosões” a exemplo, posicionadas entre parêntesis ao decorrer dos diálogos e suas interações.

O narrador Onisciente intruso caiu em desuso ao decorrer do tempo devido à “neutralidade” que tomou conta da narração mediante as obras literárias, assim, ao passo do desenvolvimento dos decênios, presenciamos a transição entre categorias de narrador. Friedman (2002) constitui que a construção do narrador, que sucedeu o Onisciente Intruso, difere-se mediante: “A ausência de intromissões não implica necessariamente, contudo, que o autor negue a si uma voz ao usar o espectro do Narrador Onisciente Neutro” Friedman (2002, p. 174).

Na construção das intercalações, a sensação de objetividade e neutralidade é percebida sob a ótica do narrador onisciente, adotando um estilo indireto, diferentemente do narrador intruso, onde existe a liberdade dos personagens agirem e dialogarem como querem, o que permanece são as descrições ao longo da obra.

Relativo a essa construção, as perspectivas íntimas são descritas a partir de um emprego do discurso indireto, como se já tivessem acontecido na história, permanecendo a intervenção entre leitor e narrativa.

À medida que se avança em sociedade, também se modifica a forma narrativa das obras, ao passo que chegamos ao “eu” como testemunha, o qual se refere a um ser que dialoga com o que ocorre na obra, de modo que articula seus pensamentos como uma personagem posicionada em segundo plano.

Para tanto, o termo testemunha não acompanha sua titulação em vão, os diálogos aqui construídos posicionam-se diante da hipótese que ele mesma lança, sendo mais limitado que os narradores anteriores.

Friedman(2002, p. 175) estabelece:

Assim como declinou comentários pessoais ao mover-se do Autor Onisciente Intruso para o Narrador Onisciente Neutro, ao mover-se para a categoria “Eu” como Testemunha, ele entrega completamente seu trabalho ao outro. Muito embora o narrador seja uma criação do autor, a este último, de agora em diante, será negada qualquer voz direta nos procedimentos. O narrador-testemunha é um personagem em seu próprio direito *dentro* da estória, mais ou menos envolvido na ação, mais ou menos familiarizado com os personagens principais, que fala ao leitor na primeira pessoa.

Nessa perspectiva, o narrador aqui presente não tem domínio onisciente de todos os personagens, ele articula seus pensamentos na descoberta dos acontecimentos dos quais ele, enquanto sujeito, poderia descobrir, posicionando-se de igual forma aos demais personagens. Em suas construções, ele exprime sentimentos, pensamentos e percepções. Nesse caminho, torna-se uma incumbência haver alguém que testemunhe os acontecimentos, resultando a um papel atrelado à própria história da qual se narra.

Surgindo nesse cenário, o narrador-protagonista, caracterizado por abranger tão somente seus estados íntimos enquanto sujeito, centrando fixamente seus pensamentos e emoções. Percorrendo tais categorias, a evolução constante presente no ato de narrar uma obra resulta no surgimento da onisciência seletiva múltipla, onde não há a presença de narração. A história é desenvolvida mediante o que inferem os personagens em suas perspectivas íntimas, assim toda a construção da obra é transmitida ao leitor a partir da mente dos sujeitos.

Leite (2002, p. 48) aborda que:

Não há propriamente narrador. A HISTÓRIA vem diretamente, através da mente das personagens, das impressões que fatos e pessoas deixam nelas. Há um predomínio quase absoluto da CENA. Difere da ONISCIÊNCIA NEUTRA porque agora o autor traduz os pensamentos, percepções e sentimentos, filtrados pela mente das personagens, detalhadamente, enquanto o NARRADOR ONISCIENTE os resume depois de terem ocorrido

Na construção da presente categoria, os pensamentos que se dão mediante o desenvolvimento da história explanam a perspectiva do ponto de vista narrativo do pensamento que se desenvolve no personagem, do qual figura como o centro de uma cena. A onisciência seletiva, por sua vez, distingue-se da seletiva múltipla, no que tange quem emite os pensamentos, aqui limita-se tão somente à personagem central, tratando de momentos subjetivos mediante a introspecção do *eu*, que vivencia a experiência. Surgem assim fluxos de consciência do sujeito, resultando no surgimento do Modo Dramático, mediante aos estados transitórios narrativos.

O modo dramático, portanto, surge na evolução gradual do entendimento posicionado da concepção de uma obra. Nesse estágio, Autor e Narrador são eliminados dentro de tais descrições, sendo substituídos, como afirma Friedman (2002): “ao que os personagens fazem e falam; suas aparências devem ser dadas pelo autor, como que em direções de cena” Friedman(2002, p. 178). Para tanto, o foco está nas ações dramáticas, que visam ser vistas e sentidas, assim associando a perspectiva dos estados íntimos da introspecção, andando nessa categoria de mãos dadas ao drama.

A extinção do narrador nas obras literárias é abordada por Friedman (2002) como a última categoria, denominada A câmera. Aqui, a autora discute como a estrutura do texto exige um eu que dialogue mediante a integração da história, diálogos e sujeitos.

Assim, dialogando com Friedman(2002, p. 179) :

Contudo, talvez com a extinção final do autor, a ficção, como arte, seja também extinta, pois essa arte, por exigir algum grau pelo menos de vividez, também exige, parece-me, uma estrutura, o produto de uma inteligência mentora implícita na narrativa e que dá forma ao material de modo a incitar as expectativas do leitor com relação ao provável curso dos eventos, a cruzar essas expectativas com um curso contrário igualmente provável e, então, apaziguá-las de maneira que o desfecho resultante pareça, no fim das contas, aquele necessário.

O ponto de vista, mediante a escrita de uma obra ficcional, é crucial para o desenvolvimento de um enredo. As questões relativas aos limites de detalhes de uma obra necessitam de técnicas que sustentam a espinha dorsal dos efeitos de ilusão de uma narrativa, para tanto, o narrador constitui-se como peça primordial em dado aporte. Dado o exposto, o narrador é a figura do *ser* que trata da abordagem da obra, ele está entre a história e sua descrição, não deve ser anulado, mas sim reconhecido referente à sua importância na literatura.

Constituindo tal percurso argumentativo, entende-se a importância de todos os tipos de narradores presentes em obras literárias, independentemente da categoria, o papel inserido em uma narrativa está associado ao estabelecimento de pontos de vistas, argumentações referentes para com o leitor, bem como, compartilhar experiências. Todo o giro que percorre a estrutura da obra movimenta-se mediante os ângulos de foco posicionados pelo autor, o que dirige ao foco que a narrativa busca abranger.

3 CONSCIÊNCIA, IDENTIDADE E A INFLUÊNCIA DO CONTEXTO SITUACIONAL

A discussão acerca da formação de um indivíduo crítico é de grande relevância no contexto social, uma vez que essa ideia parte de uma compreensão global do indivíduo, que se baseia em uma interpretação analítica de sua posição mediante ao seu contexto. Analisar sobre as bases que amparam a construção de um indivíduo crítico que, em diversas situações, se posiciona de maneira analítica diante das circunstâncias do seu dia a dia é crucial. Desse modo, na nossa situação atual, possamos argumentar de que forma um ponto de vista crítico pode variar nas perspectivas de um indivíduo e como isso se diferencia dentro de sua própria perspectiva.

A célebre narrativa presente em “A Hora da Estrela”, que se mantém vigente na contemporaneidade, apresenta a história da nordestina Macabéa, da qual não dispõe de uma convicção de si mesma, ou seja, não tem a clareza de quem é enquanto sujeito. A ausência crítica contribui de maneira negativa no que diz respeito a seu viver. Assim, o objetivo é argumentar através da formação de uma consciência crítica caracterizada por ausências, assim como os elementos externos ligados ao ambiente experimentado pela personagem e como interagem com suas visões de análise.

3.1 As perspectivas analíticas psicológicas da protagonista posicionadas a partir de seu contexto situacional

Falar de um sujeito é narrar sua história, de modo a desvendar suas entrelinhas que dialogam com sua tomada de decisões perante as adversidades apresentadas.

Para se analisar um sujeito, é necessário antes de mais nada explorar seu contexto situacional, levantando hipóteses e perguntas sobre a procedência de suas ações, bem como seu discurso.

Os pareceres e posicionamentos ligados ao contexto do agente em estudo são de extrema relevância no âmbito de uma análise, uma vez que o contexto é primordialmente o espaço que, além de impactar, gera influências em seu desenvolvimento e manifestações interpretativas da realidade.

Amorim (2011, p. 80) afirma que:

Devemos, antes de tudo, considerar o texto enquanto massa verbal, enquanto produto da linguagem. O foco é o texto, ele é o ponto de partida. Mas o texto não é algo isolado do mundo. Sua significação mobiliza ideias e sentidos que nascem da relação que o texto estabelece com o contexto. Então, uma boa compreensão de um texto pode surgir da leitura que fazemos das relações que o texto e o contexto estabelecem, uma vez que o texto já contém, em si, uma leitura dos contextos com que está relacionado.

Uma vez imersos na obra de Clarice Lispector, percebemos na sua escrita de “*A hora da Estrela*” que existe além da massa verbal, enquanto um produto da linguagem, questões intrinsecamente interligadas pelo estabelecimento das ideias, que por sua vez dialogam com as estruturas interpretativas, onde adentra os aspectos contextuais expressos.

Ao longo da narrativa, nos deparamos com a nordestina Macabéa, moça virgem, datilógrafa e que cotidianamente come cachorro-quente acompanhado de coca cola. No processo de leitura, dar-se a conhecer que é órfã, sua formação, sob a influência da tia, foi sustentada por lições de subordinação diante das dificuldades. Nessa perspectiva, articulam-se os fatores contextuais referentes à visão analítica que a personagem tem perante a realidade.

Lispector (1977, p. 25) aborda na obra que:

Fora para Maceió com a tia beata, única parenta sua no mundo. Uma outra vez se lembrava de coisa esquecida. Por exemplo a tia lhe dando cascudos no alto da cabeça porque o cocuruto de uma cabeça devia ser, imaginava a tia o ponto vital. Dava-lhe sempre com os nós dos dedos na cabeça de ossos fracos por falta de cálcio. Batia mas não era somente porque ao bater gozava de grande prazer sensual
- a tia que não se casara por nojo- é que considerava de dever seu evitar que a menina vinhesse um dia a ser uma dessas moças que em Maceió ficavam nas ruas [...] As pancadas ela esquecia pois esperando-se um pouco a dor termina por passar. ”

Para constituir o processo investigativo sobre o personagem, são necessários anos para interpretar as várias nuances do que o texto nos apresenta. Nessa perspectiva, percebemos como Clarice Lispector articula a complexidade de tal sujeito, abordando aspectos pontuais referentes à doutrina imposta para Macabéa, da qual, sob a presença de assujeitamento referente à sua criação, infere-se o traçar da sua posição enquanto sujeito.

Uma vez presente no contexto social da personagem, existe a abordagem de sua condição, tanto economicamente como em termos de perspectiva, buscando assim, na obra literária, dialogar com as possibilidades de abrangência de tal sujeito.

A personagem se posiciona amplamente aérea em seu contexto, fazendo com que o universo da sua obra desperte no leitor uma variedade de hipóteses ao longo da leitura. Para tanto, como interpretações e ideias divergentes, como reflexo de seu constante posicionamento e de sua visão singular sobre o mundo que a cerca.

Lispector (1977, p. 36) afirma na obra que:

Um dia viu algo que por um leve instante cobiçou: um livro que Seu Raimundo, dado a literatura, deixara sobre a mesa. O título era *Humilhados e Ofendidos*. Ficou Pensativa. Talvez tivesse pela primeira vez se definido numa classe social. Pensou, pensou e pensou! Chegou à conclusão que na verdade ninguém jamais a ofendera, tudo que acontecia era porque as coisas são assim mesmo e não havia luta possível, para que lutar?

A percepção de que não há uma batalha viável, sobre a convicção subconsciente de que os eventos acontecem porque são inevitáveis, exprime uma visão da realidade apática de assujeitamento. Desse modo, rodeando sua existência, essa condição levanta o diálogo entre seu entendimento e perspectivas de análise presentes no contexto do sujeito.

Macabéa não tem, de forma muito clara, a percepção de questões relacionadas à realidade, tampouco alude quanto ao cenário ensurdecido de sua vida.

Lispector (1977, p. 48) explana que:

Pensar era tão difícil, ela não sabia de que jeito se pensava [...]O seu diálogo era sempre vazio. Dava-se conta longinquamente de que nunca dissera uma palavra verdadeira. E “amor” ela chamava de amor, chamava de não sei o quê [...] Uma vez os dois foram ao Jardim Zoológico, ela pagando a própria entrada. Teve muito espanto ao ver os bichos. Tinha medo e não os entendia: por que viviam? Mas quando viu a massa compacta, grossa, preta e roliça do rinoceronte que se movia em câmera lenta, teve tanto medo que se mijou toda. (p.48)

O estado de inércia referente às perspectivas de sua realidade transmite um ar de inocência perante os pareceres analíticos da personagem, a singela ingenuidade crítica da protagonista é comparada ao ouro. Apesar de usufruir claramente de uma vida de miséria e privações, sua credulidade colabora a seu favor em dados momentos, pois inconscientemente nesse aspecto, Macabéa atravessa sua rala existência de forma menos aflitiva, como não entende, não se sente infeliz. Desse modo, sua perspectiva apática dialoga com seu modo de existir, uma vez que acredita não haver nada de mal em viver assim, pois as coisas ocorrem por acaso do destino.

Dialogando com o escrito de Lispector (1977, p. 52) :

Mas Macabéa de um modo geral não se preocupava com o próprio futuro: ter futuro era luxo. Ouvira na rádio Relógio que havia sete bilhões de pessoas no mundo. Ela se sentia perdida. Mas com a tendência que tinha para ser feliz logo se consolou: havia sete bilhões de pessoas para ajudá-la. Macabéa gostava de filme de terror ou de musicais. Tinha predileção por mulher enforcada ou que levava um tiro no coração. Não sabia que ela própria era uma suicida embora nunca lhe tivesse ocorrido se matar.

As pistas e características descritas, trazem uma ampla visão de como viveu Macabéa, como vive, nos traz a imagem de seu contexto existencial e como se apresenta inserida nele, “mal tem corpo para vender, ninguém a quer, ela é virgem e inócua, não faz mal falta a ninguém” (Lispector, 1977 p. 11).

Os apontamentos construídos ao longo do texto analisam como a personagem usufrui de uma condição posicionada perante a visão do narrador. Existe em tal narrativa a descrição de inúmeras carências, observado em seu contexto o diálogo com a vida levada pela personagem, nas fronteiras de privações, sejam elas críticas ou econômicas.

Macabéa vivencia inúmeras dificuldades, por vezes, figurar como inconsciente de sua parca existência nos mostra a fragilidade de seu ser sujeito.

O fato de ser virgem não aborda somente a questão sexual, podemos analisar que a isenção de maldade se associa com sua construção de si. Dessa forma, virgem de análise e de consciência crítica inexplorada, em virtude de construção enquanto sujeito.

Na perspectiva de Lispector (1977, p. 62):

Sim, estou apaixonado por Macabéa, a minha querida Maca, apaixonado pela sua feiura e anonimato total pois ela não é para ninguém. Apaixonado por seus pulmões frágeis, a magricela[...] Maca, porém, jamais disse frases, em primeiro lugar por ser de parca palavra. E acontece que não tinha consciência de si e não reclamava nada, até pensava que era feliz. Não se tratava de uma idiota mas tinha a felicidade pura dos idiotas. E também não prestava atenção em si mesma: ela não sabia.

O não saber de Macabéa está relacionado a seu intelecto virginal, onde tal sujeito desconhece sua fragilidade e, a todo o momento, é inquirido como um agente desprovido de capacidade para realizar simples interpretações. A condição associada ao cenário onde a história está sendo narrada nos conduz à ideia da grande inércia da qual usufrui.

A sua construção de *si* enquanto sujeito protagonista da obra traz em seus posicionamentos a conexão num entrelaçamento entre suas perspectivas e como reage, ou seja, não há somente um personagem se não todo o englobamento dos reflexos de um contexto social.

Lispector (1977, p. 12) aborda na obra que:

Como a nordestina, há milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa. Não notam sequer que são facilmente substituíveis e que tanto existiriam como não existiriam. Poucas se queixam e ao que eu saiba nenhuma reclama por não saber a quem. Esse quem será que existe?

A narrativa da nordestina nos apresenta um cenário de existência melancólica, onde podemos enxergar de maneira abrangente alguns lapsos do significante de felicidade.

Apesar de comumente não ter consciência de como se estrutura o contexto à sua volta, Macabéa alcança, em meio a esses momentos de ilusão, escapes da realidade, sinônimos de felicidade que reside em sua ingenuidade.

O seu deleite é algo expresso de modo bem simples, sem muito luxo, assim como sua vida, ela vive em seu campo de ideias uma satisfação genuína em seu *eu*, mesmo não o conhecendo a fundo.

A exemplo disso, temos o episódio de quando se valeu de uma mentira para ficar em casa, onde o seu deleite é visto no simples fato de estar em um cômodo sozinha, sem a presença de mais ninguém, exprimindo um momento para com sua individualidade.

Na perspectiva de Lispector (1977, p. 37):

disse ao chefe que no dia seguinte não poderia trabalhar porque arrancar um dente era muito perigoso. E a mentira pegou. As vezes só a mentira salva. Então, no dia seguinte, quando as quatro Marias cansadas foram trabalhar, ela teve pela primeira vez na vida uma coisa a mais preciosa: a solidão. Tinha um quarto só para ela. Mal acreditava que usufruía o espaço. E nem uma palavra era ouvida.

Então dançou num ato de absoluta coragem, pois a tia não a entenderia. Dançava e rodopiava porque ao estar sozinha se tornava: l-i-v-r-e! Usufruir de tudo, da arduamente conseguida solidão, do rádio de pilha tocando o mais alto possível, da vastidão do quarto sem as Marias. Arrumou, como pedido de favor, um pouco de café solúvel com a dona dos quartos, e, ainda como favor, pediu-lhe água fervendo, tomou tudo se lambendo e diante do espelho para nada perder de si mesma.

A submersão em *si*, uma vez atrelada a uma rotina maçante, é quase que inexistente em dada conjuntura. O episódio nos esclarece muito sobre sua forma de pensar, de modo que conseguimos enxergar de maneira intrínseca um ser humano, que desde seus primeiros anos teve tão pouco e em sua contemporaneidade tão pouco lhe faz feliz.

Por não ter consciência de como os aspectos de sua vida são moldados, Macabéa vive em piloto automático, estando inserida em uma fatia marginalizada da sociedade, desconhece os prismas que modulam a realidade em suas estruturas sociais. Seus apontamentos acabam por compor uma atitude simplista, não sendo enxergado em momento algum questionamento ou reclamações de sua vida. “Nunca se queixava de nada, sabia que as coisas são assim mesmo” (Lispector, 1977 p. 31).

Sua existência se ampara sob uma ausência de perspectivas, onde não há um questionamento de como será seu futuro ou se irá em busca de melhorias, visto que ela própria não concebe a prática, porque foi doutrinada pela tia a adotar tal postura, vive sob o espectro de prisão. Na cena em que dança sozinha, em um quarto vazio, vive a experiência de sua individualidade. “Então dançou num ato de absoluta coragem, pois a tia não a entenderia” (Lispector, 1977 p. 31), a dança empregada na cena alude ao significante de despojar-se perante sua existência.

Sua criação se conduziu em ser como é, apática criticamente, presa por correntes invisíveis. A dança simboliza um libertar-se, mesmo que ninguém o veja, mesmo por alguns momentos, libertar-se das correntes que a prendem.

Assim, dialogando com Lispector (1977, p. 37):

Encontra-se consigo própria era um bem que até então não conhecia. Acho que nunca fui tão contente na vida, pensou. Não devia nada a ninguém e ninguém lhe devia nada.[...]Então precisava ela de condições especiais para ter encanto? Por que não agia sempre assim na vida? E até ver-se no espelho não foi tão assustador: estava contente, mas como doía

No fragmento, a personagem é vista em cena bem contente, apesar de também doer tal sentimento. Esse apontamento nos traz a indagação: O que doía? A realidade? O fato de não poder ser livre? Doía para ela ser feliz?

Podemos interpretar dado trecho como um lapso de felicidade, pelo se libertar das amarras da doutrina, onde a nordestina tem seu primeiro contato com essa emoção, por meio do encontro com *si* mesma, algo que cotidianamente não conhecia.

Macabéa convive com pessoas da mesma estirpe que ela, seres que aceitam as adversidades como se não houvesse outro caminho a se seguir, e na realidade, dentro desse contexto, não há mesmo.

O ralo viver da marginalização e pobreza, empregues como cenário desenhado ao redor de sua vida, nos esclarece que ela acatou as situações impostas, pois não tinha escolha, sendo assujeita pelas estruturas de poder.

O que doía, na verdade, era saber que não poderia vivenciar sempre o sentimento de felicidade, apesar de simples, neste episódio ela experiencia completamente. Tinha inconscientemente a certeza de que o sentimento não era corriqueiro em sua vida.

O aspecto de inércia, passividade e desconhecimento é expresso conhece Olímpico de Jesus, visto que em seus diálogos com seu conterrâneo, em maior parte deles, Macabéa não entende o que a prosa do personagem quer dizer.

Lispector (1977, p. 40) infere que:

Macabéa fingia enorme curiosidade escondendo dele que ela nunca entendia tudo muito bem e que isso era assim mesmo.[...]Olímpio de Jesus trabalhava de operário numa metalúrgica e ela nem notou que ele não se chamava de “operário” e sim de “metalúrgico”. Macabéa Ficava contente com a posição social dele porque também tinha orgulho de ser datilógrafa, embora ganhasse menos que o salário mínimo. Mas ela e Olímpico eram alguém no mundo. “Metalúrgico e datilógrafa” formavam um casal de classe.”

Dessa maneira, se percebe que a nordestina entende que não poderá usufruir de algo maior em sua vida, mesmo sem compreender o porquê, ou conseguir formular análises sobre essa questão, aceitando a situação e explicando com uma atitude de subserviência ao contexto com a resposta automática de sempre.

Aceitar a situação, postula o caminho pelo qual foi ensaiada para viver até o fim de sua vida. Sua doutrina era semelhante à de um cachorro, como afirma Lispector (1977). “ela como uma cadela vadia era teleguiada exclusivamente por si mesma. Pois se reduzira a si.” (Lispector, 1977, p. 16), assim, ensinada com velhos truques, não conhece outras possibilidades, provocando a estagnação. A grande questão está em como prosseguir ou visitar outros caminhos, se ninguém em seu contexto o faz? Se ninguém a impulsiona e nem ela sabe, como o fazer?

Para ela, ser virgem, datilógrafa e gostar de coca cola já eram de grande valia, pensava que possuindo uma profissão e ao lado de Olímpio já eram grandes conquistas para sua vida, aspectos doutrinários em sua trajetória e jamais desfeitos em seu ciclo social.

A insuficiente orientação de análise da protagonista dialoga entre os versos de sua história. As pistas deixadas pelo narrador na obra conduzem a esse percurso. Para tanto, “o material de que disponho é parco e singelo demais, as informações sobre os personagens são poucas e não muito elucidativas, informações essas que penosamente me vêm de mim para mim mesmo, é trabalho de carpintaria”(Lispector, 1977 p. 12).

Na submersão da complexidade do *ser*, para entender Macabéa enquanto sujeito, devemos estar atentos quando nos determos ao seu retrato visual, deixado por Clarice, que por sua vez é constituído nas entrelinhas por Rodrigo.

Ao bebermos de sua fonte analítica, podemos esculpir desde sua descrição um aprimoramento das causas da personagem, seguindo um viés do porquê de ser um sujeito parvo. Dessa forma, essa inércia liga-se indiretamente ao contexto experimentado pela protagonista ao longo de sua trajetória.

Lispector (1977, p. 13) constrói dentro da obra que:

Tenho então que falar simples para captar a sua delicadeza e vaga existência. Limito-me a humildemente -mas sem fazer estardalhaço de minha humildade que já não seria humilde - limito-me a contar as fracas aventuras de uma moça numa cidade toda feita contra ela. Ela que deveria ter ficado no sertão de Alagoas com vestido de chita, só tinha até o terceiro ano primário. Por ser ignorante era obrigada na datilografia a copiar lentamente letra por letra.

A ignorância que compõe as características descritas do sujeito nos apresenta a ideia de que, no contexto do qual vive e dentro de sua criação, sempre houve lacunas, onde a ausência de estímulo para a interpretação do mundo ao seu redor dificultou bastante sua caminhada na grande metrópole. Nessa perspectiva, constitui-se que: “a tia é que lhe dera um curso ralo de como bater à máquina. E a moça enfim ganhará uma dignidade: era datilógrafa” (Lispector, 1977 p. 13).

A doutrina repassada por sua tia foi essencial para poder sobreviver, entretanto, em momento algum foi apresentada outras perspectivas relacionadas às estruturas críticas, vindo do sertão, onde nesse contexto as pessoas extremamente marginalizadas, não abrangiam os amparos em questões relacionadas ao conhecimento. Macabéa sobrevive apenas de um raso conhecimento sobre como existir, nunca foi desafiada, instigada ou até mesmo preparada para evoluir e chegar mais longe.

Lispector (1977, p. 18) aborda na obra que:

Por que escrevo sobre uma jovem que nem pobreza enfeitada tem? Talvez porque nela haja um recolhimento e também porque na pobreza de corpo e espírito eu toco na sanidade, eu quero sentir o sopro do meu além. [...]Pareço conhecer nos menores detalhes essa nordestina, pois vivo com ela. E como muito adivinhei a seu respeito, ele se me grudou na pele qual melado pegajoso ou lama negra.

Quando nos referirmos à pobreza de espírito que permeia a existência de Macabéa, nos deparamos com o aspecto de subserviência do qual vive, como afirma o narrador onisciente sob o contexto situacional da nordestina.

A miséria de Macabéa pode ser explorada mediante a tomada de consciência que temos quando nos deparamos com as características passivas do sujeito, sendo exposto um panorama onde a consciência crítica é inexistente.

Macabéa apresenta a perspectiva do sujeito oprimido, onde sua condição interpretativa é quase nula, dialoga constantemente com seu auto desconhecimento.

Enquanto protagonista de seu destino, inserida nesse cenário sem os devidos incentivos para ampliar seu horizonte de análise subdesenvolvido, é quase impossível maiores aspirações dentro de sua fraca existência.

Neste contexto, perspectivas positivas de melhora são quase nulas, uma vez que “Talvez a nordestina já tivesse chegado à conclusão de que a vida incomoda bastante” (Lispector, 1977 p. 28), o que se entende é a ideia de estagnação e sobrevivência em um cenário onde as possibilidades do florescimento de consciência são inaptas.

Ao decorrer da narrativa, a perspectiva da qual se enxerga adentra o olhar da nordestina perante a realidade, é observado ainda as concepções relativas à construção de seu perfil por Rodrigo S.M., o narrador bem como as estruturas sociais dialogadas nesse cenário.

Dialogando com Lispector (1977, p. 13):

Quem já não se perguntou: sou um monstro ou isto é ser uma pessoa? Quero antes afiançar que essa moça não se conhece senão através de ir vivendo à toa. Se tivesse a tolice de se perguntar “quem sou eu?” cairia estatelada e em cheio no chão. É que “quem sou eu?” provoca necessidade. E como satisfazer a necessidade? Quem indaga é incompleto .

O auto desconhecimento de *si* enquanto sujeito mostra-se de maneira abrangente dentro de suas perspectivas do “ir vivendo à toa”, expressos de maneira cotidiana na vida da jovem Macabéa. Sua realidade acaba por exercer de maneira negativa grandes influências em sua vida, interferindo em possibilidades do desabrochamento de uma melhor perspectiva de existência ou de consciência crítica.

Seu contexto está a todo o momento envolvido com a sua postura enquanto sujeito, seja o passado ou seu presente. Em um diálogo com Olímpico de Jesus, seu namorado na narrativa, observam-se evidentemente os traços de carência crítica, visto que, em dada ocasião, não existe um expressar por parte de Macabéa para maiores desenvolvimentos de conversas.

Lispector (1977, p. 43) elenca na obra:

Ela: - Falar então de que?

Ele:- Por Exemplo, de você.

Ela: - Eu?!

Ele:- Por que esse espanto? Você não é gente? Gente fala de gente.

Ela:- Desculpe mas não acho que sou muita gente.

Ele:- Mas todo mundo é gente, Meu Deus!

Ela: - É que não me habituei.

Ele:- Não se habituou com quê?

Ela: - Ah, não sei explicar.

Ele:- E então ?

Ela: - Então o quê?

Ele:- Olhe, eu vou embora porque você é impossível!

Ela: - É que só sei ser impossível, não sei mais nada. Que é que faço para conseguir ser possível?

O diálogo entre os personagens nos apresenta uma reflexão sobre como se ampara a existência da Nordestina com seu horizonte de análise, nos mostrando como as perspectivas apresentadas dialogam com seu posicionamento perante o mundo à sua volta. Ao decorrer do desenlace, entendemos que Macabéa figura como um sujeito decodificador das situações e que não consegue atribuir grandes significados para o que observa através de sua existência. Em seus diálogos com Olímpico de Jesus, boa parte do que conversavam ela tinha dúvidas, de modo que, por vezes, esvoaçava mediante a conversa.

Dialogando com a abordagem de Lispector (1977, p. 46):

Muitas coisas sabia que não sabia entender. “Aristocracia” significa por acaso uma graça concedida? Provavelmente. Se é assim, que assim seja[...] Ele falava coisas grandes mas ela prestava atenção nas insignificantes como ela própria. Assim registrou um portão enferrujado, retorcido, rangente e descascado que abria o caminho para uma série de casinhas iguais de vila. Vira isso do ônibus.

Decerto retratar sobre a postura de Macabéa é conflitante, a personagem apresenta estado de sedação perante as circunstâncias apresentadas no livro, ela é vista pelo narrador igual a um animal perante a realidade, equivalente ao rótulo de irracional, uma vez que suas atitudes assim são enxergadas como extintos de sobrevivência.

Encaminhada pelo instinto, tal qual um animal, é como Macabéa é tratada pelo narrador Rodrigo S.M., uma vez que é afirmado que “Ela como uma cadela vadia era teleguiada exclusivamente por si mesma. Pois reduzia a si” (Lispector, 1977 p. 16). Desse modo, a comparação a uma cadela vadia emprega ao leitor a percepção do sujeito como alguém ignorante, do qual suas atitudes estão inteiramente amparadas ao seu extinto, não dispondo de uma análise ao agir, seguindo sempre a linha de enfrentamento da qual já dispõe perante as adversidades.

Essa exposição nos apresenta a ideia de que em momento algum consegue progredir ou regredir, permanecendo estática perante o real, com a mesma visão e maneira pela qual, em seu ambiente de convívio, fora doutrinada a agir, estendendo esses preceitos como um estilo de vida.

Lispector (1977, p. 26) traz que:

Ela não era nem de longe débil mental, era à mercê e crente como uma idiota. A moça que pelo menos comida não mendigava, havia toda uma subclasse de gente mais pedida e com fome [...] tinham vindo para o Rio, o inacreditável Rio de Janeiro, a tia lhe arranjava emprego, finalmente morrera e ela, agora sozinha, morava numa vaga de quarto compartilhado com mais quatro moças.

Em um contexto onde tudo falta, inclusive a consciência identitária, a desafortunada Macabéa depara-se sozinha no mundo, sendo obrigada a enfrentar a grande metrópole com suas poucas armas, uma vez inserida nesse cenário de indigência, as chances quase nulas de sua sobrevivência são enfatizadas dentro de sua narrativa.

Devido à pouca perspectiva de futuro, não havia uma preocupação de sua parte por tal, assim, através do narrador, infere-se que: “de um modo geral não se preocupava com o próprio futuro: ter futuro era luxo.” (Lispector, 1977 p. 52). Seu pouco preparo enquanto sujeito perpassa degraus mais longínquos do que a própria sobrevivência.

Inserida circunstancialmente na casualidade de existir, sua vida é insignificante, onde ninguém a pode socorrer, a não ser ela mesma, o que em termos gerais significa que ela vive à mercê dela própria. Assim, ela mesma está incumbida de salvar-se de sua triste existência, o que, de modo geral, significa dizer que ela está em situação de palpos de aranha.

Os lapsos de graça eram frequentes, por vezes deleitava-se em sua incompreensão, deixando sair, um lado de seu íntimo que havia sido doutrinado a reter dentro de *si*, mesmo não pensando em nada, vivia o sentido eufórico.

Lispector (1977, p. 57) aborda na obra que:

Um dia teve um êxtase. Foi diante de uma árvore tão grande que no tronco ela nunca poderia abraçá-la. Mas apesar do êxtase ela não morava com Deus. Rezava indiferentemente. Sim. Mas o misterioso Deus dos outros lhe dava às vezes um estado de graça. Feliz, feliz, feliz. Ela de alma quase voando.[...]Às vezes a graça a pegava em pleno escritório. Ela ia ao banheiro para ficar sozinha. De pé e sorrindo até passar(parece-me que esse Deus era muito misericordioso com ela: dava-lhe o que lhe tirava). Em pé pensando em nada, os olhos moles.

O fato de não abranger o desenrolar das situações preserva em seu íntimo um estado de inculpabilidade em sua narrativa, chegando a exprimir a graça da inocência, não só isso, mas ela é uma vítima de seu contexto situacional, sua pouca abrangência devido à preparação do desenvolvimento de seu eu. Nessa perspectiva, leva-se uma questão a se destacar: Qual a sua perspectiva do panorama de sua realidade?

Sua passividade conduz ao leitor a ideia de inércia constante, como se a protagonista realmente não compreendesse bem o que lhe aflige. Ela até sabia o que era e como a experiência se desenvolve, mas não abrangia as diretrizes causantes do porquê de determinado fato ocorrer.

Em outras palavras, ela conseguia discernir que isso fazia parte do contexto real, mas não o valor circunstancial de tal atividade e como isso influência dentro de seu ambiente.

Na perspectiva de Lispector (1977, p. 30):

Quando dormia quase que sonhava que a tia lhe batia na cabeça. Ou sonhava estranhamente em sexo, ela que de aparência era assexuada. Quando acordava se sentia culpada sem saber por quê, talvez porque o que é bom devia ser proibido. Culpada e contente. Por via das dúvidas se sentia de propósito culpada e rezava mecanicamente três ave-marias, amém, amém amém. Rezava mas sem Deus, ela não sabia quem era Ele e portanto não existia.

Macabéa enquanto sujeito, no diálogo com seu contexto, infere os sentimentos atribuídos socialmente. Nessa perspectiva, o prazer, por si só, era mal visto para a mulher, tanto que a doutrina da tia acarretou orgulho por ser virgem. A penitência das três ave-maria também associa-se no cultivo das estruturas de seu eu sujeito, uma vez que, apesar de rezar, desconhecia sobre o Deus ao qual fazia sua súplica, soltando palavras ao vento como em piloto automático. Esse contexto está intrinsecamente construído com base nos fundamentos relativos ao sujeito do qual tornou, um sujeito decodificador do sistema do qual vive, não dialoga e assujeita-se ao que é imposto.

Na perspectiva de Lispector (1977, p. 29):

Enquanto o silêncio da noite assusta: parecia que estava prestes a dizer uma palavra fatal. Durante a noite na rua do Acre era raro passar um carro, quando mais buzinasse, melhor para ela. Além desses medos, como se não bastassem, tinha medo grande de pegar doença ruim lá embaixo dela- isso, a tia lhe ensinara. Embora os seus pequenos óvulos tão murchos. Tão, tão. Mas vivia em tanta mesmice que de noite não se lembrava do que acontecera de manhã. Vagamente pensava de muito longe e sem palavras o seguinte: já que sou, o jeito é ser.

Em seu plano situacional, a pouca abrangência com questões lógicas nos desenha um ser humano sem senso crítico. Vemos que Macabéa aceita sem nenhuma sombra de dúvidas seus medos, já que não enxerga a natureza desses sentimentos, em momento algum chega a questioná-los ou rever de maneira menos devota, dentro do que sua tia forjou nas raízes de suas perspectivas.

A exemplo disso, a Tia lhe repassou informações sobre a possibilidade de contração de uma doença contagiosa, sem explicar o caminho para chegar às vias de fato, só repassando o significante de medo, sem mostrar o percurso da racionalidade. A insuficiente visão, de uma esfera maior do que medos ilógicos ou análises mais minuciosas, a transforma em uma coadjuvante em sua própria vida. Para tanto, essa condição de limitação dialoga de maneira repetida com o seu cenário, pois dele é fruto, e ao mesmo está atrelada sua escassa maneira de dialogar e analisar.

Lispector (1977, p. 30) em sua construção na obra:

a moça às vezes comia num botequim um ovo duro. Mas a tia lhe ensinara que comer ovo fazia mal para o fígado. Sendo assim, obediamente adoeceu, sentiu dores do lado esquerdo oposto ao fígado. Pois era muito impressionável e acreditava em tudo o que existia e no que não existia também. Mas não sabia

enfeitar a realidade. Para ela a realidade era demais para ser acreditada. Aliás a palavra “realidade” não lhe dizia nada.

Facilmente impressionável e inteiramente despreparada para agir de maneira lógica, dentre as perspectivas sociais, a pouca abrangência sobre aspectos físicos e rotineiros apresentam Macabéa como alguém inteiramente sucessível, onde vive presa em um estado de descrença lógica, sendo facilmente manipulável.

A nordestina não abrange característica alguma de suas impessoalidades psicológicas, podendo ser enxergada como um sujeito restrito, nesse sentido, dentro de sua interpretação sob as circunstâncias, para ela as coisas são como são.

Sem pretensões de vida, até mesmo de reflexão pela ausência de conhecer o significativo, a sobrevivência de Macabéa se conecta a um estado irreal do qual ela é prisioneira em uma cela sem grades. Essa cadeia escura e sem luz que ela não pode perceber aspectos ligados ao seu contexto no qual vive e usufrui.

3.2 A Sustentação do Estado de "Prisão Utópica" de Macabéa na Ausência Crítica e Contexto Situacional

A impessoalidade analítica, propagada com as características em meio ao contexto situacional da protagonista Macabéa, está inteiramente conectada ao seu cenário e, ao mesmo tempo, desconectada do plano de uma análise do real. A abrangência das perspectivas pessoais é nula e a análise, se quer existe, sua maneira de responder ao seu contexto induz à ideia de um sujeito impessoal, do qual se nota a ausência. Assim, coexiste em si, “Ela não era nem de longe débil mental, era à mercê e crente como uma idiota” Lispector (1977, p. 26), onde a nordestina não abrange projeções de consciências perante suas experiências.

Esse estado está ligado ao seu cenário situacional, visto que um sujeito crítico está constantemente buscando a partir de possibilidades, aprender em meio às situações que vivencia, assim progredir dentro de suas capacidades, descobrindo no processo como conectar-se ao plano irreal. Dentro do estado psicológico, o indivíduo desenvolve análises críticas, assim sendo, cabe destacar como era a sua visão segundo o narrador Rodrigo S.M.

Lispector (1977, p. 30) em obra esboça:

para ela, fora Deus, também a realidade era muito pouco. Dava-se melhor com um irreal cotidiano, vivia em câmara leeeenta, lebre puuuulando no aaaar sobre os ooooouteiros, o vago era o seu mundo terrestre, o vago era o de dentro da natureza. E achava bom ficar triste. Não desesperada pois isso nunca ficara já que era tão modesta e simples mas aquela coisa indefinível como se ela fosse romântica. Claro que era neurótica, não há sequer necessidade de dizer. Era uma neurose que a sustentava, meu Deus, pelo menos isso:muletas.

O estado freneticamente hipnótico do qual se ampara reside submerso nas grades de uma prisão no vago, esse espaço é enxergado como a sua mente, onde sintetiza as características relacionadas à análise. As grades desse vago lugar equivalem a uma névoa que a impede de alcançar a digressão necessária.

A ausência de crítica e o repertório conformista são como os atolhos utilizados em cavalos, para que olhem somente para uma direção, no caso de Macabéa crendo que tudo acontece porque as coisas são como são.

O estado de cárcere é visto dentro de seu subconsciente, onde não há muita luz e é extremamente escuro, marcado tão somente pelo eco de suas perguntas sem respostas, onde por vezes, ela própria inventa a explicação.

O mergulho sob um inconsciente sem fulgor da racionalização crítica, provoca no estado desta cadeia da realidade grande dormência psicológica, extremamente conectado a estrutura do ser, construído sob um alicerce enfraquecido, marcado pela necessidade de uma gênese analítica da qual não lhe foi aplicada.

Em seus estados de inocência, Macabéa vivia a satisfação de ser quem era, o autodesconhecer para ela era benéfica, ela tinha satisfação em ser quem era, apesar de não conhecer muito bem as razões pelas quais era quem era.

Dialogando com Lispector (1977, p. 32):

Se a moça soubesse que minha alegria também vem de minha mais profunda tristeza e que a tristeza era uma alegria falhada. Sim, ela era alegrezinha dentro de sua neurose. Neurose de guerra [...] E quando acordava? Quando acordava não sabia quem era. Só depois é que pensava com satisfação: sou datilógrafa e virgem, e gosto de coca-cola. Só então vestia-se de si mesma, passava o resto do dia representando com obediência o papel de ser.

A carência de perspectivas, significantes sob uma ótica mais progressista do real, inquire a análise sobre como o perfil da nordestina está posicionado em um estado automático de *ser*, sendo inteiramente passível a um desenvolvimento de seu *eu*. Macabéa vive delimitada a suas perspectivas analíticas, onde reage de maneira inerte ao real, e sua consciência acusa-se presa em uma cadeia psicológica, que pode ser vista pela ausência de conhecimento.

Sua atuação em sociedade desenvolve-se de maneira passiva a seu ambiente situacional, inerte a consciência de *si* mesma como a protagonista de seu existir. As grades dessa cadeia psicológica podem ser interpretadas como um limbo, dessa forma dialogando com a ideia expressa pela autora.

Ainda na mesma página, Lispector (1977, p. 32) esboça que:

A datilógrafa vivia numa espécie de atordoado Limbo, entre céu e inferno. Nunca pensara em “ eu sou eu”. Acho que julgava não ter direito, ela era um acaso. Um feto jogado na lata de lixo embrulhado em um jornal. Há milhares como ela? Sim, e que são apenas um acaso [...] A nordestina não acreditava na morte, como eu já disse, pensava que não - pois não é que estava viva? Esquecera os nome da mãe e do pai pois nunca os mencionava com a tia.

A natureza das estruturas da lógica expressa para a protagonista o desconhecimento, uma vez que está sob um cárcere de suas capacidades de consciência crítica. A natureza de seu *eu* ampara-se sob um aspecto de desconhecimento, onde o seu existir exprime orientações confusas marcadas por ideais de escuridão, sem reflexos de lucidez.

Mesmo não abrangendo perspectivas críticas, o espaço da realidade persegue Macabéa como uma assombração, buscando assustá-la.

Entretanto, por não compreender esses aspectos, não sente nenhum sentimento de pavor, pois realmente age de maneira inconsciente perante a realidade de sua experiência.

A nordestina não compreende o impacto das situações, assim trata a tristeza como algo normal, vivendo por vezes em modo automático, repetindo somente o que aprendeu nos anos que passou com a tia.

Lispector (1977, p. 32) aborda que:

Outra vez ouvira: “Arrepende-te em Cristo e Ele te dará felicidade. ” Então ela se arrependera. Como não sabia bem de quê, arrependia-se toda e de tudo. O pastor também falava que a vingança é coisa infernal. Então ela não se vingava. Sim, quem espera sempre alcança. É? Tinha o que se chama de vida interior e não sabia que tinha. Vivia de si mesma como se comesse as próprias entranhas.

O viver expresso em *si* nas perspectivas de Macabéa, abrange um desencadeamento de fatores expressivamente intercalados, estes dialogam com a natureza da prisão psicológica, onde exprime seu discernimento perante o que escuta e como assimila os discursos dos demais. Uma vez não dispondo de uma linha dialógica, ou até mesmo de um pensamento inteiramente voltado às diretrizes analíticas, a nordestina tende a não ter um filtro crítico. Ao decorrer do que tange às experiências sobre o que lhe é mencionado, posicionando-a como uma “verdade absoluta”, pois não conhece muito, e muito pouco lhe foi ensinado.

A vida interior de Macabéa limita-se tão somente a *si* mesma enquanto sujeito, usufruindo somente do que dispunha como vã filosofia de vida, dentro de sua economia de viver, “ Essa economia lhe dava alguma segurança, pois, quem cai, do chão não passa. Teria ela a sensação de que vivia para nada?” Lispector (1977, p. 28). O desconhecimento de um motivo para viver assemelha-se à prisão do vazio que vive, onde presa sem uma luz de “liberdade” seu *eu* sobrevive como pode, tal qual ela. Macabéa não interpreta as situações, age no piloto automático do qual foi doutrinação a viver.

Em sua construção Lispector (1977, p. 34) traz que:

A maior parte do tempo tinha sem saber o vazio que enche a alma dos santos. Ela era santa? Ao que parece. Não sabia que meditava pois não sabia o que queria dizer a palavra. Mas parece-me que sua vida era uma longa meditação sobre nada. Só que precisava dos outros para crer em si mesma, senão se perderia nos sucessivos e redondos vácuos que havia nela. Meditava enquanto batia a máquina e por isso errava ainda mais.

Abrangendo de maneira inteiramente empírica, sobre o tanger da constituição do sujeito, vê-se de maneira frequente inteiramente as bases de suas falhas tentativas de conectar-se com *si* mesma.

Macabéa vive de maneira constante, um prefácio de um estado de imersão dentro de seu *eu*, todavia como as características associadas a essa linha dialógica se constitui por um a ausência, abrangente nas composições de análise crítica, não consegue efetivar um olhar analítico sob uma linha de meditação de seu *eu*.

Sua prisão psicológica enquanto sujeito constitui-se ao estar em contato frequente com um espaço infrutífero de análise, dessa forma, permeia sua existência nessa realidade, presa em um espaço vazio e escuro sem quaisquer iluminações sob a lógica construtiva de *si*.

Os Vácuos aqui expressos justificam a ideia de vazio existencial do qual usufrui enquanto sujeito, guiados pelas suas diretrizes psicológicas e críticas, das quais sua mente encontra-se tomada por essa ausência.

Ainda nessa perspectiva Lispector (1977, p. 34) afirma que:

Tornara-se com o tempo apenas matéria vivente em sua forma primária. Talvez fosse assim para se defender da grande tentação de ser infeliz de uma vez e ter pena de si. (Quando penso que eu podia ter nascido ela- e por que não? - estremeço. E parece- me covarde fuga de eu não ser, sinto culpa como disse num dos títulos). Em todo caso o futuro parecia vir a ser muito melhor. Pelo menos o futuro tinha a vantagem de não ser o presente, sempre há um melhor para o ruim.

A forma primária expressa por Lispector (1977) dialoga com a clareza das concepções do sujeito Macabéa, uma vez que seu estágio de análise e percepção está vedado por barreiras mais longínquas do que a da alienação, de modo a justificar o porquê do sujeito não abranger nenhum estado analítico.

Quando citamos o termo “forma primária”, há um diálogo entre o estado físico e mental, visto que sua consciência é inicial como a de um feto que nada abrange ou conhece. Dessa maneira, mostra como o seu horizonte é limitado, sem entendimento algum do real, marcado por barreiras de opressões e privações psicológicas.

Os obstáculos que a impedem de avançar são os resultados de sua posição enquanto indivíduo marginalizado socialmente, “A moça é uma verdade da qual eu não queria saber. Não sei a quem acusar mas deve haver um réu” Lispector (1977, p. 35), assim Macabéa nada mais é do que uma vítima do sistema. Desse modo, presa nessa circunstância, a protagonista, enquanto agente invisibilizado, dialoga como pode para tentar sobreviver à grande metrópole.

Mesmo atada a um contexto de miséria, sem um ponto analítico em suas percepções, a protagonista de “A hora da Estrela” sonha em dias mais vívidos e melhores, é possível enxergar como se expressa o desejo, apesar de seu não entender. Macabéa também existia entre a busca da felicidade, que apesar de não conhecer ou saber como deveria sentir alguém feliz, ambicionava algum dia usufruir desse estado.

Rodrigo S.M., o narrador da história, dialoga com a história de modo a estabelecer digressões sobre o contexto relativo à reflexão que a trama estabelece. Macabéa enquanto invisibilizada por um sistema, transgride o grito do qual as estruturas de poder não desejam escutar. Relevar o grito é expor um sistema antigo.

Lispector (1977, p. 35) afirma em sua construção na obra:

Será que entrando na semente de sua vida estarei como que violando o segredo dos faraós? Terei castigo de morte por falar de uma vida que contém como todas as nossas vidas um segredo inviolável? Estou procurando danadamente achar nessa existência pelo menos um topázio de esplendor. Até o fim talvez o deslumbre, ainda não sei, mas tenho esperança.

Rodrigo S.M. apresenta de maneira estritamente aberta uma verdade e um segredo que, ao destapá-lo, poderia resultar em um castigo, sendo uma flecha da verdade relativa à criticidade no *eu* de Macabéa. O que se pode afirmar, das perspectivas de algum “mistério” a se revelar, implica sobre a complexidade da consciência crítica de tal sujeito, inserido perante a fatia pobre da grande metrópole.

A existência, dentre a ausência de conflitos tão abrangentes quanto a necessidade de saber quem se é, ou autoconhecer-se sobre suas necessidades, metas e expectativas, é quase impossível nesse percurso, visto que a primazia do conhecimento lhe foi negado.

A prisão psicológica de Macabéa é uma dura verdade, onde se encontra enclausurada sem alcançar a emancipação desse estado de sua natureza interpsicológica. Não só isso, é necessário destacar que o sujeito não busca um meio para a liberdade desse estado. Assim, revelar essa verdade, segundo o interlocutor, poderia ser o equivalente a uma pena de morte. Apesar de adormecida nesse estado, a deficiência desse processo não lhe abrange a culpa, pelo contrário, o sujeito é completamente inocente de viver sob esse espectro de ausências em sua vida.

3.3 Impacto da Ausência Crítica na Identidade Analítica da Personagem Macabéa

Quando nos referimos a um sujeito crítico, apontamos para um ser que domina o campo da análise sob as perspectivas psicológicas, através da interpretação de si e dos aspectos sociais que o cercam. Assim, constitui-se o mundo ao seu redor e, como para com ele interage, argumenta e responde no convívio de seus semelhantes, em meio aos diálogos do cotidiano.

No horizonte identitário da protagonista de “A hora da estrela”, devemos considerar seu percurso dialógico descrito sob as páginas do romance, onde o narrador Rodrigo S.M. nos apresenta pistas sobre as características inquiridas na personalidade e entrosamento social da Nordestina. Assim, “Quanto à moça, ela vive num limbo impessoal, sem alcançar o pior nem o melhor. Ela somente vive, inspirando e expirando, inspirando e expirando.

Na verdade, para que mais que isso? O seu viver é ralo.” Lispector (1977, p. 20). Seu fraco existir, guia-se sobre as construções realizadas através dos ensinamentos deixados pela tia, viver ralmente aqui, exprime em seu envolvimento para com a criticidade no cenário social, para tanto ela seguia à risca, não buscando em momento algum uma explicação mais racional para o fato de sua vida.

Assim, o que fora forjado ao decorrer de sua caminhada era seguido à risca, e em momento algum questionado por ela.

Lispector (1977, p. 35) aponta na obra que:

Às vezes a datilógrafa tinha enjoo para comer, Isso vinha desde pequena quando soubera que havia comido gato frito. Assustou-se para sempre. Perdeu o apetite, só tinha a grande fome. Parecia-lhe que havia cometido um crime e que comera um anjo frito, as asas estalando entre os dentes. Ela acreditava em anjo e, porque acreditava, eles existiam

O termo limbo impessoal alude à perspectiva de um sujeito preso em um estado de escuridão, sem quaisquer possibilidades pessoais de florescimento crítico, em outras palavras, se relaciona a um campo infértil de fundamentos lógicos.

Podemos afirmar que esse espaço se liga ao estado de aprisionamento que reside na ausência crítica, da qual marca os anseios de análise de Macabéa. A existência da personagem se ampara sobre esse vazio existencial, não conseguindo promover o desenvolvimento de um aprimoramento de suas características críticas, tal como sua consciência de si enquanto um sujeito. Suas atitudes, posicionadas, relacionam-se a um indivíduo estagnado subversivamente em um espectro de conformismo social.

O conhecimento que tinha sobre a vida era ralo que nem sua existência, tinha pouco domínio sobre termos mais complexos, assim como situações do cotidiano, trata de “Muitas coisas sabia que não sabia entender.

“Aristocracia” significa por acaso uma graça concedida? Provavelmente. Se é assim, que assim seja” Lispector (1977, p. 46).

Nessa perspectiva, suas perguntas automaticamente respondidas por ela, aponta a um viver pelas denominações que tem da realidade, a grande questão é que “Pensar era tão difícil, ela não sabia de que jeito de pensar” Lispector (1977, p. 46), assim vivia guiada por si, mas encontra-se na vida em um estado de inércia.

Enquanto protagonista da própria vida, existindo somente como coadjuvante na narrativa de escolhas e decisões, Macabéa poucas vezes entendia seu lugar, sua existência se amparava sobre uma incompetência de viver, faltando jeito de ser sujeito.

Lispector (1977, p. 21) pontua na obra:

Vou agora começar pelo meio dizendo que - que ela era incompetente. Incompetente para a vida. Faltava-lhe o jeito de se ajeitar. Só vagamente tomava conhecimento da espécie de ausência que tinha de si em si mesma. Se fosse criatura que se exprimisse diria: o mundo é fora de mim, eu sou fora de mim. (Vai ser difícil escrever esta história. Apesar de eu não ter nada a ver com a moça, terei que me escrever todo através dela por entre espantos meus. Os fatos são sonoros mas entre os fatos há um sussurro. É o sussurro o que me impressiona.)

O termo ausência de *si* exprime a ideia de carência de algo relacionado ao *eu* de um sujeito, podendo-se interpretar como o lado de *ser* empírico da personagem, desse modo imprimindo a ideia de uma inexistência do pensamento consciente perante a realidade. Em outras palavras, retrata a nordestina como um sujeito leigo, que se apresenta de maneira eloquente diante da falta de instruções para a vida, bem como, sem nenhum domínio da consciência de seu *ser*.

Sua história é como um sussurro, como afirma Rodrigo S.M., sussurro esse que por sua vez impressiona quem se depara com a situação dos fatos. O termo alude a um pequeno barulho, um som que, mesmo raso, nos traz uma mensagem empregue pelo autor, nos apresenta ao pensamento uma dura verdade, a ausência de um olhar crítico aflige a identidade de análise de Macabéa. Enquanto sujeito marginalizado, ela é invisível, não consegue formular um senso crítico, mesmo perante as circunstâncias mais simples do dia a dia, e o pior é que não tem culpa por tal.

Em uma posição de marginalidade, ela dialoga de maneira passiva ao contexto social, não se defende, mantendo sempre uma postura de assujeitamento às circunstâncias, possivelmente por estar familiarizada a ser repreendida.

Nessa perspectiva, Lispector (1977, p. 21) alude que:

Faltava-lhe o jeito de se ajeitar. Tanto que (explosão) nada argumentou em seu próprio favor quando o chefe da firma de representante de roldanas avisou-lhe com brutalidade(brutalidade essa que ela que ela parecia provocar com sua cara de tola, rosto que pedia tapa), com brutalidade que só ia manter o emprego de glória, sua colega, porque quanto a ela, errava demais na datilografia, além de sujar invariavelmente o papel.

Dessa maneira, se apresenta a ausência argumentativa de consciência da personagem presente em “A hora da estrela”, a qual vai além de um estado de ignorância, mas sim, parte de um desconhecimento da realidade em todas as suas nuances.

Na obra, Macabéa não entende o que é criticidade, como todo cidadão, as adversidades apresentam-se em seu dia a dia, mas ela por si só não as compreende bem ou não sabe como reagir a elas.

Por não ter um aprofundamento, não se dá conta de que deve posicionar-se, pouco se preocupa com erros como sujar o papel ou errar na datilografia, pois não entende a gravidade dos problemas e as situações do seu contexto. O horizonte de Macabéa se limita somente a seguir o que lhe é imposto, sem questionamentos ou argumentações, só pedidos de desculpas. Ela não pensa no que acontece à sua volta, sequer imagina que seus atos possam ter consequências.

O estado de análise crítica de Macabéa encontra-se no marco inicial ou equivalente ao de uma criança, uma vez que. Se percebe recorrentemente que não foi construído, ao longo de sua trajetória de vida, uma consciência mais ampla nesse aspecto, não há aqui a presença de quaisquer traços ou lapsos de um posicionamento crítico. No horizonte de possibilidades que é a narrativa, ela atua de forma automática dentro de sua existência, não conseguindo estabelecer reflexões mediante seu comportamento.

Em diálogo com Lispector (1977, p. 22) compreende-se que:

Depois de receber o aviso foi ao banheiro para ficar sozinha porque estava toda atordoada. Olhou-se maquinalmente ao espelho que encimava a pia imunda e rachada, cheia de cabelos, o que tanto combinava com sua vida. Pareceu-lhe que o espelho baço e escurecido não refletia imagem alguma. Sumira por acaso a sua existência física? Logo depois passou a ilusão e enxergou a cara toda deformada pelo espelho ordinário, o nariz tornado enorme como o de um palhaço de nariz de papelão.”

A comparação presente no trecho, relativa à combinação da pia com a vida do sujeito Macabéa, apela para o vislumbre da imagem de algo repugnante, inquirindo a semelhança do pavoroso com a existência errante da Nordestina.

O desempenho das nuances dessa descrição relaciona-se não somente com a pobreza material de sua vida, mas também com a sua miséria de espírito inserida nesse palco imundo, rachado pelas estruturas de poder.

O impasse para a formulação de uma análise seria a descrição dos cabelos submersos sobre a pia, como uma barreira que impedisse de enxergar esse panorama sujeira. Para tanto, o fato de inicialmente o espelho não refletir imagem alguma, pode-se interpretar como a consciência de *si*, enquadrada na construção de sua obra, uma vez não existindo, não há uma reflexão envergável em seu subconsciente.

Após voltar do inerte, enxerga sem nenhum conceito, ou até mesmo, discernimento, crítica em relação à situação que acaba de ser apresentada sobre sua possível demissão.

Vive e sabe que vive, mas não reage bem, como também não entende ou aplica uma reação para analisar. Na ocasião em que foi fazer uma consulta ao médico, é possível observar as características de inércia presentes em sua fraca existência.

Dentro da obra, Lispector (1977, p. 60) elenca que:

recebendo o salário, teve a audácia de pela primeira vez na vida (explosão) procurar o médico barato indicado por Glória. Ele a examinou, a examinou e de novo a examinou.

- Você faz regime para emagrecer, menina? Macabéa não soube responder.
 - O que você come?
 - Cachorro-quente.
 - Só?
 - Às vezes como sanduíche de mortadela.
 - Que é que você bebe? Leite?
 - Só café e refrigerante.
 - Que refrigerante?, perguntou ele sem saber o que falar. À toa indagou:
 - Você às vezes tem crise de vômito?
 - Ah, nunca!. exclamou muito espantada, pois não era doida de desperdiçar comida, como eu disse.
- O médico olhou-a tanto e bem sabia que ela não fazia regime para emagrecer.

O diálogo entre Macabéa e o médico em dada consulta consegue observar a conexão da submersão do contexto do sujeito, onde por meio de dados, é possível enxergar similitudes do cenário com sua atitude. Mediante a isso, assim como é em sua realidade tomada por ausências do escasso e físico, sua atitude de análise anda em conjunto com esse carecimento.

Conseguimos identificar, no caminho da narrativa, sobre a ausência da personagem quanto a suas perspectivas interiores. Lispector (1977) afirma: “Depois tudo passou e Macabéa continuou a gostar de não pensar em nada. Vazia, vazia.” Lispector (1977, p. 56), assim, o vazio aqui alude ao inabitado de sua reflexão crítica.

Na construção de *si*, perante o pensamento crítico, é definido pelo narrador, assim: “Há os que têm. E há os que não têm. É muito simples: a moça não tinha. Não tinha o quê? É apenas isso mesmo: não tinha. Se der para me entenderem, está bem. Se não, também está bem” Lispector (1977, p. 22). Desse modo, pode-se observar a repetição empregue pelo termo “não tinha”, imprimindo a ideia de inexistência, ou ausência, seja de consciência ou de questões materiais.

A identidade de Macabéa é marcada pela falta de discernimento, atitude analítica, condições financeiras, entre outros aspectos, sendo construída como um sujeito cujo caráter é marcado pela miséria em todos os aspectos de sua vida.

Seguindo com o cenário da consulta, é possível perceber o quanto é despreparado para compreender o peso das situações e como se posiciona de modo a entender o que o médico quer repassar, não só isso, apesar de não entender, vai embora com a dúvida.

Lispector (1977, p. 61) afirma :

Ele acrescentou irritado sem atinar com o porquê de sua súbita irritação e revolta:
 - Essa história de regime de cachorro-quente é pura neurose e o que está precisando é de procurar um psicanalista!
 Ela nada entendeu mas pensou que o médico esperava que ela sorrisse. Então sorriu.
 [...]
 Quando ele avisara que ia examiná-la ela disse:
 - Ouvi dizer que no médico se tira a roupa mas eu não tiro coisa nenhuma. passara-a pelo raio X e dissera
 - Você está com começo de tuberculose pulmonar.
 Ela não sabia se isso era coisa boa ou coisa ruim. Bem, como era uma pessoa muito educada,disse:
 - Muito obrigada, sim?

O amparo constante em extremas dificuldades, sob o viés interpretativo dos diálogos, denota Macabéa como um sujeito extremamente nécio, sua identidade analítica se assemelha a suas perspectivas de vida, das quais são inexistentes. A nordestina não entende a gravidade da situação na qual vive, a exemplo disso, vemos quando o médico lhe comunica que está com começo de tuberculose pulmonar, e ela, em resposta, agradece. Vemos, nesse aspecto, como sua ausência de consciência crítica afetou de maneira extremamente abrangente sua identidade analítica perante as situações.

Em meio a esse contexto, ela não compreende a seriedade da realidade que lhe vem sendo exposta, muito menos entende que tal estado é resultado de sua rotina maçante, bem como sua existência repleta de carências, vivendo no insalubre. O sujeito passivo, perante os horizontes da realidade que é a protagonista, vive aprisionada nesse contexto, vítima de uma história repleta de ausências, sendo ela fruto da defeituosa construção do assujeitamento. Provavelmente, assim como ela, haveria de ter outras, também fundadas nas bases da carência crítica, analítica e existencial.

Lispector (1977, p. 23) aponta que:

A moça tinha ombros curvos como os de uma cerzideira. Aprendera desde pequena a cerzir [...] Cerzideirinha mosquito. Carregar em costas de formiga um grão de açúcar. Ela era de leve como uma idiota, só que não o era. Não sabia que era infeliz. É porque ela acreditava. Em quê? Em vós, mas não é preciso acreditar em alguém ou em alguma coisa - basta acreditar. Isso lhe dava às vezes estado de graça. Nunca perdera a fé.

Podemos enxergar no discurso empregado na narrativa aspectos relacionados à protagonista, a qual está intimamente ligada à imagem preconceituosa fomentada e implantada pela sociedade da época. Considerando tal prerrogativa, é necessário destacar que, em linhas gerais, no âmbito contextual, a massa populacional oriunda do estado do nordeste ingressou com destino às grandes metrópoles buscando um estilo de vida melhor, o que é retratado de maneira breve no livro.

Dessa forma, a imagem de Macabéa é descrita através de como o sujeito é visto pelos grupos de poder, “costas de formiga”, “ombros curvos”, alusão ao verbo “Cerzir” relativo

ao tamanho do “mosquito” Lispector (1977, p. 23) aborda sua insignificância perante a visão social ou invisibilidade. Macabéa encontra-se em meio à grande cidade, em um estado automaticamente inconsciente de seu apetercer, já que nas bases de seus fundamentos foi doutrinada dessa forma, seu lugar social era tão minúsculo que seu grito foi silenciado.

Nessa perspectiva, Lispector (1977, p. 26) aborda:

Mas uma coisa descobriu inquieta: já não sabia mais ter tido pai e mãe, tinha esquecido o sabor. E, se pensava melhor, dir-se-ia que havia brotado da terra do sertão em cogumelo logo mofado. Ela falava, sim, mas era extremamente muda. Uma palavra dela eu às vezes consigo, mas ela me foge por entre os dedos. Apesar da morte da tia, ela tinha certeza que com ela ia ser diferente, pois nunca ia morrer.

Macabéa se encaixa nessa realidade de ausência de discernimento, onde a falta de presença crítica a proíbe de analisar ou questionar. Seu viver desacordado dialoga no reflexo da sua origem, bem como no conceber de seu *eu*, o qual em momento algum foi projetado com objetivos maiores do que a simples sobrevivência. Um aspecto inteiramente relevante a se destacar é o fato da moça em momento algum buscar ressignificações ou trazer interpretações variantes, pelo simples fato de acreditar que a vida da qual ela usufruiu até o momento era assim.

As perguntas feitas por Macabéa, sobre algo que escutou, que viu, ouviu ou desejava e não compreendia como chegar a ter, por vezes eram feitas vaziamente, ela buscava as respostas perguntando a Olímpico, seu namorado, que julgava ser mais inteligente que ela.

Lispector (1977, p. 44) mostra que:

Em pequena ela vira uma casa pintada de rosa e branco com um quintal onde havia um poço com cacimba e tudo. Era bom olhar para dentro. Então seu ideal se transformara nisso: em vir a ter um poço para ela. Mas não sabia fazer e então perguntou a Olímpico:

- Você sabe se a gente pode comprar um buraco?
- Olhe, você não reparou até agora, não desconfiou que tudo que você pergunta não tem resposta?

Quase sempre recebendo respostas grossas, seguia indagando, questionando sempre por realmente não compreender, por seguir sem ter ideia de como aconteceria depois, suas dúvidas ficavam sem respostas.

Presas nesse círculo vicioso de perguntar de maneira ampla, recebendo respostas mais rasas do que o detalhamento da pergunta, ela determinava para sua vida verdades, que não falava e as seguia como mandamentos sagrados.

Às vezes chegava a se questionar: “ Por falta de quem lhe respondesse ela mesma parecia se ter respondido: é assim porque é assim. Existe no mundo outra resposta? [...] Ela nascera com maus antecedentes e agora parecia uma filha de um não sei o quê com ar de se desculpar por ocupar espaço” Lispector (1977, p. 23).

O narrador Rodrigo S.M. traz afirmações relacionadas ao seu modo de existir, afirmando que seu diálogo com seu eu transpassa a perspectiva que tinha sobre os fatores ocorrerem porque a vida assim é.

Ainda na mesma perspectiva Lispector (1977, p. 24) esboça que:

Essa moça não sabia que ela era o que era, assim como um cachorro não sabe que é cachorro. Daí não se sentir infeliz. A única coisa que queria era viver. Não sabia para quê, não se indagava. Quem sabe, achava que havia uma gloriuzinha em viver. Ela pensava que a pessoa é obrigada a ser feliz. Então era. Antes de morrer ela era uma ideia? Antes de nascer ela era morta? E depois de nascer ela ia morrer? Mas que fina talhada de melancia

A retratação do sujeito em sua vaga consciência nos mostra que a inércia presente nas estruturas do *ser* de Macabéa liga-se em seu todo ao contexto morfológico de seu *eu*. Sua existência não dispunha de respostas, assim como suas vagas perguntas, simplesmente por existir em meio a um estado de acaso e incompreensão.

Dessa forma, conseguimos enxergar de maneira eloquente a representação de um estado inconsciente do sujeito, o qual caminha sobre a destreza da estrada da vida de maneira vendada, devido à sua ausência crítica. Permanece nesse cenário de extrema miséria, em modo automático. É expresso na história que ela não analisava a vida, acreditava que era feliz, apesar de não ter consciência do que é ser feliz.

Sua limitação de análise em meio a essas circunstâncias traz uma percepção ingênua acerca do que se passa ao seu redor, à vista disso, reage inocentemente. Sem embargo, não lhe caberia somente a sua vã existência, tal culpa, mas sim a construção de seu *eu* fruto desse contexto estrutural.

Lispector (1977, p. 27) afirma:

(Se o leitor possui alguma riqueza e vida bem acomodada, sairá de si para ver como é às vezes o outro. Se é pobre, não estará me lendo porque ler-me é supérfluo para quem tem uma leve fome permanente. Faço aqui o papel de vossa válvula de escape e da visa massacrante da média burguesia. Bem sei que é assustador sair de si mesmo, mas tudo o que é novo assusta. Embora a moça anônima da história seja tão antiga que podia ser uma figura bíblica. Ela era subterrânea e nunca tinha floração. Minto: ela era capim.) Dos verões sufocantes da abafada rua do Acre ela só sentia o suor, um suor que cheirava mal. Esse suor me parece de má origem. Não sei se estava tuberculosa, acho que não.

Enxergamos, de maneira nítida, que a presença do narrador Rodrigo S.M. traz apontamentos constantes no texto, ajudando a compreender melhor o desenvolvimento de dado sujeito na narrativa. Rodrigo S.M. exprime, em variados pontos, diálogos que aludem ao contexto de Macabéa, assim: “Será que meu ofício doloroso é o de adivinhar na carne a verdade que ninguém quer enxergar? Se sei quase tudo de Macabéa é porque já peguei uma vez de relance o olhar de uma nordestina amarelada” Lispector (1977, p. 51).

Há a presença constante na narrativa de metáforas relacionadas à ausência crítica, bem como, relacionando esse viés ao contexto de pobreza vivenciado pela nordestina. No trecho do qual indica, tem a comparação de Macabéa com o capim, “Ela era subterrânea e nunca tinha floração. Minto: ela era capim.” Lispector (1977, p. 27).

Desse modo, indica sua existência e contexto, ralos e subterrâneos. Em termos de conjuntura de condições, nos traz um viés de seu preparo com extremas dificuldades. A identidade analítica, extremamente ordinária da nordestina, é marcada por traços de repreensão. “A menina não perguntava porque era sempre castigada” Lispector (1977, p. 25), sendo castigada por indagar. Macabéa foi doutrinada a não perguntar, justamente para não apanhar.

Entretanto, a estratégia da tia elaborada, para “evitar que a menina viesse um dia a ser uma dessas moças que ficavam em Maceió nas ruas de cigarro aceso esperando homem” Lispector (1977, p. 25), ocasionou bloqueios críticos.

Lispector (1977, p. 25) delimita que:

mas nem tudo se precisa saber e não saber fazia parte importante de sua vida. Esse não-saber pode parecer ruim mas não é tanto porque ela sabia muita coisa assim como ninguém ensina cachorro a abanar o rabo e nem a pessoa a sentir fome; nasce-se e fica-se logo sabendo. Assim como ninguém lhe ensinaria um dia a morrer: na certa morreria um dia como se antes tivesse estudado a cor a representação do papel da estrela.

O não saber, como importância na vida de Macabéa, retrata o seu aspecto inocente perante a vida, as coisas que sabiam são abordadas como instinto de sobrevivência, assim, de modo automático, vivia, mesmo sem saber o que e como viver. Assim, de modo passível, aceita as situações. Em sua curta experiência, julga que não deve sequer formular análise, uma vez que a cultura de castigo incumbira em sua vida a postura despreocupada, uma vez reprimida, olhava com tranquilidade e acatava todos esses conceitos como um acaso do destino.

Se ergueu perante a formação do sujeito a ideia de que interrogar não era conveniente, deveria consentir de maneira frequente o que era estabelecido. Seguiu fixada nesse preceito, sem se dar conta de que fora inconscientemente pré-estabelecido, acabando por impossibilitar o amadurecimento de seus ideais como um sujeito crítico, impedindo de conectar-se ao interior da experiência de submersão de seu *eu*.

Seus desejos enquanto indivíduo, também eram podados ao decorrer de sua história, o que acarretou em aceitar as situações e reprimir seus anseios, assim como quando teve vontade de criar um animal.

Lispector (1977, p. 25) elenca que:

Quando era pequena tivera vontade intensa de criar um bicho. Mas a tia achava que ter bicho era mais uma boca para comer. Então a menina inventou que só lhe cabia criar pulgas pois não merecia o amor de um cão. Do contato com a tia ficara-lhe a cabeça baixa [...] Pois que a vida é assim: aperta-se o botão e a vida

acende. Só que ela não sabia qual era o botão de acender. Nem se dava conta de que vivia numa sociedade técnica onde ela era um parafuso dispensável.

A aceitação e o estado de passividade nos trazem a relação entre as consequências desse contexto na vida da protagonista, a qual, após a morte da tia, seguiu em uma linha constante de natureza interpsicológica, em meio ao seu próprio caos enquanto sujeito inserido nesse cenário. O seu viver permanece imóvel, sob sua própria ignorância e nela se basta, agindo limitadamente como se não houvesse novas entrelinhas dentre suas experiências para compreender.

Sem contato com alguém disposto a auxiliá-la, sua natureza reprimida não provoca a ideia de avanço, já que sua abrangência de interpretação era rasa, assim o desenrolar de sua história se perfila perante seus olhos sem que consiga perceber.

3.4 Reflexo do Estado de Adormecimento da Consciência Crítica de Macabéa na Visita à Cartomante

Ao nos aprofundarmos sobre a natureza da protagonista de “*A hora da estrela*”, percebemos as características que compõem os traços de sua personalidade, sobretudo a ausência crítica. O estado de inconsciência analítica do qual usufrui pode ser visto como um adormecimento perante as perspectivas do real.

Quando Macabéa decide visitar madama Carlota, percebemos o quanto seu senso de análise é fraco para as situações do dia a dia. O narrador Rodrigo S.M. constitui o percurso, do qual Macabéa faz para conversar com a Cartomante, bem como apresenta metáforas relativas ao posicionamento de seu foco.

Lispector (1977, p. 65) constitui que:

Não foi difícil achar o endereço de madama Carlota e essa facilidade lhe pareceu bom sinal. O apartamento térreo ficava na esquina de um beco e entre as pedras do chão crescia capim - ela o notou porque sempre notava o que era pequeno e insignificante. Pensou vagamente enquanto tocava a campainha da porta: capim é tão fácil e simples. Tinha pensamentos gratuitos e soltos porque embora à toa possuía muita liberdade interior.

Rodrigo S.M. alude à vegetação rasteira para referir-se à perspectiva de Macabéa, quando o narrador se refere ao mato entre as pedras, aborda a consciência da personagem, por sua vez, assemelha-se à vegetação que ali brotou, rasteira e insignificante. É possível notar que os pensamentos gratuitos de Macabéa nunca a levam a lugar algum, não há intuito de reflexão, sendo algo jogado ao vento sem muita análise e interpretação, logo oscila constantemente sobre outras irrelevâncias.

O diálogo empregue com a madama Carlota, bem como as reações da Nordestina perante o que narra a cartomante sobre sua vida, repercute de modo harmônico com que é empregue nas afirmações que realiza o narrador Rodrigo S.M.

Constantemente, ao decorrer do livro, se refere à linha de análise Crítica da personagem, quando infere Lispector (1977): “Quanto à moça, ela vive num limbo impessoal, sem alcançar o pior nem o melhor.” Lispector (1977, p. 20).

Dado o exposto, inicia-se o diálogo entre madame Carlota e Macabéa, são apresentados pontos relevantes da vida da Cartomante para a nordestina, desse modo, mostrando o contraste da sagacidade discursiva da madame em relação à nordestina.

Lispector (1977, p. 66) afirma que:

-Não tenha medo de mim, sua coisinha engraçadinha. Porque quem está ao meu lado, está no mesmo instante ao lado de Jesus.

E apontou o quadro colorido onde havia exposto em vermelho e dourado o coração de Cristo.

-Eu sou fã de Jesus. Sou doidinha por Ele. Ele sempre me ajudou. Olha, quando

eu era mais moça tinha bastante categoria para levar vida fácil de mulher. E era fácil mesmo, graças a Deus. Depois, quando eu já não valia muito no mercado, Jesus sem mais nem menos arranhou um jeito de eu fazer sociedade com uma coleguinha e abrimos uma casa de mulheres. Ai eu ganhei dinheiro e pude comprar este apartamentozinho térreo. Larguei a casa de mulheres porque era difícil tomar conta de tantas moças que só faziam era querer me roubar. Você está interessada no que eu digo?

-Muito.

-Pois faz bem por que eu não minto. Seja também fã de Jesus porque o salvador salva mesmo.

No diálogo entre as personagens, é possível observar de maneira bem frequente a abordagem da figura do divino por parte da cartomante. A madame Carlota busca uma aproximação trazendo uma ideia de segurança e verdade, sobretudo quando tenta reafirmar-se sob a afirmação do ato de não mentir.

A reação de Macabéa por sua vez, é das mais passivas, uma vez que pouco entende o que a cartomante descreve em seu monólogo centrado em seu passado, escuta com o espectro de adormecimento, pois só consegue decodificar a situação.

Carlota tenta passar a ideia de honestidade para a nordestina, justificando sua prática com o nome da divindade, Macabéa por sua vez. Detida em seu estado de adormecimento de consciência crítica, não questiona, não dá uma réplica e tão pouco pede explicações, pelo contrário, acata tudo como verdade absoluta, pois desconhece o ato de analisar.

Em seu diálogo com Macabéa, Carlota faz o uso do nome de Jesus para justificar seu ofício como cartomante, apontando que, apesar de a polícia não permitir que ela faça as leituras, ela desobedece por que está respaldada pelo divino.

Em diálogo na obra *Lispector* (1977, p. 66) traz em suas personagens:

- Olhe, a polícia não deixa pôr cartas, acha que estou explorando os outros mas, como eu disse, nem a polícia consegue desbancar Jesus. Você notou que Ele até me conseguiu dinheiro para ter mobília de grã-fino?
- Sim senhora
- Ah, então você também acha, não é? Pelo que vejo você é inteligente, ainda bem, porque a inteligência me salvou.

Nas entrelinhas do diálogo, se destaca o quão manipulável é Macabéa, ela não consegue argumentar e, com sua instrução para vida, também não pensa em uma resposta, sequer imagina em questionar o que afirma a mulher à sua frente.

As falas proferidas por Macabéa em seu diálogo se resumem, onde denota *Lispector* (1977) em: “Sim senhora” *Lispector* (1977, p. 66), “não senhora” *Lispector* (1977, p. 67)”. Para tanto, Macabéa escuta o discurso da cartomante, que justifica o ofício como algo iluminado por Jesus Cristo, o que para ela está tudo bem, pois não conhece as divindades e para ela são algo distante.

Madama Carlota a qualifica como um ser inteligente, por perceber o quão rasa é a sua linha crítica e quão inocente é para as situações de diálogo.

O cenário nos apresenta uma ilustração das relações sociais na vida da Nordestina, em outras palavras, como ela reage na compreensão de seu contexto situacional no discurso do outro.

Em estado de dormência crítica, dialogando com o mundo de modo de quem decodifica as informações, somente para saber o momento de falar algo, seja por educação ou como resposta, sem nenhuma intenção a mais de valor em seu discurso, assim sucede o diálogo entre as personagens.

No decorrer do diálogo entre Carlota e Macabéa, é feita a alusão perante o medo e o peso das palavras, onde a cartomante afirma não ter o temor de posicionar as coisas como realmente são.

Ainda na perspectiva do mesmo cenário Lispector (1977, p. 68) :

- Depois, quando eu já estava ficando muito gorda e perdendo os dentes, é que me tornei caftina. Você sabe o que quer dizer caftina? Eu uso essa palavra porque nunca tive medo de palavras. Tem gente que se assusta com o nome das coisas. Vocezinha tem medo de palavras, benzinho?
- Tenho, sim senhora.
- Então vou me cuidar para não escapulir nenhum palavrão, fique sossegada.

Medo de palavras aqui empregado remete ao termo “caftina” abordado por Madama Carlota, entretanto, ao explanar a possibilidade de um pavor das palavras.

Macabéa existe sob o espectro de inconsciência do real ou de significado, tem medo de palavras, mas não sabe de quais.

O medo de palavras indica, aqui, o receio de entender o significado das coisas, seu estado de adormecimento crítico impede que consiga se desenvolver em meio a sua carência, fazendo alusão à exposição das coisas como são. Ter medo de palavras abrange o medo como causa do que não conhece. Macabéa, tem medo de entender, ou não entende por que tem medo.

Em suas estruturas críticas, não é possível ver maiores esperanças de ultrapassar a barreira do conhecer a *si* enquanto sujeito, ou dominar brevemente a interpretação, sua vida se encontra protegida em uma bolha do autodesconhecimento de seu *eu*, ocasionando impedimentos sobre maiores perspectivas no que lhe cerca.

A ida de Macabéa à cartomante delinea o quão suas concepções de vida são insuficientes para seu desenvolvimento, o desejo expresso de ter de ouvir de um estranho para saber se tem futuro, demonstra o ângulo em que seu olhar se posiciona.

Para tanto, é visto que nunca havia reflexionado sobre questões tão óbvias em seu cotidiano, das quais ela mesma vive, havendo a necessidade de buscar uma direção de alguém, auxílio esse do qual ela nunca teve.

Saber se tinha destino é o motivo pelo qual Macabéa busca a leitura das cartas, uma vez que, para ela, seria a primeira vez que saberia de fato sobre alguma perspectiva para sua vida. Desse modo, o cenário descrito figura como o ponto alto de sua existência.

Lispector (1977, p. 68) esboça:

Finalmente, depois de lamber os dedos, madama Carlota mandou-a cortar as cartas com a mão esquerda, ouviu, minha adoradilha? Macabéa separou um monte com a mão trêmula: pela primeira vez ia ter um destino. Madama Carlota (explosão) era um ponto alto na sua existência. Era o vórtice de sua vida e esta se afunilara toda para desembocar na grande dama cujo ruge brilhante dava-lhe à pele uma lisura de matéria plástica.

A leitura das cartas é quase como um presente para Macabéa, em seu campo de visão, simboliza a receita para que sua vida tivesse uma reviravolta, o percurso a se seguir para ter um futuro. A visita à cartomante é extremamente primordial por mostrar como as perspectivas interiores estão posicionadas no campo da realidade, necessitando de um direcionamento para saber se tem destino ou não, orientação essa que nunca teve.

A construção de seu diálogo reafirma o estado de adormecimento crítico na dada cena, onde se nota a ausência de desenvolvimento da consciência do sujeito, devido a suas bases críticas terem sido forjadas desestruturadamente perante a realidade.

A partir do que revela madama Carlota sobre seu contexto, do qual Macabéa nunca se debruçou para analisar, apresenta-se aqui uma grande descoberta para a nordestina.

Em diálogo com Lispector (1977, p. 68), a autora esboça na obra:

A madama de repente arregalou os olhos.

- Mas, macabeazinha, que vida tão horrível a sua! Que meu amigo Jesus tenha dó de você, filhinha! Mas que horror!

Madame Carlota enxerga nesses momentos a vida de Macabéa mediante as cartas, acrescentando o desejo de Jesus se compadecer de sua existência. Nessa perspectiva, utiliza-se o termo “Macabeazinha” Lispector (1977, p. 68) para fazer uma alusão ao sentimento de compaixão em tal discurso.

O adormecimento de sua consciência, exposto na ocasião para Macabéa, provoca no leitor a certeza de sua inércia, a exemplo disso quando é citado ainda por Carlota que sua tia lhe era madrasta má, pois nunca havia conseguido perceber no discurso e atitudes de sua Tia os maus-tratos sofridos. Assim, ao escutar o que afirma, Carlota, Macabéa entra em choque.

Lispector (1977, p. 68) esboça na obra:

Macabéa empalideceu: nunca lhe ocorrera que sua vida fora tão ruim. Madama acertou tudo sobre o seu passado, até lhe disse que ela mal conhecera pai e mãe e que fora criada por uma parente muito madrasta má. Macabéa espantou-se com a revelação: até agora sempre julgara que o que a tia lhe fizera era educa-la para se tornar uma moça mais fina.

O choque de realidade provoca em Macabéa um leve súbito, mesmo que por instantes de consciência dentro de sua vida, apesar de tal sentimento repentino ter se desenrolado somente com o auxílio da Cartomante, indicando a necessidade de incentivo e orientação para preencher a lacuna de sua análise. Apesar de presa nesse limbo cercado de impessoalidade, Macabéa realiza um leve flerte para despertar, nas revelações que realiza madama Carlota, teve um lapso de consciência, sendo possível isso por ter o contato com alguém mais analítico que ela.

O despreparo crítico está associado ao pouco contato com indivíduos fora desse prisma. É notório que, dentro de seu contexto, as pessoas que cercam Macabéa vão além de sua perspectiva. Ela até abrange certa consciência do quadro situacional de tal realidade, apesar disso, não fazem muita questão de entender ou analisar essa conjuntura. Para tanto, é notório que esses sujeitos vivem somente pela sobrevivência, não buscando uma nova perspectiva mais consciente desse espaço.

As reflexões que fazem madame Carlota influenciam no rasgar das verdades que Macabéa não enxerga sobre sua vida, algo que ela precisava ouvir e entender sobre o seu presente.

Lispector (1977, p. 69) constrói que :

Madama acrescentou

- Quanto ao presente, querida está horrível também. Você vai perder o emprego e já perdeu o namorado, coitada de voezinha. Se não puder, não me pague a consulta, sou uma madama de recursos. Macabéa, pouco habituada a receber de graça, recusou a dádiva mas com o coração todo grato.

Na fala, o “você” é utilizado no diminutivo por Madame Carlota, tal qual o emprego feito no diálogo anterior de “Macabeazinha” Lispector (1977, p. 68). Novamente, há o emprego em sua fala dos sentimentos de piedade para com Macabéa, tanto que oferece a consulta de graça, e a nordestina, mesmo ouvindo que perderá o emprego, recusa.

Macabéa não procurava refletir, realmente porque não sabia ou não teve maiores incentivos, assim tornara-se um sujeito assujeitado. O contato com alguém que expusesse a realidade, à sua frente, demonstra que, com uma troca de experiências, poderia se desenvolver e acordar dentro de sua realidade. Nessa perspectiva, é notório que a visita à Madama Carlota deixa questões de sua vida bem claras, temas dos quais ela ainda não havia se dado conta de que precisava saber, ou sequer imaginava existirem.

Em dado momento, Carlota faz uma reviravolta nas previsões para Macabéa, de modo que narra os acontecimentos dando a entender que algo ótimo estaria para acontecer na vida na nordestina.

Assim, Lispector (1977, p. 69) pontua:

E eis que (explosão) de repente aconteceu: o rosto da Madama Carlota se acendeu todo Iluminado:

- Macabéa! Tenho grandes notícias para lhe dar! Preste atenção, minha flor, porque é da maior importância o que vou lhe dizer. É coisa muito séria e muito alegre: sua vida vai mudar completamente! E digo mais: Vai mudar a partir do momento que você sair da minha casa! Você vai se sentir outra. Fique sabendo, minha florzinha, que até o seu namorado vai voltar e propor casamento, ele está arrependido! E seu chefe vai lhe avisar que pensou melhor e não vai mais lhe despedir!

Apesar de ter tido um lapso de realidade ao ter contato com Madama Carlota, o fato de Macabéa acreditar cegamente no que infere a cartomante nos mostra como sua imprecisão analítica está implantada dentre as características de seu *eu*. A adoção, discurso de madame como uma verdade absoluta, é como uma esperança para a vida da moça, apresenta-se como a perspectiva da qual tanto ansiava, descobrir se tinha destino.

A perspectiva tanto quanto limitada impede de enxergar questões relacionadas intimamente à sua própria vida, portanto, a prosa da enredadeira, que utiliza de sua facilidade de persuasão para embolsar o dinheiro de suas clientes, culmina por envolvê-la sem muita dificuldade.

Apesar disso, constituem bons sinais para Macabéa uma vez que, o lapso de discernimento demonstrado nesse episódio, demonstra que Macabéa mesmo não tendo muito senso crítico, consegue reconhecer alguns pontos de sua realidade mesmo desconhecendo-os. Não só isso, mas abre espaço para demonstrar que poderia se desenvolver com o auxílio de alguém.

A construção do discurso de madame Carlota abre espaço para um sentimento do qual Macabéa não tinha, a esperança, o que abre espaço para conseguir sonhar.

Lispector (1977, p. 70) esboça:

Macabéa nunca tinha tido coragem de ter esperança. Mas agora ouvia a madama Carlota como se ouvisse uma trombeta vinda dos céus - enquanto suportava uma forte taquicardia. Madama tinha razão: Jesus enfim prestava atenção nela. Seus olhos estavam arregalados por uma súbita voracidade pelo futuro (explosão). E eu também estou com esperanças enfim.

- E tem mais! Um dinheiro grande vai lhe entrar pela porta adentro em horas da noite trazido por um homem estrangeiro. Você conhece algum estrangeiro?

- Não senhora, disse Macabéa já desanimando.

- Pois vai conhecer. Ele é alourado e tem olhos azuis ou verdes ou castanhos ou pretos. E se não fosse gringo porque você gosta de seu ex- namorado, esse gringo ia namorar você. Não! Não! Não! Agora estou vendo outra coisa (explosão) e apesar de não ver muito claro estou também ouvindo a voz do meu guia: esse estrangeiro parece chamar Hans, e é ele quem vai casar com você! Ele tem muito dinheiro, todos os gringos são ricos. Se não me engano, e nunca me engano ele vai lhe dar muito amor e você, minha enjeitadinha, você vai se vestir com veludo e cetim e até casaco de pele vai ganhar!

O discurso empregue por madama Carlota pode ser analisado por vários prismas: Existe a possibilidade de preservar as fracas emoções de Macabéa. No percurso das entrelinhas do diálogo que é construído, é possível observar que a personagem acaba por acreditar na prosa da Cartomante, tanto que, ao fim da consulta, vai impulsivamente em busca de seu “destino” com grandes expectativas e esperanças. Assim, o discurso poderia ter sido empregado para dar essa fantasia à nordestina, mesmo a madame sabendo que isso não iria acontecer.

Uma segunda probabilidade é de Carlota conseguir dialogar com as cartas, onde enxerga essa realidade e decide passar o ideal de conforto para a Nordestina. Durante o diálogo, Macabéa atinge por um momento o lapso da consciência com o choque de sua realidade, assim as falas referentes ao seu contexto, trazem uma reflexão para ela. Ao proferir no diálogo, como aponta Lispector (1977) em: “Mas, macabeazinha, que vida tão horrível a sua! Que meu amigo Jesus tenha dó de você, filhinha! Mas que horror!” Lispector (1977, p. 68), Carlota percebe que teria feito uma grande revelação para ela e retrocede em seu discurso, de modo a poupá-la da realidade da qual desconhece.

Uma terceira possibilidade seria que Carlota o fez com o intuito de obter a quantia da sessão, pois havia oferecido gratuitamente, mesmo a nordestina tendo recusado. A revelação poderia ter sido feita para assegurar o pagamento referente ao serviço.

O discurso de madame Carlota está atrelado à explanação do presente de Macabéa. Ao se fazer notar o pouco senso de análise da nordestina, a cartomante se empenha no contexto dentro de tal manifestação oral, percorrendo o caminho que acredita que seja mais benéfico para a personagem.

Nessa perspectiva, a fala de Carlota causa excessiva felicidade nas estruturas de Macabéa, anima-se tanto com o discurso que chega a tremelicar.

Assim, no que afirma Lispector (1977, p. 70) :

Macabéa começou (explosão) a tremelicar toda por causa do lado penoso que há na excessiva felicidade. Só lhe ocorreu dizer

- Mas casaco de pele não é precisa no calor do Rio...
- Pois vai ter só pra enfeitar. Faz tempo que não boto cartas tão boas. E sou sempre sincera: por exemplo, acabei de ter a franqueza de dizer para aquela moça que saiu daqui que ela ia ser atropelada, ela até chorou muito, viu os olhos avermelhados dela? E agora vou lhe dar um feitiço que você deve guardar dentro deste sutiã que quase não tem seio, coitada, bem em contato com sua pele.

Existe a indicação na narrativa de que possivelmente Madama Carlota tenha realizado uma troca em suas predições sobre o futuro ou teria possivelmente ocultado a verdade de Macabéa, para assim não ocasionar certo temor para a nordestina.

O deleite no delírio de um futuro, cujo enfim alguém lhe desse a esperança de realmente ter algum, enche Macabéa de inúmeras fantasias, tinha enfim algo para sonhar e aguardar, uma nova experiência que vivenciaria em sua vida, algo que ainda não havia experimentado em sua existência. Sai da cartomante com um brilho que antes não tinha.

Seguindo a perspectiva de Lispector (1977, p. 71) :

Saiu da casa da cartomante aos tropeços e parou no beco escurecido pelo crepúsculo - crepúsculo que é hora de ninguém. Mas ela de olhos ofuscados como se o último final da tarde fosse mancha de sangue e ouro quase negro. Tanta riqueza de atmosfera a recebeu e o primeiro esgar da noite que, sim, sim, era funda e faustosa. Macabéa ficou um pouco aturdida sem saber se atravessaria a rua pois sua vida já estava mudada. E mudada por palavras - desde Moisés se sabe que a palavra é divina. Até para atravessar a rua, ela já era outra pessoa. Uma pessoa grávida de futuro.

O delírio por conhecer o significante do termo felicidade a entretém, o fato de pensar que enfim ouvira tantas predições boas para a sua vida lhe soa mais interessante do que pensar em seu contexto, a sua consciência crítica permanece adormecido, mesmo assim tem algo por que sonhar. Nessa perspectiva, deixa de lado a revelação feita por Carlota sobre seu presente, acarretando não refletir sobre a fala da cartomante, atentando-se somente na predição feita sobre as dádivas de um bom futuro.

Macabéa não foi instruída para a vida, muito menos sob as perspectivas da interpretação, este fato a prejudicou, caso sua postura fosse mais diversificada e tivesse de dado modo, experimentado mais incentivo para a formação de uma identidade analítica, seria possível que sua consciência enquanto sujeito tivesse aflorado. O bloqueio analítico se emprega nas conjecturas de seu *eu*, sendo para ela de grande atraso. Esse traço no cenário explanado a beneficiou, dando certa satisfação com a prosa da cartomante.

Para Macabéa, as palavras sempre lhe eram relativas a castigos, sua pobre natureza interpretativa sempre trouxe nesse aspecto o não entendimento delas. Madama Carlota traz consigo algo que desconhece, nesse instante, eram para Macabéa como uma sentença de vida ao invés de morte, direito esse que ela julgava não ter ou não chegou a pensar como seria tê-lo. Não pensa o que seria o futuro, nem como traçar metas para tê-lo de melhor maneira.

Em diálogo com a obra Lispector (1977, p. 72) :

Sentia em si uma esperança tão violenta como jamais sentira tamanho desespero. Se ela não era mais ela mesma, isso significava uma perda que valia por um ganho. Assim como havia sentença de morte, a cartomante lhe decretara sentença de vida. Tudo de repente era muito e muito e tão amplo que ela sentiu vontade de chorar. Mas não chorou: seus olhos faiscavam como o sol que morria.

A predição realizada pela cartomante, apesar de trazer um ar de esperança, demonstra o estado de adormecimento crítico e pouca consciência do contexto real para a nordestina, essa condição vivenciada dentro o trilhar de sua vida sempre a impediu de maiores reflexões. Assim, as circunstâncias se posicionaram dentro de sua vida de modo a formar impedimentos ou barreiras para o seu crescimento e amadurecimento pessoal.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da história, é visto constantemente a invisibilidade expressa no contexto, onde há a demonstração abrangentemente de como se posiciona Macabéa perante as situações do cotidiano, pouco tem consciência de seu existir, enfrenta constantemente o desprezo da realidade por sua condição periférica. O cenário da existência de Macabéa enquanto sujeito, visto em um estado de adormecimento crítico na construção de sua vida, demonstra grande déficit enquanto um ser humano capaz de pensar e analisar, vestígios de sua ausência de si enquanto protagonista de sua narrativa.

A estrela invalidada com uma existência insignificante e miserável tem a consciência como dona de si comparada ao capim em diversas passagens do livro, seu sofrimento se dá de modo passível dentre as suas experiências, a luta na cidade conquistável de modo inaudível, sem esperanças ou maiores perspectivas. A construção de Macabéa em suas bases críticas, tem um leve fim em si mesma enquanto sujeito, não abrangendo grandes interpretações sobre sua vida. Seu instinto, como o de um animal, era pela sobrevivência, mas mesmo perecendo, difere-se dos animais, pois suportava o naufrágio de sua vida muda.

A história da nordestina é desenhada entre o verdadeiro e o fantasioso, além de pendurar entre a necessidade e o desconhecimento, seu adormecimento crítico a prejudica constantemente, sendo um fator que a posiciona como uma vítima na teia inescapável da grande metrópole.

As chances são quase nulas para a personagem, uma vez permeada nesse contexto, despreparada, sem instruções e sem ninguém para estender a mão ou até mesmo dar um sorriso. Macabéa enfrenta sozinha a vida, nunca teve um amplo desenvolvimento enquanto sujeito para progredir, mesmo pertencendo a uma fatia marginalizada da sociedade.

A relutância por um sopro de vida, mesmo nesse estágio, é característica de instintos de sobrevivência, aspectos de todos os seres humanos ou até mesmo dos animais. Com o trilhar que percorre nas páginas de sua narrativa, é visto que ela busca se erguer do chão, mas também de seu estado de ausências. Os vestígios da existência marcados pelo desconhecimento de si enquanto um sujeito marcam Macabéa, a sua história trata de uma mensagem, mediante ao sujeito presente em tal contexto acordar para a sua existência.

Para Macabéa, enquanto um sujeito assujeitado, não havia espaço nas conjunturas da sociedade, ela invisibilizada pelo sistema, sem qualquer preparo para a vida, não tem outra escolha senão seguir levando a vida como pode, sua história é o resultado do esboço de reflexões relativas a esse cenário social.

O florescer como o fim do adormecimento crítico do sujeito, nada mais é do que o símbolo de entender a mensagem que carrega “A hora da Estrela”, trazendo a ideia de um renascimento para uma liberdade de uma vida que foi cercada de privações, e até mesmo de grandes escuridões existenciais. Com pouca ou quase nenhuma instrução, Macabéa não teria grandes chances, a não ser que convivesse e pudesse partilhar de experiências que contribuíssem para um crescimento pessoal, o que era quase impossível, visto que no meio da metrópole ninguém olhava para ela.

Macabéa além de órfã, sobrevivia apenas sob o espectro de sua própria presença infundada, sua única companhia era seus próprios pensamentos desconexos, mesmo estando cercada de gente, nem seu namorado parecia se importar com ela ao ponto de ter paciência de explicar as coisas pelas quais ela não entendia. Existe nessa narrativa, a ausência de alguém que a olhe com mais compaixão, pois sua existência é pisada mediante sua inocência.

O peso da luz da estrela, aborda sobre o desfecho de Macabéa enquanto protagonista, entretanto em sua narrativa deixa um grito mudo, uma reflexão e uma mensagem, a virgindade da personagem ultrapassam as fronteiras do carnal, ela era pura de consciência, não tinha maldade e buscava apenas a própria sobrevivência. Equivalente a um animal, que também existe nessa perspectiva e não tem maldade, não se conhecia e exprimia sua relação com a realidade de modo adormecido, há no simbolismo de sua vida o equivalente para a sua libertação das grades que ela vivia. Ao instante do fim de suas angústias, como uma caixa de música que termina sua triste melodia.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Emilia. **Para amar Clarice**: como descobrir e apreciar os aspectos mais inovadores de sua obra. 1ª edição . ed. São Paulo: Faro Editorial, 2017. 159 p. ISBN 978-85-9581-000-6.

AZEVEDO, Guilherme. **O ESPAÇO DO FEMININO NO ROMANCE DE INTROSPECÇÃO BRASILEIRO: A PRESENÇA DA MULHER E DO PATRIARCALISMO EM TRÊS ROMANCES DE CORNÉLIO PENNA**. Porto Alegre, 2011. Disponível em:
file:///C:/Users/Cliente%20PCS/Desktop/TCC/nova%20leva/O%20ESPA%C3%87O%20D O%20FEMININO%20NO%20ROMANCE%20DE.pdf

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2015

CANDIDO, Antonio. **A personagem de Ficção**. 2ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 1968. Disponível em:
file:///C:/Users/Cliente%20PCS/Desktop/TCC/nova%20leva/Antonio_Candido_e_Outros_-_A_personagem_de_ficcao_.pdf-rev-120200509-104928-lw0u5r-libre.pdf

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9ª edição. Rio de Janeiro: Editora Ouro sobre Azul, 2006. Disponível em:
file:///C:/Users/Cliente%20PCS/Desktop/TCC/nova%20leva/Aula_2_Candido_Literatura%20e%20Sociedade.pdf

FRIEDMAN, Norman. **O ponto de vista na ficção**, o desenvolvimento de um conceito crítico. Trad. de Fábio Fonseca de Melo. Revista USP. São Paulo, 2002. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revusp/article/view/33195/35933>

GANCHO, Cândida Vilares. **Como Analisar Narrativas**. São Paulo: Duetto, 1995

GOMES, Cristiane. **CLARICE LISPECTOR: AS VÁRIAS PERSONAS POR TRÁS DAS CORRESPONDÊNCIAS**. Uberlândia, 2013. Disponível em:
<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/11863/1/Cristiane%20Augusta.pdf>

JATOBÁ, Vivian Resende. **Clarice Lispector e descoberta do mundo**. Brasília: Universidade, 2015. Disponível em:
file:///C:/Users/Cliente%20PCS/Desktop/TCC/nova%20leva/ClariceLispector_WEB24H.pdf

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. 1ª edição . ed. rev. Rio de Janeiro: Rocco, 2020. 88 p. ISBN.978-65-5532-035-0

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O foco narrativo (ou A polêmica em torno da ilusão)**. São Paulo: ática, 2002. Disponível em:
<https://teoriadaliteraturaifb.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/07/texto-02-o-foco-narrativo-ligia-chiapinni.pdf>

MIGNOLO, Walter. **EL PENSAMIENTO DECOLONIAL: DESPRENDIMIENTO Y APERTURA**

Un manifesto. Bogotá. Siglo del Hombre Editores, 2007. Disponível em: <file:///C:/Users/Cliente%20PCS/Desktop/TCC/nova%20leva/El-giro-decolonial-1.pdf>

MIGNOLO, Walter. OLIVEIRA, Marcos. **COLONIALIDADE** O lado mais escuro da modernidade. 2016. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbsoc/a/nKwQNPrx5Zr3yrMjh7tCZVk/?format=pdf&lang=pt>

MOISÉS, Massaud. **A análise Literária**. 17ª edição . ed. rev. São Paulo: Cultrix, 2007. 266 p. Disponível em: http://jail.mp2.macomnet.net/massaud_moises-a_analise_literaria.pdf

NUNES, Benedito. **O tempo na Narrativa**. 2ª edição. São Paulo: Editora Ática S.A, 1995. Disponível em:

<file:///C:/Users/Cliente%20PCS/Desktop/TCC/nova%20leva/benedito-nunes-o-tempo-na-narrativa.pdf>

PINHEIRO, Hélder. **Pesquisa em literatura**. 2ª edição . ed. rev. Campina Grande: Bagagem, 2011. 184 p. ISBN 85-89254-06-2.

ROSENBAUM, Yudith, **Clarice Lispector: Folha Explica**. 1ª edição. Publifolha, 2002. Disponível em :

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5676778/mod_resource/content/1/Clarice%20Lispector.pdf

SIBILA, Paula. **O SHOW DO EU: Subjetividade nos gêneros confessionais da Internet**. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em:

<file:///C:/Users/Cliente%20PCS/Desktop/TCC/nova%20leva/686522.pdf>

SILVA, Agnaldo Rodrigues. **Teoria Literária: Poética e Teatro**. Cáceres: UNEMAT, 2015. Disponível:

file:///C:/Users/Cliente%20PCS/Desktop/TCC/nova%20leva/livro_teorias_literarias_agнал.pdf